

P I O N E I R O S D A P S I C O L O G I A

Nise da Silveira

Edição
Revisada e
Ampliada

liberdade,
atividade,
afetividade



Walter Melo



Memória
da Psicologia
Brasileira



Conselho
Federal de
Psicologia

P I O N E I R O S D A P S I C O L O G I A

Nise da Silveira

Edição
Revisada e
Ampliada

liberdade,
atividade,
afetividade

Walter Melo


Memória
da Psicologia
Brasileira


Conselho
Federal de
Psicologia

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA

XIX Plenário Gestão 2023-2025

Diretoria

Alessandra Santos de Almeida - Presidente
(vice presidente entre 23/4/2024 e 12/06/2025)
Izabel Augusta Hazin Pires - Vice-presidente
(secretária de 16/12/2022 a 12/06/2025)
Rodrigo Acioli Moura - Secretário
(a partir de 13/06/2025)
Neuza Maria de Fátima Guareschi - Tesoureira
(a partir de 13/06/2025)

Conselheiras(os)

Antonio Virgílio Bittencourt Bastos
Carla Isadora Barbosa Canto
Carolina Saraiva
Célia Mazza de Souza
(tesoureira de 16/12/2022 a 12/06/2025)
Clarissa Paranhos Guedes
Evandro Moraes Peixoto
Fabiane Rodrigues Fonseca
Gabriel Henrique Pereira de Figueiredo
Ivani Francisco de Oliveira
(vice-presidente de 16/12/2022 a 19/04/2024)
Jefferson de Souza Bernardes
Juliana de Barros Guimarães
Maria Carolina Fonseca Barbosa Roseiro
Marina de Pol Poniwas
Nita Tuxá
Pedro Paulo Gastalho de Bicalho -
(presidente de 16/12/2022 a 12/06/2025)
Raquel Souza Lobo Guzzo
Roberto Chateaubriand Domingues
Rosana Mendes Éleres de Figueiredo

Informações da Edição

Coordenação Geral/ CFP

Emanuelle Santos Silva – Coordenadora-Geral Estratégica
Rafael Taniguchi – Coordenador-Geral Executivo

Gerência de Comunicação

Marília Mundim da Costa – Gerente
Raphael de Oliveira Gomes – Supervisor

Gerência Técnica

Camila Dias de Lima Alves (Gerente)
Carolina Pereira Barbosa (Assessora)

Projeto Gráfico e Diagramação: Diego Soares

Revisão ortográfica: Mariana de Carvalho (Editora Gm Editorial).

Fotos da capa: Arquivo do Museu de Imagens do Inconsciente

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

M528n
1.ed. Melo, Walter
Nise da Silveira [livro eletrônico] : liberdade, atividade afetividade / Walter Melo ; [editor, organização e coordenação] Conselho Federal de Psicologia. -- 2.ed. rev. e ampl. -- Brasília, DF : Conselho Federal de Psicologia, 2025.
PDF
Bibliografia.
ISBN 978-65-84219-00-7
1. Experiências - Relatos. 2. Histórias de vidas. 3. Psiquiatras - Brasil - Biografia. 4. Psiquiatras - Práticas. 5. Silveira, Nise Magalhães da, 1905-1999. I. Conselho Federal de Psicologia. II. Título.
10-2025/38 CDD 616.890092

Índice para catálogo sistemático:

1. Psiquiatras : Biografia e obra 616.890092

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Walter e Neuza, *meus pais*.
Tácito e Douglas, *meus irmãos*.
Sanny, *meu amor*.

AGRADECIMENTOS

Este livro apresenta, de maneira suave, as diretrizes e os fundamentos do trabalho desenvolvido por Nise da Silveira. Trabalho com o qual colaborei, continuo colaborando e que inspirou a minha presença em algumas instituições de saúde mental e, nas duas últimas décadas, na Universidade. Nesse longo percurso, tenho que agradecer a muitas pessoas.

Em primeiro lugar, a Ademir Pacelli Ferreira, presença constante desde o meu período de estudante de graduação em psicologia até os dias de hoje.

Sheila Orgler, que sempre abriu as portas. Heliana Conde, pelo carinhoso convite. Ana Maria Jacó-Vilela, pelos diversos convites para colaborar em trabalhos de história da psicologia, inclusive este.

Maria Senhoria, José Basto, Helena Veloso, Rosa Alba Sarno Oliveira, Aline Carvalho, Alice Marques dos Santos, Nise da Silveira, pelo afeto catalisador. Luiz Carlos Mello, Eurípedes Gomes da Cruz Junior, Gladys Schincariol e toda equipe do Museu de Imagens do Inconsciente, por essa escola de liberdade.

Gina Ferreira e Lula Wanderley, pela relação corpo-arte-vida. Pedro Gabriel Delgado e Neli Almeida, pelo período no Instituto Franco Basaglia. Eduardo de Carvalho Rocha, Maritelmá Vieira dos Santos, Suely Azevedo Costa, pela reserva de tempo. Espaço Artaud e Os Nômades, pelos tempos inspiradores. Paulo Amarante e Iracema Polidoro pela firmeza em manter os princípios do movimento da luta anti-manicomial. Maria do Carmo Cintra de Almeida Prado, pelo apoio irrestrito. Jaime Lisandro Pacheco, pela genialidade na condução de grupos. Monique Augras e Luiz Felipe Baêta, pelas articulações entre história e imaginário.

Aos inumeráveis integrantes do Núcleo de Estudo Pesquisa e Intervenção em Saúde (NEPIS), Caminhos Junguianos – Laboratório de Pesquisa em Psicologia Analítica, Cátedra Nise da Silveira, pelos intensos processos de ensino-aprendizagem.

Daniel Vasconcelos de Araujo, pelo auxílio em importantes detalhes. João de Bragança e Moreira, pela parceria. E à Equipe do Projeto Memória do Conselho Federal de Psicologia (CFP).

Sumário

OS INUMERÁVEIS ESTADOS DE NISE	6
NISE DA SILVEIRA, UMA VOZ QUE PERMANECE.....	9
PLANTANDO SONHOS COM NISE DA SILVEIRA	10
APRESENTAÇÃO COLEÇÃO	
PIONEIROS DA PSICOLOGIA BRASILEIRA.....	12
APRESENTAÇÃO – SEGUNDA EDIÇÃO	14
APRESENTAÇÃO – O RESGATE HISTÓRICO	
COMO MÉTODO PARA A CONSTRUÇÃO DA PSICOLOGIA	20
INTRODUÇÃO.....	22
CAPÍTULO 1: LIBERDADE	34
1.1 SEM MEDO DO INCONSCIENTE.....	35
1.2 O ESTUDO DO PROCESSO PSICÓTICO	42
1.3 ANJO DURO	51
1.4 NEM POR SANGUE DE ARAGÃO.....	56
1.5 OS INUMERÁVEIS ESTADOS DO SER.....	61
1.6 MULHERES NA PRISÃO.....	68
CAPÍTULO 2: ATIVIDADE	74
2.1. A FERRAMENTA JUNGUIANA.....	75
2.2. SERÁ O BENEDITO?	78
2.3. A EMOÇÃO DE LIDAR.....	83
2.4. O PARADIGMA ÉTICO-ESTÉTICO	85
2.5. OS DEVANEIOS E A IMAGINAÇÃO MATERIAL.....	88
2.6. A COZINHA E OS DEVANEIOS CÓSMICOS	96
CAPÍTULO 3: AFETIVIDADE	100
3.1. O PEQUENO-GRANDE TRATADO DE PSIQUIATRIA.....	101
3.2. A CASA DAS MUSAS	111
3.3. MANDALA.....	120
3.4. A LINGUAGEM ESQUECIDA	125
3.5. O AFETO CATALISADOR.....	130
3.6. O GATO E OUTROS BICHOS.....	136
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	143
REFERÊNCIAS.....	148
APÊNDICE	164
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES	176

OS INUMERÁVEIS ESTADOS DE NISE

Paulo Amarante¹

Entre as pessoas mais conhecidas no Brasil, está Nise da Silveira. Notória pelo fato de ter sido a única mulher de uma turma de medicina composta por cento e cinquenta e sete homens e por ter (sobre)vivido num contexto marcadamente machista e patriarcal. É também notória sua atitude progressista, por ter sido acusada de ser uma militante comunista, questão que impulsionou sua prisão durante a ditadura de Getúlio Vargas. Pôde compartilhar a prisão com Graciliano Ramos e Olga Benário Prestes. Popular por resistir num cenário de repressão e extermínio de todas as formas de pensar e defender as liberdades democráticas.

Possui fama de “psiquiatra rebelde”, pelo fato de ter se recusado a apertar o botão do aparelho da ECT, o famigerado eletrochoque. Era uma época em que a psiquiatria depositava grande expectativa quanto as promissoras possibilidades terapêuticas da aplicação do choque elétrico no cérebro de pacientes psiquiátricos. Daí a pretensiosa denominação de eletroconvulsoterapia. No contexto do furor psiquiátrico com as “terapias” invasivas, tendo a ECT como carro-chefe, mas também lobotomia; malarioterapia; cardiazolterapia; insulinoaterapia; o ato de Nise era muito mais do que uma recusa política contra a violência da própria psiquiatria. Sua postura era um alerta quanto ao caminho reducionista eleito pela psiquiatria de que a loucura, com suas variadas denominações – alienação; degenerescência; doença mental e, agora, transtorno – seria um acontecimento patológico localizado no corpo biológico do paciente e não um acontecimento complexo, cultural, histórico! Aliás, Philippe Pi-

1 Pesquisador Sênior da Fundação Oswaldo Cruz onde atua no Laboratório de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental e Atenção Psicossocial (LAPS), no Centro de Estudos Estratégicos (CEE) e é Curador da Comunidade de Práticas em Saúde Mental e Atenção Psicossocial do IdeiaSUS. É editor do site Mad in Brasil. Foi fundador da Associação Brasileira de Saúde Mental (Abrasme) da qual é Presidente de Honra. É Doutor *Honoris Causa* da Universidade Popular das Madres de Plaza de Mayo. Professor dos programas de pós-graduação em saúde mental comunitária das Universidades Nacionais de Lanús, de Córdoba e de Villa María (Argentina) e da Universidad de la Republica del Uruguay (UDELAR). Foi fundador e coordenador do primeiro curso de especialização e da primeira residência multiprofissional em saúde mental e atenção psicossocial do país. Foi presidente do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (Cebes) e da Abrasme e vice-presidente da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco). É médico psiquiatra, Mestre, Doutor e Pós-doutor nos campos da saúde coletiva, saúde pública e saúde mental. É autor e organizador de vários livros na área.

nel, considerado o pioneiro da psiquiatria e saberes afins, já advertia que seria inútil procurar a sede da loucura, pois nada era mais obscuro e impenetrável!

Enfim, Nise da Silveira é, sem dúvida alguma, uma das pessoas mais importantes da história de nosso país, conhecida em todo o mundo e respeitada por sua luta em prol da defesa, não apenas de um tratamento digno às pessoas com diagnósticos psiquiátricos e vítimas da violência institucional da psiquiatria, mas sim dos direitos humanos de todos os homens e todas as mulheres.

Progressista, crítica dos métodos arcaicos da psiquiatria (já naquela época dos anos quarenta do século passado, pior saber que ainda são praticamente os mesmos), a recusa de Nise de apertar o botão do eletrochoque num interno no Centro Psiquiátrico Pedro II, foi respondida com uma grave punição. Ela foi transferida para um inexpressivo ateliê de terapia ocupacional, que funcionava nos moldes herdados da tradição do trabalho terapêutico, uma das bases do tratamento moral. Lá a prescrição de atividades, às vezes vazias de sentido e protagonismo, às vezes marcadamente alienantes ou opressivas, era mascarada sob as denominações de laborterapia ou ergoterapia. Nise teria que ir trabalhar num lugar no qual a verdadeira psiquiatria não poderia entrar: um espaço de fazer artesanatos, rabiscos, desenhos, coisas inúteis de barro ou tecidos. Coisas para distrair e fazer passar o tempo-sem-tempo dos loucos, mas nada sério.

Nise revolucionou o ateliê a partir de um trabalho com arte e que culminou com a invenção do Museu de Imagens do Inconsciente, certamente o maior acervo de obras artísticas do gênero em todo o mundo. Foram escritos muitos livros sobre ela e muitas histórias são contadas. Dentre as mais importantes produções estão o monólogo *Nise da Silveira – Senhora das Imagens*, de Mariana Terra, e o longa-metragem *Nise, o coração da loucura*, de Roberto Berliner.

Sem dúvida, este livro cumpre exatamente a função de expressar com profundidade a contribuição ao mesmo tempo científica, estética e filosófica de Nise da Silveira. Assim, temos uma obra para nos orientar na compreensão das referências epistemológicas e filosóficas de sua *démarche*. Este é o maior valor do livro de Walter Melo, que ocupa um papel de extrema importância na articulação das inumeráveis dimensões dos estados de ser de Nise, que passam a produzir sentidos para que possamos compreender a luta pela liberdade empunhada por Nise, em atividades concretas que fizeram ressuscitar vidas que estavam mumificadas nos manicômios, denominados por Lima Barreto como “cemitérios dos vivos”.

E Walter não apenas pôde conviver e participar de muitos momentos e projetos ao lado de Nise, especialmente nos tantos anos de atuação na Casa das Palmeiras, dispositivo de cuidado inovador criado por ela, como incorporou em sua própria trajetória muitas destas concepções. Seja no Espaço Artaud, com seu grupo de teatro Os Nômades, ou em muitos outros momentos, livros, artigos e ensaios por ele assinados.

Deixo-vos aos cuidados de Walter, sob a proteção de Nise e a inspiração de Jung, Spinoza, Artaud e muitos outros.

NISE DA SILVEIRA, UMA VOZ QUE PERMANECE

Ana Maria Jacó-Vilela²

A Reforma Psiquiátrica brasileira muitas vezes é concebida como decorrente da vontade e da ação de um bando de jovens psiquiatras e psicólogos que, informados por estudos oriundos do que hoje chamamos Norte Global e imbuídos de propósitos éticos e solidários, se dedicaram a mudar a forma desumana de tratamento aos chamados “doentes mentais”. Entretanto, isto é reduzir a Reforma a um detalhe e, principalmente, esquecer a rica contribuição brasileira para que o movimento tivesse, afinal, o resultado positivo que conhecemos.

Pensando, então, nas proveniências daqueles acontecimentos pré-Reforma, o trabalho de Nise da Silveira se destaca. Médica, em um momento em que ainda eram raras as mulheres que cursavam Medicina, Nise tornou-se psiquiatra em um mundo dominado por homens que falavam sobre a loucura e suas formas de tratamento – sempre partindo de uma rígida divisão entre os sãos e os enfermos, que ela recusava ao rejeitar práticas desumanizantes. Esteve ativamente presente entre artistas e literatos, embora não fosse um deles. Amiga dos gatos – seus auxiliares terapêuticos –, Nise surpreende por suas inúmeras facetas e sua contínua interlocução com a vida.

Muito já se escreveu e falou sobre ela. Seu nome, hoje em dia, nomeia a instituição na qual desenvolveu boa parte de seu trabalho. Leon Hirszman a homenageou com o documentário *Imagens do Inconsciente* e Roberto Berliner com o filme *Nise, o coração da loucura* – dividindo uma distância temporal, lançados, respectivamente, em 1986 e 2015, mostrando o quanto sua persona e seu trabalho apresentam novas possibilidades e novas leituras.

É neste sentido que entendemos este livro de Walter Melo. Nova edição do livro, publicado originalmente em 2001, apresenta uma atualização: se antes Nise era retratada a partir da perspectiva de um antigo aprendiz, ainda sob os efeitos de seu falecimento, agora o autor oferece uma visão intelectualmente mais amadurecida – embora continue se colocando em um movimento de constante aprendizado diante da obra de sua Mestre. Graças ao rigor de sua apresentação e análise da vida e obra de Nise, este livro se torna essencial para todos que desejam conhecer um pouco da história da saúde mental no Brasil. Boa leitura!!

San Luís, Argentina, setembro de 2025

2 Doutora em psicologia. Professora titular aposentada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

PLANTANDO SONHOS COM NISE DA SILVEIRA

Monique Augras³

“Se uma brasileira lhe procurar, diga sim”: com este bilhete endereçado à sua discípula Marie-Louise von Franz, o analista suíço Carl Gustav Jung abria o acesso à análise daquela que viria a ser a mais destacada representante da corrente junguiana no Brasil, Nise da Silveira [1905-1999]. Mas a vida da ilustre psiquiatra alagoana, é claro, em muito ultrapassa a simples concretização de uma referência teórica, e a paciente garimpagem, por Walter Melo, dos diversos aspectos da atuação da doutora Nise, ao longo de quase um século de vida, é, por certo, um dos maiores méritos do seu livro.

Psicólogo trabalhando na Casa das Palmeiras e devotado observador dos últimos anos da vida de sua biografada, é com notável delicadeza que o autor descreve a trajetória de uma das mais singulares personagens da história da psiquiatria brasileira, talvez a mais revolucionária e mais desafiante. Quem, seja pertencente ao campo “psi”, ou ao mundo mais abrangente da cultura brasileira, não teve a oportunidade de esbarrar, em algum momento do próprio caminho, com vias desbravadas pela doutora Nise?

Jovem médica formada pela Universidade da Bahia e psiquiatra principiante no hospício da Praia Vermelha, esquerdista atuante na União Feminina do Brasil, presa pela ditadura getulista ao lado de Olga Prestes e Elisa Berger, mas também expulsa do Partido Comunista pelo crime – inafiançável – de suposto trotskismo, Nise da Silveira sempre se equilibrou em um fio de navalha, entre as estruturas rígidas das instituições e sua inegável vocação para a marginalidade. O seu feito geralmente mais celebrado foi o de ter transformado honestas e sedativas atividades de Terapêutica Ocupacional em via libertária de realização estética dos internos do Engenho de Dentro. Dessa forma, chamou a atenção do mundo artístico daqui e d’além-mar – jovem estudante em Paris no fim dos anos 1950, foi no semanário *Arts* que tomei conhecimento, pela primeira vez, da “rica produção dos esquizofrênicos brasileiros” [*sic*] – trabalho esse que viria culminar na criação, em 1952, do Museu de Imagens do Inconsciente, do qual parte do acervo veio a ser apresentado em São Paulo, em

3 Professora Titular aposentada da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

2000, na mostra *Brasil-500 anos*, não mais como exemplo de uma curiosa produção duplamente exótica, mas sim como pura e simples arte brasileira...

O encontro com a psicologia analítica de Jung, iniciado por meio de correspondência, aprofundado pela análise com Marie-Louise von Franz e pela frequência sistemática do Instituto C.G. Jung, forneceu-lhe o apoio teórico que faltava para suas ousadias. Em consequência, Nise fundou em 1955, no Rio, um “grupo de estudos C.G. Jung” que viria a se tornar um centro aglutinador de todos quantos buscavam caminhos diferentes daqueles apontados pelos diversos discursos hegemônicos que então dominavam o campo “psi”. Na feliz fórmula de Jurandir Freire Costa, “o louco deu férias à razão, mas não à sua humanidade”, e foi a preocupação em resgatar essa dimensão humana que levou Nise a criar, em 1956, a Casa das Palmeiras, instituição pioneira de acolhimento de portas abertas que, na opinião de um de seus primeiros clientes, seria “um cantinho que iria modificar o mundo” ...

Na rica e longa vida da biografada, haveria tantos outros aspectos a serem sublinhados: Nise artaudiana e bachelardiana, Nise “mãe dos gatos” e algo feiticeira, Nise pensadora, que não vacilou em escrever cartas endereçadas ao filósofo setecentista Baruch Spinoza, para trocar ideias... Desses episódios e de muitos outros relatados por Walter Melo, ficaremos com um dos mais encantadores testemunhos trazidos por um cliente da Casa das Palmeiras que, “habituação a lidar com devaneios cósmicos, principalmente os que se referem à luz solar e aos ciclos vegetais”, resolveu plantar, em meio às suas flores preferidas, um dos *sonhos* preparados pela cozinha... Plantadora de sonhos: talvez seja esta a qualificação mais apropriada à atuação de Nise da Silveira, que soube ultrapassar os limites do senso comum e das distinções cartesianas para semear campos nos quais a humanidade, cuja marca distintiva, como disse Cornelius Castoriadis, não é a razão, mas sim a irracionalidade, se possa realizar e florescer...

APRESENTAÇÃO COLEÇÃO PIONEIROS DA PSICOLOGIA BRASILEIRA

Alessandra Santos de Almeida⁴

O Projeto “Memória da Psicologia Brasileira” foi uma iniciativa do XI Plenário do Conselho Federal de Psicologia, gestão 1999-2001, continuada por alguns plenários sucessores.

A Coleção “Pioneiros da Psicologia Brasileira”, composta por 11 obras, foi uma das ações desenvolvidas no âmbito do projeto “Memória da Psicologia Brasileira”, ainda nos anos 2000, em parceria com o Grupo de Trabalho em História da Psicologia da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia - ANPEPP, e publicado em coedição com a editora Imago.

Com o objetivo de contribuir para a ampliação e disseminação do conhecimento sobre a história da psicologia no Brasil, o primeiro ato normativo do XIX Plenário do Conselho Federal de Psicologia, gestão 2023-2025, foi a edição e publicação da Resolução CFP nº 01, de 25 de janeiro de 2023, que instituiu a política de preservação da Memória da Psicologia Brasileira.

A partir de tal normativa, o projeto “Memória da Psicologia Brasileira” passou a ter caráter permanente, com previsão de ações que buscam identificar, catalogar e preservar os acervos existentes no campo da psicologia, organizar e digitalizar o acervo histórico do CFP, além de fomentar e divulgar a história da psicologia brasileira e do Conselho Federal de Psicologia.

No âmbito desse projeto, uma das ações do XIX Plenário do CFP foi dialogar com os autores da Coleção “Pioneiros da Psicologia Brasileira” para possibilitar a atualização das obras e o livre acesso para a categoria e sociedade, difundindo os aspectos históricos dos pioneiros que contribuíram com o desenvolvimento da psicologia no Brasil. A proposta foi recebida por autoras e autores, com muito entusiasmo, tornando possível a realização deste projeto. Diante disso, o CFP agradece a todas as pessoas envolvidas pela disposição em colaborar com essa iniciativa, permitindo

4 Conselheira Presidenta - XIX Plenário do Conselho Federal de Psicologia - CFP

que suas obras sejam novamente compartilhadas com a sociedade, agora, de forma gratuita.

Com a nova edição da Coleção “Pioneiros da Psicologia no Brasil”, o Conselho Federal de Psicologia reafirma seu compromisso com a preservação da memória e a disseminação do conhecimento histórico da psicologia no Brasil, garantindo que as futuras gerações possam se beneficiar do legado deixado pelos pioneiros da área, não somente para ser reproduzido de forma acrítica, mas também a fim de compreender que toda história e *cons-ciência* é uma construção social-coletiva e, portanto, o tempo histórico, a cultura, o território e os marcadores de toda a diversidade dentro do que se compõe o humano, como raça, etnia, gênero, orientação sexual, deficiências, dentre outras, são fundamentais na expansão do conhecimento.

Essa nova edição é um passo importante nesse caminho. E esperamos que ela possa inspirar e enriquecer os profissionais e estudantes, bem como todos os interessados na história daqueles que foram pioneiros na psicologia.

APRESENTAÇÃO – SEGUNDA EDIÇÃO

Ademir Pacelli Ferreira⁵

Apresentar *Nise da Silveira* de Walter Melo é, para mim, uma dupla satisfação. Tive o prazer de acompanhar Walter em seu estágio na Unidade de Psiquiatria (UP) do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e, no final de sua formação, como residente de psicologia no mesmo hospital. Em seguida, me substituiu em momento de grave situação de internação de minha esposa na época. A segunda satisfação, é que o livro trata de Nise da Silveira, a quem me refiro como minha mestra.

Foi um prazer reler o livro de Walter, uma leitura muito agradável, sua escrita flui de forma clara e precisa seguindo o percurso de Nise. Suas escolhas para esta biografia são muito felizes e abrangentes. Vimos aí Nise em seu tempo e momento histórico de nosso país, que ela atravessou desde a década de trinta, com a ditadura Vargas, quando foi presa e se deparou com o horror da tortura, principalmente com suas companheiras de cela Olga Prestes e Elisa Berger (*vide* a sexta parte do primeiro capítulo). Os nazistas atuavam no Brasil na primeira fase do governo Vargas que, mais tarde, foi obrigado pelos Estados Unidos da América a entrar na guerra contra os nazistas.

Walter pontua o retorno de Nise à psiquiatria em 1944, depois de longo período em que ficou escondida na Bahia, pois poderia ser presa novamente. Ao voltar, encontra uma psiquiatria mais organicista, agora orgulhosa de poder se dizer dentro da medicina devido aos seus métodos terrivelmente invasivos e lesivos; lobotomia; ECT; coma insulínico; além da ênfase no leito, que foi tão combatida por ela. Demonstra-se aí o ato de Nise ao recusar aplicar a ECT, que a levará a seguir uma nova direção ética no cuidado em saúde mental. Um *paradigma ético-estético*, como classificado no texto pelo autor (*vide* a quarta parte do segundo capítulo).

No capítulo 1 – Liberdade, logo na primeira parte é abordado o encontro de Nise com a psicologia de C.G. Jung (*me apaixonei perdidamente*), o que decorreu

5 Professor Titular do Instituto de Psicologia (IP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Responsável pela disciplina de Psicopatologia Geral e Clínica, supervisor clínico em Saúde Mental. Além de vários artigos em periódicos, coautoria, organização conjunta e capítulos de livros, publicou *O Migrante na Rede do Outro*, pela editora Te Corá e *Clínica, Psicopatologia e Saúde Mental*, pela editora Juruá.

de sua busca da compreensão dos trabalhos produzidos pelos frequentadores do ateliê criado por ela. Daí, o Instituto C.G. Jung passa a ser uma referência, no qual fez, inclusive, sua análise. Nesse ponto, há uma controvérsia, pois ela me disse que Marie-Louise von Franz foi sua mestra, mas que fez sua análise com Aniela Jaffé, estudiosa dos sonhos. No livro, no entanto, há uma indicação de a analista ter sido von Franz.

Na segunda parte, Walter demonstra o que entendemos como tendo sido a paixão de Nise, o estudo profundo do processo psicótico. Um estudo partilhado, ao criar o Grupo de Estudos C.G. Jung no apartamento no qual ficava sua biblioteca, para aqueles interessados em estudá-lo, e também o Centro de Estudos do Museu Imagens do Inconsciente, aberto a todos interessados nas teorias psiquiátricas e psicológicas dos processos psicóticos, principalmente a esquizofrenia. Um campo de estudo e pesquisa que eu chamei de a Universidade de Nise, na qual muitos de nós fomos iniciados nos profundos estudos da psicose.

No final do tópico, Walter chama nossa atenção para a limitação de encaixar Nise como “janguiana”, pois além da referência, ela estudava com entusiasmo vários outros autores de literatura, filosofia e antropologia. Machado de Assis era uma referência constante. Costumava dizer, de forma irônica, para os psiquiatras jogarem fora seus manuais de psiquiatria e lerem Machado de Assis. Como citado por Walter, de Lucchesi, ela não merece ser *etiquetada*.

Na terceira parte, Walter analisa a luta de Nise para afirmar a terapêutica ocupacional como verdadeiro método de tratamento frente à psiquiatria biológica, com seus procedimentos invasivos e agressivos, tidos como os verdadeiros instrumentos de tratamento: ECT, coma insulínico, lobotomia. Depois da década de cinquenta, veio a era dos psicotrópicos, na qual a sedação neuroléptica deixava os pacientes inibidos e abobados. Embate que Nise sustentou por toda a sua trajetória.

Na quarta parte, é abordado o lugar da Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação (STOR). Apesar de crítica, ela precisava situar seu trabalho terapêutico – com diversos setores de atividades – e de pesquisa dentro do Centro Psiquiátrico Pedro II. Dessa *usina criativa*, surgiram a abundância das obras, que *pertencem à maior herança espiritual dessa nação*, de Herbert Pée, citado pelo autor. Acervo que foi possível reunir graças a posição intransigente de Nise de não permitir alienação de nenhum trabalho ali produzido. O Museu realiza sua função, espaço de prazer estético de contemplar a diversidade e beleza das obras, de pesquisa e Centro de Estudos. O Grupo de Estudos do Museu de Imagens do Inconsciente foi mantido religiosamente toda terça-feira, aberto à participação de todos os interessados no estudo das correntes

psiquiátricas e suas visões sobre as produções plásticas. Os textos discutidos contavam com a rica ilustração do acervo do *Museu* e pelas exposições permanentes.

A quinta parte tem como título *Os Inumeráveis Estados do Ser*. Frase arrebataadora de Antonin Artaud, que afirma: *o ser tem estados inumeráveis e cada vez mais perigosos*. O que representou para Nise a iluminação dos processos vividos pelos esquizofrênicos e tornou-se fundamental para uma direção contrária à patologização das produções. Traçando paralelos com a psicologia analítica, Walter apresenta várias considerações sobre a produção de Artaud, que passou por tantas experiências desagregadoras, com ameaças terríficas de perder a consciência e deixou registros em seu *teatro da crueldade*. A paixão de Nise por este ser louco e iluminado foi muito bem dramatizada por Rubens Corrêa – admirador de Nise.

No capítulo 2 – Atividade, na primeira parte, Walter indica, de forma precisa, a maneira de Nise trabalhar, que sempre buscou nas teorias um *instrumento de trabalho*. Logo na epígrafe, afirma com Deleuze ser a teoria uma caixa de ferramentas, visão sustentada por Nise. Pontua, também, as posições de Jung, que afirma a relação da teoria com a personalidade de quem as cria, ou seja, não é possível desvesti-la da subjetividade, não sendo, portanto, neutra.

Na segunda parte, apresenta uma *visita* à biblioteca de Nise, espaço investido de muito afeto, por Nise e por aqueles que tiveram o privilégio de frequentá-la, como foi o meu caso que, em meu período universitário, não dispunha de livros. Naquele momento, a biblioteca da UERJ era muito limitada e na biblioteca de Nise encontrava uma riqueza, autores importantíssimos de psicologia, psicanálise, psicologia analítica, arte, antropologia, literatura, religião etc. Como constata Walter, tinha paixão pela pesquisa ampliada. Bebia sempre nas fontes dos grandes autores da clínica, da literatura e das artes e Leonardo da Vinci era uma paixão, além de Antonin Artaud, sempre citado em suas falas e escritos: aquele que, *por meio da palavra, conseguiu exprimir suas vivências dilacerantes*, como na carta ao diretor do hospício apelando para não lhe aplicar a ECT que desarticulava as suas ideias e fazia com que ficasse ausente de seu ser (*vide* a quarta parte do terceiro capítulo).

Na terceira parte, Walter apresenta a Casa das Palmeiras, criação de Nise e colegas, em 1956, a partir do entendimento sobre as internações recorrentes dos pacientes psicóticos. Com o advento dos psicotrópicos, as altas passaram a ocorrer com períodos mais curtos de internações, mas para aqueles que sofreram grandes rupturas, ao serem enviados para casa, sem acompanhamento, significava a reinternação em curto período de tempo. A Casa das Palmeiras foi, portanto, pioneiríssima, já que

somente na década de oitenta, com a chamada Reforma Psiquiátrica, foram criados os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) como recursos externos de assistência continuada para pacientes graves. Além da assistência, a *Casa* foi de grande valor para a formação de muitos de nós, inclusive Walter que lá desenvolveu um excelente trabalho (*vide* a quinta parte do terceiro capítulo).

Na quinta parte, *Os Devaneios e a Imaginação Material*, Walter aborda o belo encontro de Nise com Gaston Bachelard e seus estudos sobre a imaginação material para reiterar a importância que ela dava à natureza dos materiais utilizados pelos frequentadores da *Casa*. Dessa relação com o material, surgiu a expressão de um cliente – *emoção de lidar* –, que ela considerou lapidar. Portanto, nesse tópico, encontramos o belo paralelo da relação dos frequentadores da *Casa* com os materiais e a importância do imaginário sustentada por Bachelard, no qual Nise afirma a relevância do método de estudos das séries de imagens.

Na sexta parte, *A Cozinha e os Devaneios Cósmicos*, dá-se continuidade à imaginária de Bachelard, trazendo paralelos com Goethe. O tema da casa é abordado em suas várias funções para o ser humano, como no sonho de Jung com a casa, que interpretou como configuração de seu psiquismo e Bachelard afirmará que *é impossível escrever a história do inconsciente humano sem escrever uma história da casa*. Além do lugar dos cômodos no imaginário, a cozinha é abordada como sendo central nessa *imaginação material*, na qual os vários elementos são manipulados e analisados pelo autor.

No capítulo 3 – Afetividade, na primeira parte, é apresentado o encontro marcante de Nise com Jung em sua residência. A pergunta de Jung se ela estudava mitologia foi definitiva. Sem tal estudo, ela não poderia entender os delírios e produções dos pacientes. E indica o método de pesquisa comparada, no qual os mitos são de grande importância. Pontua-se aí a concepção arquetípica de Jung e sua hipótese de um inconsciente coletivo.

Na segunda parte, Walter abordará vários aspectos da forma de lidar de Nise, sua dedicação ao ateliê e Museu Imagens do Inconsciente e seu afeto aos frequentadores e artistas. Apesar de não gostar da classificação, não tinha dúvida sobre o fato de terem produzido *verdadeiras obras de arte*. Sua prática, seu método de trabalho e sua posição crítica em relação à psiquiatria tradicional, como não poderia deixar de ser, recebeu oposição de tal campo. Entretanto, recebeu grande entusiasmo de muitos intelectuais e artistas do Brasil e do exterior.

Como demonstra o autor, Nise sempre afirmou a função terapêutica das atividades, mas a criação de vários frequentadores da STOR chamou a atenção de inúmeros artistas e intelectuais que afirmavam o valor estético das obras, o que vinha reafirmar sua posição contra a ideia da ruína psíquica dos esquizofrênicos. Se *a arte representa a mais alta atividade humana*, não seria possível em alguém reduzido à ruína psíquica.

Na terceira parte, *Mandala*, o autor pontua o achado que foi o surgimento desta forma de expressão em pessoas consideradas fragmentadas, dissociadas. Poderia se esperar que surgissem expressões de *estilhaçamento*. As formas circulares indicavam, portanto, uma busca de reordenação psíquica. Cotejando os estudos de Jung, Walter expõe as considerações sobre a mandala na cultura, religião e em vários rituais.

Por fim, em *O Gato e Outros Bichos*, Walter demonstra a paixão de Nise pelos animais. No hospital Pedro II, travou batalhas para impedir os maus-tratos e defender a convivência entre pacientes e bichos. Diante da acusação de que poderiam trazer bactérias e doenças, ela dizia: “Eles vêm da rua com seus jalecos e nem higienizam suas mãos, e ainda sim, culpam os animais?”. Ela demonstra a função de co-terapeutas dos cachorros para os esquizofrênicos, que sofrem com a grande dificuldade da comunicação verbal, mas que com o *fiel cão* podiam *conversar*. Na casa de Nise, os gatos reinavam com amor e liberdade. Além de vários fatos relatados pelo autor, lembro de um acontecimento inusitado na reunião de quarta-feira, estudos junguianos, em sua casa. Em volta de uma mesa, reunia-se pessoas de diversas procedências. Certa vez, veio um senhor bastante diferente do grupo. Se disse militar e que tinha interesse em estudar Jung. Como estávamos na época da ditadura militar, com buscas para encontrar pessoas de esquerda para dedurar ou prender, criou-se um certo mal-estar. No decorrer dos acontecimentos, a gata, que se encontrava pacífica em cima da mesa, se dirigiu à beirada e urinou com toda vontade no visitante com sua roupa impecável.

Walter exemplifica essa reverência especial para com os animais com a luta de Nise contra a chamada *farra do boi* que acontecia em Santa Catarina, onde se observava o exercício de um sadismo sistemático contra o animal. Sua luta teve repercussão, trazendo mudanças e proibições dessa prática. *Brigou* inclusive com Descartes por sua posição. Até com sua última paixão, Spinoza, Nise discordou da ideia de que o homem teria direito natural de subjugar os animais. Sua paixão por Spinoza resultou em uma correspondência maravilhosa, as *Cartas a Spinoza* são de uma beleza incrível, uma leitura que ilumina e gratifica.

Portanto, o livro de Walter vale a pena ser lido por todos aqueles que amam a cultura e o estudo profundo do ser e de suas multiplicidades, que atravessam a vida desta brasileira rebelde e realizadora de tão rica obra, na defesa e com aqueles tão abandonados pela sociedade. Como escreve um frequentador do CAPS UERJ, *ser louco é uma barra*.

APRESENTAÇÃO – O RESGATE HISTÓRICO COMO MÉTODO PARA A CONSTRUÇÃO DA PSICOLOGIA⁶

Ana Mercês Bahia Bock⁷

Ana Maria Jacó-Vilela⁸

Há falta de informações e imagens sobre os pioneiros que fizeram – e fazem – a história da psicologia brasileira. A Coleção “Pioneiros da Psicologia Brasileira”, co-editada pela Imago e pelo Conselho Federal de Psicologia é, ao mesmo tempo, uma iniciativa de caráter estratégico e um convite.

O convite é para que todos estejamos colaborando com a construção de uma psicologia que, como ciência e como profissão, tenha crescente solidez e preste serviços à sociedade brasileira. Por isso, a necessidade de se resgatar a história da psicologia.

É imprescindível apontar alguns pontos para explicar o lançamento estratégico desta coleção. A psicologia no Brasil é estudada e praticada há cem anos. Apesar de a profissão ter sido regulamentada há menos de trinta anos, houve profissionais que desenvolveram pesquisas e práticas que, nos nossos dias, seriam consideradas típicas da psicologia como ciência e profissão. E foram esses profissionais os responsáveis pelas condições com as quais foram estabelecidas o campo profissional no país.

O futuro e a constituição da profissão passam pelo resgate e a divulgação da história da psicologia no Brasil, principalmente quando é realizada por entidades como os Conselhos de Psicologia. Para se conseguir uma imagem correta da profissão, é necessário que os psicólogos conheçam a história da psicologia.

A generalização de informações sobre a história da psicologia possibilita que os interessados na ciência e na profissão se organizem e coletivamente invistam, criem, realizem, avaliem iniciativas voltadas ao fortalecimento da psicologia. O resgate e a socialização de informações sobre a nossa história facilita a atuação coletiva

6 Texto publicado na edição original da obra.

7 Presidente do Conselho Federal de Psicologia (1999-2001), XI Plenário.

8 Conselheira, coordenadora do Projeto Memória da Psicologia Brasileira.

dos psicólogos como pessoas que sofrem as consequências e são agentes das transformações que vão ocorrendo na profissão.

Esse tipo de iniciativa contribui, assim, para que seja desconstruída uma visão naturalizada (espontaneísta) do desenvolvimento da área de conhecimento e da atuação profissional. Na verdade, coloca em pauta a existência de diferentes projetos de futuro para a atuação e produção de conhecimento na área da psicologia. Ao fazer isso, chama a nossa atenção para a identificação, para além de personalismos e afeições momentâneas, de quais projetos estão, também, em pauta nos dias atuais e, mais importante, de qual projeto cada um de nós tem para a psicologia.

É importante ressaltar que nesta coleção estão se juntando elementos para a elaboração da história da psicologia no Brasil. Nesse contexto é que as iniciativas relacionadas à história da profissão, adotadas pelos Conselhos de Psicologia, podem ser organizadas em três eixos: 1) constituição de um banco de imagens e informações sobre profissionais que marcaram tendências na construção da profissão; 2) estabelecimento de instrumentos de referência sobre a produção de conhecimento e sobre práticas profissionais desenvolvidas no país; 3) disponibilização de informações sobre obras – além delas próprias – representativas e marcantes de uma determinada época, de regiões brasileiras delimitadas e/ou de atores sociais relevantes.

Para este livro fomos buscar a colaboração de um psicólogo com muitos anos de atuação na Casa das Palmeiras, a instituição criada pela doutora Nise da Silveira – Walter Melo Jr, mestre em psicologia pela PUC-RIO e doutorando do Instituto de Psicologia da UERJ, que prontamente nos auxiliou em mais este trabalho de resgate da psicologia brasileira.

INTRODUÇÃO

No dia 6 de janeiro de 2000, defendi a dissertação de mestrado *A Constelação⁹ dos Mitos de Morte/Renascimento na Perspectiva de C.G. Jung*¹⁰ (Melo, 2000), na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), com orientação de Monique Rose Aimée Augras. Pouco depois, recebi o convite para escrever este livro que, em sua primeira edição, de 2001, integrou a coleção Pioneiros da Psicologia Brasileira, organizada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP). Estávamos no último ano da XI Plenária do CFP, com a presidência de Ana Mercês Bahia Bock. A coleção e, consequentemente, o livro faziam parte do Projeto Memória da Psicologia Brasileira, coordenado por Ana Maria Jacó-Vilela.

O lançamento do livro aconteceu no dia 7 de novembro de 2001, durante o IV Encontro Clio-Psyché, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Antes, ainda em março, iniciei o doutorado em psicologia social na UERJ, no qual defendi, no dia 17 de março de 2005, a tese *Ninguém Vai Sozinho ao Paraíso: o percurso de Nise da Silveira na psiquiatria do Brasil* (Melo, 2005), com orientação de Luiz Felipe Baêta Neves Flores. A dissertação, o livro e a tese formam um conjunto de trabalhos que abordam a obra de Nise da Silveira de distintas maneiras: a diversidade de procedimentos metodológicos, as diretrizes de trabalho e o sujeito do conhecimento (Melo, 2021).

O livro foi elaborado a partir de lembranças, relatos de histórias e palavras que me marcaram de maneira sensível. Nesse sentido, foi possível organizar as diretrizes de trabalho de Nise da Silveira em três categorias – liberdade, atividade, afetividade –, que perpassam todos os capítulos, sendo explicitadas em momentos específicos. A liberdade é afirmada por meio da livre expressão e pelo livre trânsito entre os diversos setores de atividades da Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação (STOR), sendo ampliada na Casa das Palmeiras, *com a porta invariavelmente aberta*.

9 De acordo com Jung (2011a), constelação se refere ao fato de, frente a uma determinada situação, ser desencadeado um processo psicológico “que consiste na aglutinação e na atualização de determinados conteúdos” (§ 198). Dessa maneira, adotamos uma atitude de prontidão e expectativa, levando-nos a reagir de maneira predeterminada. Trata-se, portanto, de um processo automático relacionado aos complexos ideofetivos.

10 A dissertação foi ampliada e publicada no livro *O Terapeuta como Companheiro Mítico: ensaios de psicologia analítica* (Melo, 2009a).

Na STOR, as atividades serviram de contraponto aos métodos agressivos – lobotomia, eletrochoque e coma insulínico –, à clinoterapia e ao opróbrio dos pátios (Silveira, 1966, 1979). A partir das análises sobre os modos de execução das atividades e os conteúdos expressivos foram levantados questionamentos acerca dos pressupostos da psiquiatria clássica. Além disso, as atividades serviram como importantes canais de comunicação de pensamentos e sentimentos. Na Casa das Palmeiras, a alternância entre atividades individuais e grupais organizam uma matriz espaciotemporal, configurando um complexo arranjo terapêutico que favorece a criação de variados eixos vivenciais (Melo, 2013). Dessa maneira, a equipe pode observar os modos como cada cliente lida com os materiais de trabalho (*emoção de lidar*) (Silveira, 1986, 2024), em um movimento de articulação entre os impulsos para ação e para a produção de imagens (Jung, 2011b). Além disso, a partir do diálogo interdisciplinar com o campo das artes, o Museu de Imagens do Inconsciente organizou diversas exposições artístico-científicas (Melo, 2011), Leon Hirszman dirigiu a trilogia cinematográfica *Imagens do Inconsciente* (Melo, 2010a) e Rubens Corrêa encenou três peças teatrais abordando o tema da loucura, dentre as quais *Artaud!*, a pedido de Nise da Silveira (Melo, 2010b). Todas essas atividades contribuem para um processo de transformação cultural. A afetividade, por sua vez, está relacionada ao modo como os setores de atividades são organizados (ambiente afetivo), à livre expressão das imagens do inconsciente (carregadas de afeto) e às relações com humanos e animais (coterapeutas), capazes de mobilizar as forças autocurativas da psique a partir dos vínculos afetivos (afeto catalisador) (Silveira, 2022a, 2024).

A partir dessas considerações, optamos por organizar a nova edição deste livro tendo como eixo as diretrizes de trabalho de Nise da Silveira. As escolhas para cada tópico foram efetuadas a partir do sentimento, enfatizando determinados aspectos da obra da médica alagoana. As questões teóricas e metodológicas aparecem entremeadas por acontecimentos cotidianos, aos quais aproveito para acrescentar mais alguns, para os quais apontamos a relação entre cronologia, intensidade e significado.

No dia 25 de abril de 1988, iniciei o curso de psicologia na UERJ. Na primeira aula, o professor falou sobre o livro *O Hospício é Deus*, de Maura Lopes Cançado (2024) e, em seguida, convidou-nos para a cerimônia de título de Doutora *Honoris Causa* de Nise da Silveira. Quando chegamos, o auditório já estava praticamente lotado. Consegui um lugar em uma das últimas fileiras, na parte mais alta do auditório. Muitas outras pessoas chegaram e o local ficou abarrotado. As pessoas estavam agitadas, até que foi anunciado um filme – Em Busca do Espaço Cotidiano,

primeira parte da trilogia *Imagens do Inconsciente*, dirigida por Leon Hirszman¹¹. Em seguida, Nise da Silveira foi recebida para as homenagens¹².

Figura 1: Nise da Silveira durante a cerimônia do título de Doutora Honoris Causa.



Fonte: UERJ, 25 de abril de 1988.

Em março de 1990, ao entrar por um dos portões laterais da UERJ, uma colega chamou a atenção para um cartaz que trazia o rosto de Nise da Silveira e, pelo fato de me dedicar aos estudos de psicologia analítica de maneira sistemática, sugeriu que eu entrasse em contato com ela. O cartaz anunciava uma exposição da Casa das Palmeiras no Museu do Ingá, em Niterói, organizada por Marco Lucchesi. A exposição, no entanto, já estava encerrada. Em um dos cantos, o cartaz trazia o telefone da Casa das Palmeiras. Entrei em contato e disseram que aconteceria um curso para

11 Em Busca do Espaço Cotidiano. Primeiro episódio da trilogia *Imagens do Inconsciente*, sobre a trajetória de Fernando Diniz. Direção: Leon Hirszman. Texto: Nise da Silveira. 80'. 1986.

12 No mesmo período, o Museu de Imagens do Inconsciente organizou a exposição *Fernando Diniz – desenhos e pinturas*, na Galeria Candido Portinari, da UERJ. A exposição era composta por três temas: Naturezas Mortas, Geométricos e O Cinema.

selecionar novos estagiários. Dirigi-me ao bairro de Botafogo, Rua Sorocaba, nº 800, e fiz a inscrição.

Para minha surpresa, na noite de 8 de maio de 1990, eu me encontrava sentado em um banco de madeira na biblioteca de Nise da Silveira aguardando-a para a primeira aula do curso¹³. A sala estava repleta de estudantes. Ela falou sobre a STOR, o Museu de Imagens do Inconsciente, a história da Casa das Palmeiras, os setores de atividades, a porta sempre aberta, a importância das relações afetivas e o estudo das séries de imagens do inconsciente. Saí da reunião desorientado e, andando pelas ruas do bairro do Flamengo, perdi o rumo de casa.

Em outra aula, na Casa das Palmeiras, lembro que, sentado na escada que leva ao andar de cima, assisti Alice Marques dos Santos apresentar uma série de desenhos em lápis de cera que representavam casas fechadas. A disposição espacial de porta e janelas dava a impressão de estarmos de frente para rostos humanos. Pessoas com os olhos fechados. Alice, então, começou a descrever o autor dos desenhos, sua história de vida, o modo como participava das atividades e como se relacionava com os outros. A descrição era, sem dúvida, de uma pessoa extremamente fechada. Certo dia, porém, algo inusitado aconteceu. A médica nos contou, que durante uma festa junina, o rapaz vestiu a roupa do boi, fez a dança e, para espanto de todos, deitou-se no chão e simulou uma cópula com a terra. Para finalizar a aula, foram efetuados alguns apontamentos sobre o bumba meu boi, dentre as quais, o fato de se caracterizar como um *ritual mítico de fertilidade*.

Na aula de Gilza Prado, por sua vez, foi apresentada a atividade de arranjo floral¹⁴. As flores eram dispostas sobre a mesa. Os arranjos florais da semana anterior eram desfeitos. Em seguida, os arranjos eram confeccionados de maneira totalmente livre. Algumas palavras eram escritas em pedaços de papel que, em seguida, eram colados aos vasos. Os pequenos textos eram lidos e cada pessoa escolhia um local da casa para enfeitar com as flores. Na aula, Gilza destacou os diferentes modos de participação na atividade, as variadas maneiras de compor os arranjos florais, os temas que surgiam nos textos e, além disso, traçou paralelos com as poesias de Carlos

13 As aulas aconteceram de 8 de maio a 7 de junho de 1990, às terças e quintas-feiras. A primeira e a última aulas foram com Nise da Silveira em sua biblioteca. As demais, na Casa das Palmeiras, com Alice Marques dos Santos, Philippe Bandeira de Mello, Martha Pires Ferreira, Gilza Prado e Antônio Mendel.

14 As diversas atividades desenvolvidas na Casa das Palmeiras são abordadas em duas publicações: *Casa das Palmeiras: a emoção de lidar* (Silveira, 1986); e *Oswaldo dos Santos* (Melo, 2013, p. 70-78).

Drummond de Andrade (1987), presentes na obra *A Rosa do Povo*. As observações apresentadas aliavam aspectos ritualísticos, terapêuticos, poéticos e políticos.

Essas aulas iniciais me causaram espanto, pois percebi a abrangência da proposta apresentada. Ao final do curso, recebi a feliz notícia de que tinha sido selecionado para o estágio¹⁵. A Casa das Palmeiras sempre foi, para mim, um espaço de liberdade e a tenho comigo como uma inspiração para tudo o que faço¹⁶.

Alguns dias após a entrada na Casa das Palmeiras, os novos estagiários foram convidados para a reunião de encerramento do Grupo de Estudos C.G. Jung¹⁷, que acontecia às quartas-feiras na biblioteca de Nise da Silveira. Então, no dia 27 de junho de 1990, tive a oportunidade de assistir ao documentário *Isaac: paixão e morte de um homem*¹⁸. Nesse dia, Luiz Carlos Mello¹⁹, atual diretor do Museu de Imagens do Inconsciente, estava presente e Nise da Silveira se referiu a ele utilizando a metáfora do escafandrista, aquele que mergulha em águas profundas para acompanhar as imagens do inconsciente (Melo, Nunes, & Melo, 2025). Ao final da reunião, esperei todos saírem, me aproximei de Nise da Silveira e disse que gostaria de ser um escafandrista. Por algum tempo ela me olhou de maneira fixa e, em seguida, pediu para

-
- 15 Permaneci no estágio de junho de 1990 a junho de 1992, quando me afastei, de maneira temporária, para finalizar a monografia de final de curso de psicologia, intitulada *As Influências de C.G. Jung para a Antipsiquiatria* (Melo, 1992), sob orientação inicial de Lucy Carneiro Mano e final de Sheila Orgler. A monografia recebeu, em 1993, o Prêmio Carmen Portinho, da UERJ, como melhor trabalho da área de saúde.
 - 16 Em setembro de 2005, iniciei as atividades de professor na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Durante dois anos, como professor visitante e, a partir de 17 de março de 2008, como professor efetivo. Ao longo dos anos, fui adaptando o método de tratamento de Nise da Silveira para processos pedagógicos, tendo como parâmetro as mesmas diretrizes de trabalho.
 - 17 O Grupo de Estudos C.G. Jung iniciou as atividades em abril de 1955, sendo responsável pela publicação da revista *Quaternio* (Ramos, 2000).
 - 18 *Isaac: paixão e morte de um homem* compõe uma série de 15 documentários elaborados pela equipe do Museu de Imagens do Inconsciente. Direção: Luiz Carlos Mello. Texto: Nise da Silveira. Montagem: Eurípedes Junior. Coordenação: Gladys Schincariol. Narração: Claudio Cavalcanti. 20'. 1981. No livro *O Mundo das Imagens* há um capítulo homônimo: primeira edição (Silveira, 1992a, p. 43-59); segunda edição (Silveira, 2024, p. 49-70).
 - 19 Luiz Carlos Gomes Gonçalves de Mello, atual diretor do Museu de Imagens do Inconsciente, começou a trabalhar com Nise da Silveira em 1974. Desde essa época vem desenvolvendo, organizando e divulgando o acervo do *Museu* e as pesquisas ali realizadas. Como curador das imagens do inconsciente, organizou diversas exposições de caráter artístico-científicas, tanto no *Museu* quanto nas principais cidades brasileiras e do exterior. Dirigiu quinze documentários audiovisuais que sintetizam algumas das principais pesquisas realizadas. É autor do livro *Nise da Silveira: caminhos de uma psiquiatria rebelde* (2014).

que eu retornasse na manhã seguinte. Esse foi o início de uma experiência que traria enormes mudanças pessoais e profissionais²⁰.

Dessa maneira, pude aliar a intensa experiência da Casa das Palmeiras aos estudos sistemáticos. As séries de imagens do inconsciente passaram a ocupar uma posição central em meu cotidiano. Nas tardes de sexta-feira, me reunia com Alice Marques dos Santos para acompanharmos as produções de alguns clientes. Já nos sábados à tarde, dedicava-me a organizar desenhos e pinturas em série cronológica e, aos poucos, identificava os temas recorrentes. Uma vez que essas séries temáticas eram separadas, levava-as para novas reuniões com Alice e, também, para encontros regulares com Nise da Silveira. O acompanhamento das séries de imagens do inconsciente estava aliado aos estudos teóricos de livros de variadas áreas do conhecimento presentes na biblioteca de Nise da Silveira, principalmente os que traziam um timbre vermelho, organizados em um roteiro de estudos denominado *Benedito* (Silveira, 2022b). Como disse anteriormente, essas lembranças produzem uma convergência de cronologia, intensidade e significado. Se colocarmos os acontecimentos em ordem cronológica, temos a seguinte linha do tempo (Figura 2):

Figura 2



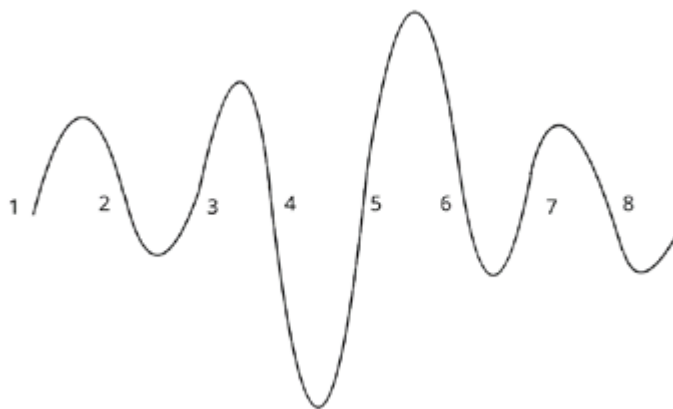
Fonte: Melo, 2025

Esses acontecimentos podem, no entanto, ganhar intensidade e expandir a experiência temporal, engravidando-a. Nesse sentido, a metáfora do escafandrista e as leituras feitas a partir das indicações dirigidas ao *Benedito* assumem papel central. Elas se articulam com a observação atenta do cotidiano da Casa das Palmeiras – suas atividades, histórias de vida e os desdobramentos das séries de imagens do incons-

20 Colaborei com o trabalho da Casa das Palmeiras por quase uma década: além do período de estágio, atuei, de janeiro a outubro de 1993, como psicólogo voluntário, de novembro de 1993 a novembro de 1994, como supervisor clínico, coordenando as atividades dos estagiários e, de 2002 a 2006, como coordenador técnico.

ciente – em diálogo com os fundamentos teórico-metodológicos. Então, passamos de uma configuração do tempo cronológico para o *tempo Aion* (Figura 3):

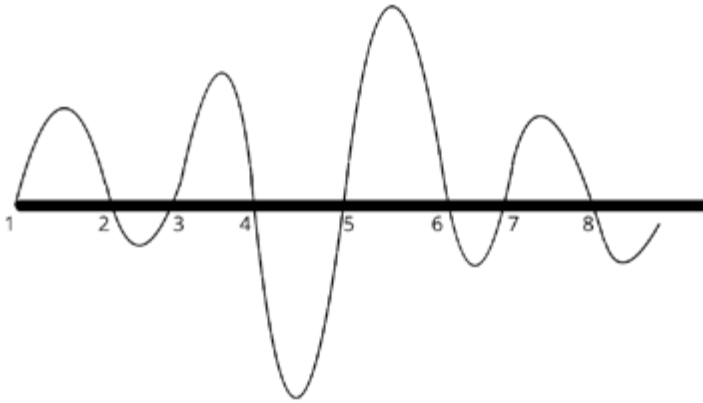
Figura 3



Fonte: Melo, 2025

Essas intensidades apontam para os fundamentos arquetípicos desses acontecimentos (Jung, 2011c). Para não correremos o risco de fixarmos o tempo, paralisando-o, é necessário criar as condições necessárias para que os afetos sejam elaborados por meio da expressão de sentimentos (Jung, 2011d) e, quem sabe, possam mobilizar o pensamento para a organização de determinadas ideias (Pauli, 1994). Por isso, pode ocorrer a conjunção de acontecimentos e intensidades, produzindo significado, origem do *tempo Kairós* (Figura 4):

Figura 4: Marcos de convergência de cronologia, intensidade e significado na trajetória do autor: (1) título de Doutora Honoris Causa concedido a Nise da Silveira pela UERJ; (2) início do curso e (3) do estágio na Casa das Palmeiras; (4) elaboração da metáfora do escafandrista; (5) início dos estudos sobre o Benedito; (6) defesa da dissertação de mestrado; (7) lançamento da primeira edição deste livro; e (8) defesa da tese de doutorado.



Fonte: Melo, 2025

Dessa maneira, a grande intensidade dos eventos que ocorreram de 1988 a 1990 – principalmente as questões relacionadas ao escafandrista e ao *Benedito* – produzem impulsos para a ação e impulsos para a criação de imagens (Jung, 2011b). Por mais de uma década, esses impulsos foram, pouco a pouco, elaborados e, de 2000 a 2005, materializados em textos (dissertação, livro e tese).

Nos livros *Imagens do Inconsciente* e *O Mundo das Imagens* (Silveira, 2022a, 2024), temos minuciosos acompanhamentos das séries de imagens do inconsciente que apontam para o processo de articulação de diferentes temporalidades, relacionadas de maneira inextricável às coordenadas espaciais. A série de Isaac Liberato, por exemplo, apresenta o tempo estancado. Isaac casa-se em setembro de 1930 e, por suspeitar que a esposa mantinha outros relacionamentos, separa-se três meses depois. Em 1946, começa a frequentar o ateliê de pintura e, logo, configura a cena de ruptura com a mulher. Durante vinte anos, pinta a imagem da mulher: “como se ele tentasse, por meio do estudo das diferentes expressões das imagens, o conhecimento

e aprofundamento do enigmático ser feminino²¹ (Silveira, 2024, p. 66). Temos, portanto, uma repetição temática que aponta para a intensidade dos afetos: “Nas histórias de vida por nós estudadas verificamos constantemente ter sido a partir de uma intensa situação afetiva que o fluir do tempo estancou. (...). É como se o tempo parasse²²” (p. 49).

Na série de imagens pintadas por Adelina Gomes foram observados os dobramentos de imagens maternas: mães neolíticas, terríveis; mães neolíticas com o coração à mostra; Hécate, a deusa com cabeça de cão; Deméter, a deusa que, acima de tudo, tem amor pela filha; e Maria, a grande-mãe contemporânea. Essa sucessão temporal indica “que inconsciente e consciente estão se aproximando²³” (Silveira, 2022a, p. 204).

A possibilidade do fluir do tempo está vinculada à organização do espaço, como podemos acompanhar na série de imagens de Fernando Diniz. Inicialmente, as pinturas apresentam intrincadas imagens que misturam dois modos de percepção: pelos sentidos e por meio das imagens do inconsciente (Jung, 2011e). Diversos fatos colaboraram para que essa situação acontecesse. A cronologia dos acontecimentos é a seguinte: em período preparatório para o vestibular, soube que Violeta, moça pela qual era apaixonado, havia se casado; passa a perambular pelas ruas da cidade; banha-se nu em Copacabana e é preso; em seguida, é levado para um hospital de custódia e, de lá, para o hospital psiquiátrico. O menino pobre, que morava com a mãe em cortiços, tinha a ambição de habitar uma casa burguesa. A intensidade se expressa no tema da casa, carregado de afeto. Inicialmente, porém, os objetos da sala encontram-se justapostos. Em seguida, cada objeto é pintado de maneira separada, “representando um valor especial: poltrona, candelabro, piano, aquário²⁴” (Silveira, 2022a, p. 42). Por fim, organiza os diversos elementos em uma sala, de maneira harmoniosa: “Paradoxalmente, Fernando reencontra o espaço da vida diária numa casa sonhada, donde se conclui que o espaço imaginário e o espaço da realidade estão estreitamente interligados²⁵” (p. 46).

21 Na primeira edição, essa citação possui a seguinte referência: (Silveira, 1992a, p. 56).

22 Na primeira edição, essa citação possui a seguinte referência: (Silveira, 1992a, p. 43).

23 Nas edições anteriores, essa citação possui as seguintes referências: primeira edição (Silveira, 1981, p. 249); segunda edição (Silveira, 2015, p. 246).

24 Nas edições anteriores, essa citação possui as seguintes referências: primeira edição (Silveira, 1981, p. 45); segunda edição (Silveira, 2015, p. 48).

25 Nas edições anteriores, essa citação possui as seguintes referências: primeira edição (Silveira, 1981, p. 48); segunda edição (Silveira, 2015, p. 54).

Os acontecimentos cotidianos podem, muitas vezes, ganhar relevância por conta da intensidade emocional. Esses determinados acontecimentos podem estancar o tempo, fazendo-nos repetir padrões de comportamento e de ideias. Tal estagnação pode, no entanto, escoar, conjugando acontecimento e intensidade, possibilitando novos arranjos emocionais e cognitivos.

Dessa forma, podemos afirmar que o conceito central da obra de Nise da Silveira é *imagens do inconsciente*. De acordo com Jung (2011e), possuímos duas formas de percepção: por meio dos sentidos e pelas imagens do inconsciente. Esses dois sistemas se relacionam, pois, as representações do inconsciente pessoal possuem base arquetípica (Silveira, 2024). É a partir das atividades expressivas que tais imagens podem ser configuradas e revisitadas. Mesmo que não ocorra uma tomada de consciência acerca de seu sentido, somente o ato de plasmar imagens provoca, aos poucos, a diminuição da intensidade afetiva (Silveira, 2022a). Essa abordagem favorece a diferenciação entre o eu e as imagens do inconsciente (Jung, 2011f).

O conceito de imagens do inconsciente estabelece, portanto, um eixo e ao seu redor giram dois arranjos conceituais: conceitos da psicologia analítica (complexo, energia psíquica, símbolo, arquétipo etc.) e conceitos operativos²⁶ criados por Nise da Silveira a partir do cotidiano de trabalho (afeto catalisador, emoção de lidar, inumeráveis estados do ser, escafandrista, forças autocurativas da psique e princípio de Hórus). Esses conceitos operativos serão abordados ao longo do livro.

Em sua versão original, este livro teve uma boa recepção. José Castelo enfatizou o encontro de Nise da Silveira com Jung e as importâncias de Artaud e das relações afetivas²⁷. José Moreira de Souza partiu de duas perguntas: Os estudiosos da psicologia no Brasil apenas repetiriam modelos teóricos estrangeiros? A prática da psicologia em nosso país estaria pautada na mera aplicação de teorias? Haveria no livro uma resposta para essas questões, por meio da articulação entre a busca pelos fundamentos, as explicitações do momento histórico e de questões que afligem a humanidade. Diz, ainda, que se trata de uma história abordada de maneira interna e que se assemelha a uma conversa descontraída. Além disso, chama a atenção para a forma como os capítulos foram organizados, possibilitando que o leitor escolha a

26 De acordo com Minayo (2007), os conceitos devem ter três características: explicitar a filiação teórica (função valorativa), possibilitar a descrição e a interpretação de determinados fenômenos, ou seja, devem ser operativos (função pragmática) e serem compreendidos pelos interlocutores (função comunicativa).

27 José Castelo. Nise da Silveira, a psiquiatra que intrigou Jung. *O Estado de S. Paulo*. 16 de dezembro de 2001.

ordem que prefere seguir. A partir desse comentário que consideramos verdadeiro, perguntamos se seria um *livro desmontável*. Acreditando que sim, para essa edição, os capítulos ganharam nova ordem, o que não impede, mais uma vez, que cada leitor busque o percurso de leitura que considere pertinente.

Élvia Bezerra, por sua vez, refere-se ao livro como “a primeira biografia daquela que ficou conhecida como revolucionária da psiquiatria brasileira”. Destaca que os hábitos pitorescos de Nise da Silveira foram gravados de maneira delicada e alinhados ao pensamento da médica: “O resultado se apresenta neste retrato inteiro, misto de originalidade, doçura, inteligência e rebeldia, a que não falta boa dose de *glamour*”. Além disso, destaca exatamente dois pontos que considero cruciais do período que convivi com Nise da Silveira: o fato de Nise se referir a mim como escafandrista – “um de seus discípulos e a quem ela chamava de escafandrista, em alusão à fineza de sua sensibilidade, que lhe possibilitava mergulhos penetrantes nos estudos da psique” – e as leituras do *Benedito*²⁸.

Naqueles tempos, a dissertação, o livro e a tese tiveram importância pelo fato de chamar a atenção para a necessidade de se estudar as obras de Nise da Silveira em nossas universidades e nos serviços de saúde mental. Sempre me pareceu que a figura de Nise fascinava as pessoas (e há muitas razões para isso), mas esse fascínio talvez impedisse o devido estudo sobre sua obra. Como se, ao pronunciar o seu nome, o conhecimento viesse junto. Transformada em signo, não haveria mais nada a conhecer. O que me interessava, portanto, era trazer os fundamentos de sua obra, alinhados ao seu modo de trabalho.

Atualmente, o interesse pela obra de Nise da Silveira se ampliou bastante e já existem alguns grupos que desenvolvem estudos consistentes. Dentre os quais, podemos incluir o Caminhos Junguianos – Laboratório de Pesquisa em Psicologia Analítica e a Cátedra Nise da Silveira, ambos vinculados ao Departamento de Psicologia (DPSIC) e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPG PSI) da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) que desenvolvem pesquisas em parceria com o Museu de Imagens do Inconsciente. Em meu trabalho na UFSJ, “desenvolvo atividades integradas de ensino-pesquisa-extensão que abordam o pensamento de Nise da Silveira, amando aquilo que faço e tentando contribuir na formação de *profissionais*

28 Élvia Bezerra. Nise da Silveira: retrato com *glamour* e doçura. *O Globo*. 19 de janeiro de 2002.

*de novo tipo*²⁹, na medida do alcance dos meus braços e da acuidade do meu olhar³⁰” (Melo, 2021, p. 62 – grifo no original).

29 Termo proposto por Luiz da Rocha Cerqueira (1984a) para designar a necessidade de formação de profissionais de saúde que superem a lógica manicomial.

30 Em meus exemplares dos livros *Imagens do Inconsciente* e *O Mundo das Imagens*, Nise da Silveira escreveu, respectivamente, as seguintes dedicatórias: *Para Walter, ame aquilo que você faz. Nise da Silveira; Para Walter, querido colaborador, de longos braços e olhos agudos. Nise. set. 1992.*

CAPÍTULO I: LIBERDADE

Figura 5: Escultura em gesso sobre o tema da liberdade.



Fonte: José Basto

I.I SEM MEDO DO INCONSCIENTE

“A muitos leitores há de parecer que ele é uma profissão
de fé e não um livro científico,
Tanto faz!”
C.G. Jung

“Assim, posso abster-me de dar explicações, decerto
inúteis, ao leitor particularmente cioso
da rigidez científica que por acaso
percorra páginas deste livro”.
Nise da Silveira

Podemos ler, ouvir, falar e escrever a palavra instantâneo como sinônimo de fotografia, seja ela colorida, sépia ou preta e branca. A fotografia revela o instante. Destaca o instante do fluxo de tempo, parecendo congelar a imagem. Desse modo, estaria a paisagem, a pessoa etc., para sempre marcada, devendo ser vista e lembrada daquela maneira. A máscara criada, a figura que se mostra ao mundo por meio de uma fotografia, seria capaz de roubar ou aprisionar a alma? Algumas paisagens ou monumentos, como o Pão de Açúcar e o Cristo Redentor, tornaram-se cartões-postais. Tais retratos pretendem representar a cidade, fazendo de um espaço consagrado uma síntese de certa (multi)pli(cidade), que elabora uma história, no mínimo, partida. Algumas pessoas, como Einstein, podem ser lembradas pela pose em uma foto: será que Einstein fez algo mais que andar descabelado e colocar a língua de fora?

A fotografia, ou seja, aquele instante guardado em uma imagem, pode, ao contrário, estimular nossa memória e nossa imaginação. Se presenciamos ou participamos daquele momento, podemos nos lembrar de vários fatos que antecederam e se deram após a fotografia, restabelecendo o fluxo temporal, curiosamente, por meio de um recuo no tempo. Podemos, também, deixar nossa imaginação fluir a fim de recriar cada movimento, cada atitude, enfim, recuperar a potência daquilo que pode estar esmaecido.

Podemos verificar o primeiro encontro público de Nise da Silveira e Carl Gustav Jung por meio de algumas fotografias³¹ feitas pelo artista plástico Almir Mavignier³². Trata-se de registros da exposição *A Esquizofrenia em Imagens*³³, apresentada pelo Museu de Imagens do Inconsciente³⁴ no II Congresso Internacional de Psiquiatria, realizado em Zurique, Suíça. Essa exposição foi inaugurada por Jung no dia 2 de setembro de 1957 e podemos ver o médico suíço acompanhado por Nise da Silveira, atenta, escutando as observações de Jung diante de cada quadro.

Nas fotografias, a exposição já está montada. Contudo, podemos imaginar Nise da Silveira, meses antes da inauguração, folheando os álbuns de pintura do Museu de Imagens do Inconsciente. Os dedos magros e longos segurando com firmeza desde simples garatujas até complexas e belas pinturas em cores vivas. Com a delicadeza e gestos simples de quem se depara com tamanha preciosidade, Nise percorre ponto por ponto de cada autorretrato da psique, no entanto, sem perder de vista a totalidade da imagem. Esse acervo, por sua quantidade, qualidade pictórica e minuciosos estudos das séries de imagens, é único no mundo.

As imagens do inconsciente, plasmadas em papéis timbrados do Serviço Nacional de Saúde ou em papel *canson*, em grafite, *crayon*, tinta a óleo ou simples anilina, não podem ser apreciadas sem aparatos especiais: olhos agudos, capacidade de se espantar³⁵, e, principalmente, não ter medo do inconsciente³⁶ e vestir o esca-

31 Vamos destacar três registros de fotografias de Nise da Silveira com C.G. Jung na abertura da exposição: C.G. Jung, Nise da Silveira e Pierre Le Gallais (Silveira, 1980, p. 18; Mello, 2014, p. 164); Nise da Silveira, C.G. Jung e outros congressistas (Mello, 2014, p. 164).

32 Almir Mavignier trabalhou na Seção de Terapêutica Ocupacional de 9 de setembro de 1946 até novembro de 1951, quando foi para a Alemanha, onde se tornou professor de arte na cidade de Hamburgo (Pedrosa, 1980).

33 A exposição é abordada por Nise da Silveira (1980, p. 17-18), Luiz Carlos Mello (2014, p. 164-165) e Eurípedes Gomes da Cruz Jr. (2024, p. 244-247).

34 Podemos ler acerca dessa importante instituição nos seguintes livros: *Museu de Imagens do Inconsciente* (Pedrosa, 1980), *Nise da Silveira: caminhos de uma psiquiatra rebelde* (Mello, 2014, p. 135-140), *Do Asilo ao Museu: Nise da Silveira e as coleções da loucura* (Cruz Jr., 2024, p. 294-315) e *O Mundo das Imagens* – primeira edição (Silveira, 1992a, p. 93-94); segunda edição (Silveira, 2024, p. 108-109).

35 No início da década de 1990, Nise da Silveira quis escrever um livro sobre aquele que considerava o principal psiquiatra do século XX: Ronald Laing. Desse possível livro, escreveu apenas algumas linhas do que seria o primeiro capítulo, intitulado “Você ainda consegue se espantar?”.

36 De acordo com Mário Pedrosa (1980, p. 10), dois dias após a abertura da exposição em Zurique, os congressistas foram recepcionados por Jung em sua casa. Após o anfitrião dizer que ficara impressionado com obras produzidas no Brasil, Nise da Silveira escutou a seguinte observação sobre o ateliê de pintura de Engenho de Dentro: “Suponho que trabalhem cercados de simpatia e de pessoas que não têm medo do inconsciente”.

fandro para se aventurar em profundidades abissais (Melo, Nunes, & Melo, 2025). Podemos, então, voltar a imaginar a escafandrista Nise da Silveira, acompanhada por Pierre Le Gallais e Maria Stela Braga³⁷, mergulhada no mundo das imagens, escolhendo com minúcia de grande pesquisadora³⁸ as pinturas para a exposição.

Os primeiros álbuns do Museu de Imagens do Inconsciente foram montados por três artistas que, posteriormente, ganhariam renome nas artes plásticas brasileira: Almir Mavignier, Ivan Serpa e Abraham Palatnik (Melo, 2011). A montagem da exposição de Zurique ficou a cargo, exatamente, de Almir Mavignier. Esse jovem entusiasta do trabalho do *Museu* viajou para a Suíça com a finalidade de ajudar a expor, às autoridades psiquiátricas de todo o mundo, os quadros que via surgir diariamente sob seu olhar. Mavignier tratava os autores das obras de igual para igual e respeitava-os como artistas. Em seu íntimo, considerava alguns como gênios. Sobre aquele tempo temos o testemunho de Mário Pedrosa:

Com sua voracidade de artista, a mil léguas do burocrata funcional, Almir mal chegava à casa da mãe de Raphael, corria a buscar o cavalete que, previamente, já havia levado em outra ocasião, e os outros petrechos; (...) Almir, com efeito, não era um monitor como os outros. Era, talvez, o único que, ao exercer sua função, exemplarmente, instruído por Nise, carregava ainda consigo uma fé ardente e romântica, e que não transmitia a ninguém: a de que dentro da câmara escura daquele esquizofrênico havia um gênio (Pedrosa, 1980, p. 9).

Podemos, então, imaginar todo o cuidado que Mavignier tinha com as obras desses pintores, que tanto admirava e a quem serviu de *afeto catalisador*, se concretizar na montagem da exposição. Nossa imaginação pode recriar, a partir de fragmentos registrados nas fotografias, todo o ambiente das cinco amplas salas do andar térreo do Eidgenössische Technische Hochschule (ETH) sendo aquecido pela eufórica circulação de Mavignier com os quadros previamente separados por temas:

37 Pierre Le Gallais, neuropsiquiatra da Faculdade de Medicina de Paris, trabalhou no Museu de Imagens do Inconsciente entre 1954 e 1957. Maria Stela Braga, médica psiquiatra, trabalhou no *Museu* entre 1956 e 1959, além de ter sido uma das fundadoras da Casa das Palmeiras, juntamente com Nise da Silveira, Belah Paes Leme (artista plástica) e Lígia Loureiro (assistente social), clínica psiquiátrica em regime aberto que funciona desde 23 de dezembro de 1956.

38 Nise da Silveira foi considerada pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência entre os cinquenta maiores pesquisadores do Brasil (SBPC, 1988).

- na primeira sala, foram expostos desenhos que mostram o percurso de Emygdio de Barros pelo mundo fantástico até sua volta ao mundo objetivo, tendo como título “Os Mundos Fantásticos e o Mundo Real”³⁹;
- na segunda sala, foi apresentado o trabalho “A Busca do Espaço Cotidiano”, que narra o esforço de Fernando Diniz na reestruturação do espaço a partir do tema da casa⁴⁰;
- na terceira sala, a partir de frase de Antonin Artaud, foram apresentados trabalhos de diversos autores retratando variadas experiências, sob a denominação “O Ser Tem Estados Inumeráveis e Cada Vez Mais Perigosos”;
- na quarta sala, com o título “Imagens Arquetípicas”, foram expostas obras pintadas por diversos autores e chamaram especialmente a atenção de Jung, que se deteve mais demoradamente nessa sala, fazendo comentários baseados em sua teoria acerca do inconsciente coletivo, principalmente sobre o simbolismo da mandala⁴¹;
- na quinta sala, foi exposta uma série de imagens pintadas por Raphael Domingues, com o título “O que é a Demência Esquizofrênica?”⁴².

39 Essa série de imagens, acrescida de larga documentação após 1957, pode ser vista no capítulo Emygdio: um caminho para o infinito, do livro *O Mundo das Imagens*: primeira edição (Silveira, 1992a, p. 60-81); segunda edição (Silveira, 2024, p. 71-109). Parte dessa série pode ser acompanhada, também, no livro *Imagens do Inconsciente*: primeira edição (Silveira, 1981, p. 37-41); segunda edição (Silveira, 2015, p. 40-43); terceira edição (Silveira, 2022a, p. 35-38).

40 Parte dessa série encontra-se no final do primeiro capítulo do livro *Imagens do Inconsciente*: primeira edição (Silveira, 1981, p. 42-48); segunda edição (Silveira, 2015, p. 45-54); terceira edição (Silveira, 2022a, p. 39-46). Uma série mais completa de Fernando Diniz foi desenvolvida no filme *Em Busca do Espaço Cotidiano*, da trilogia *Imagens do Inconsciente*, de Leon Hirszman. A primeira versão desse trabalho foi escrita em colaboração com Pierre Le Gallais, sendo apresentada no congresso de Zurique e publicada na *Revista Brasileira de Saúde Mental* com o título *L'Expérience d'Art Spontané chez les Schizophrènes dans un Service de Thérapeutique Occupationnelle* (Silveira, & Le Gallais, 1957, p. 105-114). Uma versão em português encontra-se na revista *Quaternio* (Silveira, & Le Gallais, 1996, p. 37-49).

41 Posteriormente, esse trabalho foi desenvolvido na primeira parte do capítulo Dissociação/Ordenação – O Afeto Catalisador ao abordar o tema da mandala, e no capítulo Imagens Arquetípicas na Esquizofrenia, do livro *Imagens do Inconsciente*: primeira edição (Silveira, 1981, p. 50-65, p. 138-171); segunda edição (Silveira, 2015, p. 55-72, p. 148-181); terceira edição (Silveira, 2022a, p. 47-62, p. 121-148).

42 No capítulo Estudo Comparativo entre a Demência Orgânica e a “Demência” Esquizofrênica, do livro *O Mundo das Imagens* é efetuado um trabalho comparativo entre as obras de Lúcio Noeman e Raphael Domingues: primeira edição (Silveira, 1992a, p. 23-42); segunda edição (Silveira, 2024, p. 27-48).

O tema geral do II Congresso Internacional de Psiquiatria foi “O Estado Atual de Nossos Conhecimentos sobre o Grupo das Esquizofrenias”, em alusão ao trabalho desenvolvido por Eugen Bleuler que, em 1911, publicou *Dementia Praecox ou o Grupo das Esquizofrenias*, um tratado revolucionário para a psiquiatria da época. O termo esquizofrenias já era utilizado por Bleuler desde 1906, em contraposição ao termo demência precoce de Emil Kraepelin, que supunha a constituição de múltiplas condições clínicas sob uma única noção. O diagnóstico de demência precoce está associado ao prognóstico de irreversível embrutecimento intelectual e progressivo embotamento afetivo. Os quadros de esquizofrenias, por seu turno, passam a ser diagnosticados por meio do reconhecimento de dois tipos de sintomas: fundamentais e acessórios. Os sintomas fundamentais teriam etiologia orgânica (autismo, ambivalência, alterações da afetividade e afrouxamento da associação). Já os sintomas acessórios, de etiologia psíquica (delírio, alucinação e estado catatônico). Dessa maneira, estava aberta a possibilidade de tratamento:

A esquizofrenia pode se deter em qualquer momento (...). Se em tal ponto os sintomas agudos regredem e se a enfermidade não está em uma etapa avançada, podemos, sob certas condições, não observar o que quer que seja de caráter patológico. (...). Portanto, não necessariamente conduz a esquizofrenia a uma clara deterioração – um estranho argumento utilizado por alguns opositores –, mas se a enfermidade continuar avançando, conduzirá à deterioração e esta tem um caráter específico. Não obstante, a enfermidade não progride necessariamente (Bleuler, 2000, p. 177).

Essas observações de Bleuler estão apoiadas em larga experiência clínica e, também, nas análises efetuadas por Jung a partir do teste de associação de palavras. Dessa maneira, a noção de complexo foi fundamental para as mudanças de concepção no campo da psiquiatria, com a superação da noção de demência precoce e a elaboração do conceito de esquizofrenias (Jung, 2011g). Para Jung (2011h), demência precoce significava falta de esperança terapêutica. Em relação ao grupo das esquizofrenias, Jung (2011i) defendia que a gênese seria psíquica e as alterações fisiológicas secundárias, ou seja, ele invertia a ordem proposta por Bleuler.

Mais de quarenta anos depois das proposições de Bleuler, psiquiatras de todo o mundo se encontraram na Suíça para refletir sobre os conhecimentos que

se constituíram a partir de então. O congresso foi em homenagem a Jung, tendo a oportunidade de fazer uma síntese histórico-conceitual na conferência A Esquizofrenia (Jung, 2011j). Trata-se do último pronunciamento que fez sobre o assunto e, no qual, relembra os anos em que colaborou com Bleuler no hospital Burghölzli, trabalhando com os testes de associação de palavras, “tendo sido constatada a existência de *complexos* de tonalidade afetiva que, em sua essência, eram os mesmos verificados nas neuroses” (§ 554 – grifo no original). Se a neurose e as esquizofrenias apresentam os mesmos tipos de complexos, existe, contudo, uma diferença de grau de dissociação entre as duas. Na neurose o afeto que causa a dissociação não imprime uma perda sistemática, enquanto nas esquizofrenias a intensificação do afeto causa uma desestruturação da personalidade:

Sente-se ameaçado por um caos incontrolável de acontecimentos causais. Encontra-se num solo movediço e muitas vezes sabe disso. Os perigos de sua situação aparecem nos sonhos drásticos de grandes catástrofes e apocalipses etc. Ou então, o solo em que se encontra começa a tremer, as paredes se deslocam e desmoronam, a terra firme se liquefaz, uma tempestade o arrasta pelos ares, todos os parentes morrem etc. Essas imagens descrevem um distúrbio fundamental da relação, ou seja, do *rapport* entre o doente e o mundo que o cerca, mostrando o *isolamento* que o ameaça (§ 559 – grifo no original).

As imagens apresentadas na exposição durante o Congresso de Zurique mostram, por um lado, experiências de isolamento, alterações do tempo, desestruturação do espaço etc. e, por outro lado, de constelação das *forças autocurativas da psique*. O trabalho apresentado por Nise da Silveira e Pierre Le Gallais, que teve as imagens expostas na segunda sala, analisa o esforço de reestruturação do espaço cotidiano a partir de pinturas de Fernando Diniz. Antes de ser internado, Fernando teve a sensação de que os edifícios das ruas se inclinavam sobre ele. Tais vivências se manifestarão em suas futuras pinturas, nas quais os objetos aparecem dispostos muito próximos uns dos outros. Esses objetos recebem, aos poucos, um enquadramento “para retê-los e retirá-los do fluxo perturbador de sensações e imagens⁴³” (Silveira,

43 Nas edições anteriores, essa citação possui as seguintes referências: primeira edição (Silveira, 1981, p. 44); segunda edição (Silveira, 2015, p. 47).

2024a, p. 40). A reestruturação do espaço cotidiano, em Fernando Diniz, somente será possível a partir do tema da casa, carregado de afeto.

No fim do Congresso, parte dessa exposição seguiu para a França, sendo apresentada em conjunto com pinturas de hospitais franceses, no Hôtel de Ville de Paris/Salle Saint-Jean. O jornal *Les Arts* de 23 de outubro de 1957 definiu a seção brasileira como a mais apaixonante e destacou a presença de imagens arquetípicas, como as mandalas, dentre as quais, uma pintura de Fernando Diniz, recebeu o prêmio *hors concours* da comissão de críticos de arte da exposição⁴⁴. Quanto a Nise da Silveira, iniciou sua psicoterapia com Marie-Louise von Franz, a principal colaboradora de Jung. Em 1957, o médico suíço mandou o seguinte bilhete para a filóloga e grande analista: *Se uma brasileira lhe procurar, diga sim*. Naquele ano, Nise da Silveira iniciou, ainda, os estudos no Instituto C.G. Jung de Zurique, ao qual retornou em 1958, 1961, 1962 e 1964. Com os contatos que estabeleceu nessas viagens, abriu um novo campo de pesquisa e inflexão teórica, desenvolvendo um trabalho que é de suma importância para os campos da saúde mental, psicologia, artes e educação. Nise da Silveira dizia, com frequência, sobre essa época de sua vida: “Lia sobre psicologia e me apaixonei perdidamente pela psicologia junguiana” (Silveira, 1996a, p. 48).

44 Essa pintura encontra-se no capítulo O Museu de Imagens do Inconsciente – histórico (Silveira, 1980, p. 19), do livro *Museu de Imagens do Inconsciente*, organizado por Mário Pedrosa; e no livro *Do Asilo ao Museu: Nise da Silveira e as coleções da loucura* (Cruz Jr., 2024, p. 248).

1.2 O ESTUDO DO PROCESSO PSICÔTICO

“O psicólogo tem que deixar a pessoa ir até o final para que ela sinta o amor pelas coisas”.

Octávio Ignácio

“Ninguém mexe com fogo ou veneno sem ser atingido em algum ponto vulnerável; assim, o verdadeiro médico não é aquele que fica ao lado, mas sim dentro do processo”.

C. G. Jung

Nise da Silveira era uma estudiosa, principalmente da psicologia analítica. No início da década de 1950, adquiriu o livro *Psicologia e Alquimia* (Jung, 2011k) e ao se encontrar na rua com Nelson Bandeira de Melo, médico interessado na obra de Jung, propôs formarem um grupo de estudos. A eles se juntaram, de início, Lígia Loureiro (assistente social) e Manoel Machado (médico). O primeiro encontro se deu em abril de 1955: estava formado o Grupo de Estudos C.G. Jung. A partir do segundo semestre de 1958, a médica Alice Marques dos Santos e, o também médico, Ewald Mourão entraram no grupo, que passou a se reunir na Casa das Palmeiras, às segundas-feiras pela manhã. Em 1962, os membros da Escolinha de Arte do Brasil – Noemia Varela, Cecília Conde, Ilo Krugli, Pedro Tournon, Isabel Maria de Carvalho, Marlene Hori e Laís Aderne – passaram a frequentar o grupo que, então, se reunia às quartas-feiras na biblioteca de Nise da Silveira. Em 1968, o Grupo de Estudos C.G. Jung foi registrado em cartório, com Nise da Silveira na presidência até 1999, ano de sua morte (Ramos, 2000).

Nise da Silveira possui artigos em sete dos oito números da revista *Quaternio*, publicação do Grupo de Estudos C.G. Jung: nº 1 – Simbolismo do Gato⁴⁵ (1965); nº 2 – Herbert Read: em memória⁴⁶ (1970); nº 3 – Dyonisos: um comen-

45 Posteriormente, esse texto foi ampliado e publicado no sétimo capítulo do livro *O Mundo das Imagens*: primeira edição (Silveira, 1992a, p. 112-130); segunda edição (Silveira, 2024, p. 133-156).

46 Esse número foi dedicado ao estudo da relação entre arte e educação, tema escolhido a partir da aproximação com a equipe da Escolinha de Arte do Brasil. Posteriormente, esse texto foi publicado no livro *Nise da Silveira: senhora das imagens internas – escritos dispersos*, organizado por Martha Pires Ferreira: primeira edição (Silveira, 2008, p. 84-107); segunda edição (Silveira, 2023, p. 82-104).

tário psicológico⁴⁷ (1973); nº 4 – Deusa-Mãe⁴⁸ (1975); nº 5 – O Sacrifício e suas Transformações: subidas e descidas de níveis de consciência vistos através de rituais e festas reveladoras da relação homem-touro (1989), em colaboração com Luiz Carlos Mello; nº 6 – Introdução (1993a), sobre a relação do arquétipo da criança divina com a autonomia do Mal⁴⁹; nº 7 – Experiência de Arte Espontânea com Esquizofrênicos num Serviço de Terapia Ocupacional⁵⁰ (1996), em colaboração com Pierre Le Gallais.

Como podemos observar, as publicações de *Quaternio* aconteceram de maneira esparsa e, quase sempre, artesanal. O quinto número, no entanto, foi publicado em livro. Essa mudança foi enfatizada por Nise da Silveira (1989) na introdução:

Depois de prolongado eclipse, Quaternio ressurge. O reaparecimento de nossa revista resulta da mobilização dos membros do Grupo de Estudos C.G. Jung provocada pela tomada de conhecimento da persistente, e mesmo intensificada, prática da dita “farra do boi”, realizada no litoral de Santa Catarina (p. 9 – grifo no original).

Além do livro, Nise da Silveira e Perfeito Fortuna lideraram um movimento intitulado *Forra do Boi* que contou com cinco dias de eventos, de 19 a 24 de março de 1991, com a seguinte programação: exposição do artista plástico Humberto Espíndola, na Fundação Progresso; mostra de vídeos (*A Pantera Onca e Cavalos Selvagens*, de Sérgio Bernardes Filho); leitura da peça *O Minotauro*, de Júlio Cortázar, por Rubens Corrêa e Fernando Eiras; apresentação da ária *Deus e o Diabo* da ópera *Kali-Yuga*, de Lauro Benevides, com Ciro Barcellos, Lauro Benevides, Helena Ignês e Norberto Medeiros; apresentação das danças folclóricas *O Boi-de-mamão* e *Boi Barrica*; debate com os antropólogos Mércio Pereira Gomes e José Carlos Rodrigues, sob a coordenação de Luitegarde Barros; palestra de Martha Pires Ferreira sobre o signo de touro; três

47 Posteriormente, esse texto foi ampliado e publicado no oitavo capítulo, O Tema Mítico de Dionisos, do livro *Imagens do Inconsciente*: primeira edição (Silveira, 1981, p. 252-274); segunda edição (Silveira, 2015, p. 250-271); terceira edição (Silveira, 2022a, p. 207-223).

48 Esse número foi em homenagem ao centenário de nascimento de C.G. Jung. Posteriormente, esse texto foi ampliado e publicado no capítulo 9, O Tema Mítico da União dos Opostos, do livro *Imagens do Inconsciente*: primeira edição (Silveira, 1981, p. 275-310); segunda edição (Silveira, 2015, p. 272-306); terceira edição (Silveira, 2022a, p. 224-252).

49 Esse número de *Quaternio* ainda não foi publicado.

50 Esse número foi em homenagem a Marie-Louise von Franz.

espetáculos musicais – Nana Caymmi, Hermeto Paschoal e *Orquestra Pró-Musical/ Coral da Petrobras* –; apresentação do grupo *Cultura Popular*, coordenado por Ivan Proença; desfile da escola de samba *Acadêmicos da Rocinha*; desfile de fantasias pelo Aterro do Flamengo; e, como encerramento, a *Domingueira Voadora Especial*, com a *Orquestra Tabajara*, do maestro Severino Araújo, no Circo Voador.

Essa exaustiva relação tem como objetivo destacar que o estudo da psicologia analítica não deve ser confundido com um estado de alheamento das questões sociais. A ênfase dada por Jung ao estudo de sonhos, imagens arquetípicas, contos de fada, mitologia, religião, alquimia, coloca-nos, na verdade, em contato com as bases de toda representação da cultura. O que se depreende de sua obra é que, ao se acompanhar as produções da imaginação simbólica, pode-se vislumbrar o desdobramento de processos inconscientes que, muitas vezes, apontam para um possível reordenamento. Contudo, é importante salientar que o fluxo das imagens do inconsciente deve ser desdobrado em transformações na realidade tangível, pois, uma mudança de atitude é fundamental para que qualquer transformação aconteça: “A individuação é o “tornar-se um” consigo mesmo, e ao mesmo tempo com a humanidade toda” (Jung, 2011l, § 227).

Em seguida, os integrantes do Grupo de Estudos C.G. Jung seguiram a mesma trilha de buscar as bases arquetípicas de um tema com prementes implicações sociais. Depois de décadas de trabalho no hospital psiquiátrico, Nise da Silveira estende os seus conhecimentos e a posição de respeito adquirida para o Outro que sofre de diferentes maneiras. Depois do animal, seu vigor ético se volta para a criança em situação de rua.

O sétimo número da revista *Quaternio*⁵¹ foi em homenagem a Marie-Louise von Franz, grande interlocutora de Nise da Silveira no campo da psicologia analítica e a quem se referia como *mestra e amiga*⁵². No contato com von Franz, o arcabouço teórico foi sedimentado. O livro *Imagens do Inconsciente*, por exemplo, recebeu uma versão em inglês e cada capítulo foi encaminhado para a apreciação de von Franz, que respondia com pequenos comentários e grandes elogios: “É muito reconfortante saber que alguém compreendeu tão bem Jung, do outro lado do mundo. E eu admiro a clareza e a coragem pela qual você diz o que deve ser dito”.

51 Em 2000, foi lançado o último número da revista *Quaternio*, em homenagem a Nise da Silveira.

52 Vide, por exemplo, a dedicatória no livro *O Mundo das Imagens*.

O nome da revista⁵³ já indica o interesse constante de Nise da Silveira em compreender o cerne da questão – um batismo feito com sua precisão habitual. Se, para Jung (2011b), as teorias científicas encontram suas bases em temas arquetípicos⁵⁴, não poderia ser diferente em relação à psicologia analítica: “a psicologia de C.G. Jung não foge a esta regra: ela repousa sobre o arquétipo da quaternidade” (Grupo de Estudos C.G. Jung, 1965, p. 5). Nesse sentido, o campo da consciência é constituído por quatro funções – pensamento, sentimento, sensação e intuição – e a base coletiva da psique se organiza em uma estrutura quaternária – bem, mal, masculino e feminino: “o número quatro representa o mínimo dos determinantes de um juízo de totalidade” (Jung, 2011k, § 31).

A totalidade, no entanto, não é algo dado. Afirmar-se como uma busca, caracterizada pelo processo de individuação que, em última análise, somente termina com a morte. As quatro funções de orientação da consciência, portanto, nunca estarão em pé de igualdade. Cada sujeito desenvolve uma função como a principal, sendo apoiada por duas funções auxiliares. Tal esquema trinitário de adaptação da consciência deixará sem desenvolvimento a função inferior, que se encontra em estado inconsciente. O mesmo pode ser dito em relação aos pares opostos que caracterizam o Si-mesmo. A união dos opostos apresenta-se, de início, como um estado de indiferenciação que requer um árduo trabalho de separação e de busca de uma futura conjunção para alcançar a totalidade.

Podemos vislumbrar a busca pela totalidade, representada pelo *quaternio*, por meio da configuração de imagens do inconsciente. Se acompanhadas em série, as imagens apontam para um sentido, para um fio condutor que almeja alcançar o substrato consciente. Em pinturas de Emygdio de Barros, temos a seguinte série: círculo dividido em quatro partes, porém uma delas de modo bastante reduzido; três círculos vermelhos no centro do quadro e um quadrado no ângulo inferior direito; três círculos na parte superior do quadro e um na inferior; quatro estacas configuram um quadrado, porém uma apresenta-se vergada; três flores e um botão ainda fechado; triângulo vermelho e, ao seu lado, uma mulher⁵⁵ (Silveira, 2022a, p. 233-236, figuras 1-6). A interpretação de Nise da Silveira é de busca pela união dos opostos masculino

53 No primeiro volume de *Mysterium Coniunctionis*, Jung (2011m, § 5-12) aborda o tema da quaternidade.

54 Nesse ponto, Jung contou com a colaboração do físico Wolfgang Pauli (1994), que escreveu um trabalho acerca da influência das ideias arquetípicas sobre as teorias científicas de Kepler.

55 Nas edições anteriores, essas imagens são abordadas nas seguintes referências: primeira edição (Silveira, 1981, p. 285-289, figuras 1-6); segunda edição (Silveira, 2015, p. 284-288, figuras 1-6).

e feminino, sendo a contraparte masculina representada pela estrutura ternária e a feminina pelo quarto elemento.

Em desenhos realizados por Octávio Ignácio pode-se acompanhar um processo semelhante, com a busca de integração do elemento feminino à estrutura masculina ternária. Em um dos desenhos, Octávio representa um quadrado com aves dispostas em três dos quatro cantos. Segundo Nise da Silveira (2022a, p. 238, figura 10): “O quadrado, como se sabe, é expressão da totalidade. O fato de estarem ocupados três cantos e um estar vazio sugere que algo está faltando⁵⁶”. E complementa com a pergunta que Sócrates fez ao seu amigo Timeu: *Um, dois, três. Mas o quatro, onde está?*

Essa tentativa de integração do quarto elemento ou, ainda, a oposição do três e do quatro, é denominado na alquimia como *axioma de Maria*, sendo os quatro filhos de Hórus, deus solar egípcio, a versão mais antiga que Jung conhece. Três de seus filhos são representados, geralmente, com cabeça de animal, enquanto o quarto possui representação humana. Posteriormente, temos a conhecida imagem dos evangelistas por meio da visão de Ezequiel: três animais e um anjo. Segundo Jung, o axioma da alquimista Maria Profetisa é “um exemplo marcante de que toda verdade humana é apenas uma penúltima verdade” (Jung, 2011k, § 31).

O maior símbolo trinitário em nossa sociedade encontra-se em Deus-Pai, Filho e Espírito Santo. Jung (2011n) compreende a Trindade como um processo rumo à totalidade. A primeira etapa, “estado não refletido”, é designada por “Pai”, estágio de leis absolutas que, se não seguidas, provocam punições terríveis; a segunda etapa, “Filho”, “estágio de conflito”, é de transição, de criação de opostos a partir da reflexão; a terceira etapa, “Espírito Santo”, de certo modo restaura a primeira, porém, sem a perda da razão e da reflexão – características da segunda fase. Com a introdução do terceiro elemento, a consciência reconhece que não é, em última instância, a fonte das decisões. As conclusões de Jung acerca da Trindade são as seguintes: trata-se de um processo dividido em três fases “de um amadurecimento inconsciente no interior do indivíduo” (§ 287), indicando um processo gradual de tomada de consciência e, não apenas representa, mas é “de fato” um Deus em três. Na Trindade ficam de fora as características femininas e do mal. Como se trata, porém, de um processo constituído por etapas, é de se esperar que há um prolongamento “até chegar à totalidade absoluta, com o quarto elemento” (§ 290). O Deus *summum bonum*, que é representado por aspectos masculinos, pode ser completado pelas figuras do Anjo Rebelde e de Maria

56 Nas edições anteriores, essa citação possui as seguintes referências: primeira edição (Silveira, 1981, p. 292, figura 10); segunda edição (Silveira, 2015, p. 291, figura 10).

que, mesmo sem ter virado uma deusa, ascendeu aos Céus. A Assunção de Maria se caracteriza, portanto, como uma tendência inconsciente em direção à quaternidade, em um movimento de aproximação entre os aspectos masculino e feminino da divindade. Podemos resumir essas ideias com as seguintes palavras de Nise da Silveira:

Na história dos símbolos a quaternidade é o desdobramento da unidade. Esse fenômeno indica a passagem de conteúdos que se achavam submersos no inconsciente para a área do consciente, permitindo assim que adquiram características diferenciadas e possam ser conhecidos⁵⁷ (Silveira, 2024, p. 204).

No dogma da Assunção de Maria ocorre, também, a aproximação entre espírito e matéria. Como representante do arquétipo da Grande-Mãe, Maria está intimamente ligada à terra e, quando seu corpo ascende aos Céus, a matéria entra no reino, até então, relativo ao espírito. A mesma aproximação entre espírito e matéria, sugerida pela história do simbolismo religioso, pode ser acompanhada nas produções científicas: energia e matéria mostram-se equivalentes. Ao apontar um caminho de complementaridade entre psicologia e física, Jung (2011b) conclui que existe uma identidade entre matéria e psique, a qual se manifesta em determinados fenômenos. Entre eles, destacam-se: a característica psicóide do arquétipo que, por um lado, remete aos padrões instintivos de comportamento e, por outro lado, está profundamente ligada às produções culturais; e o paralelo estabelecido entre a ideia de *quaternio* como estrutura fundamental do psiquismo e a tétrede de carbono como estrutura básica para a matéria. Além disso, há a ocorrência de coincidências significativas (sincronicidade) entre aspectos psíquicos e da realidade objetiva, que estabelecem conexões acausais (Jung, 2011o); e a possibilidade de um amplo conceito de realidade, incluindo aspectos psíquicos que vão muito além da mera apreensão pelos sentidos, ou seja, a existência de um mundo único (*unus mundus*) (Jung, 2011p).

Relembrando essas concepções, durante as comemorações do centenário de Jung, em 1975, Nise da Silveira e Luiz Carlos Mello (2024) apresentaram o texto C.G. Jung na Vanguarda de Nosso Tempo⁵⁸. O evento coordenado por Nise da Sil-

57 Na edição anterior, essa citação possui a seguinte referência: primeira edição (Silveira, 1992a, p. 163).

58 Esse trabalho baseia-se no capítulo C.G. Jung: obra e tempo, do livro *Jung: vida e obra*, de Nise da Silveira (1968, p. 183-192), reelaborado para a apresentação de 1975 e, posteriormente, publicado no livro *O Mundo das Imagens* (Silveira, & Mello, 2024, p. 195-206). Na primeira edição, essa citação possui a seguinte referência: (Silveira, & Mello, 1992, p. 157-165).

veira foi de grande porte e contou com a participação dos diversos grupos junguianos existentes no Brasil, além de uma importante exposição realizada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio)⁵⁹.

Alguns anos antes, Nise da Silveira já havia apontado vários desdobramentos da psicologia analítica em contato com outros campos do conhecimento. Em texto de 1969, *Perspectiva da Psicologia de C. G. Jung*, aponta os trabalhos de Freud (1996a, 1996b) com incursões pela mitologia – sobre um paralelo de uma representação obsessiva com a figura de Baubo e *Moisés e o Monoteísmo* –, com o argumento de que os desentendimentos entre freudianos e junguianos são “inúteis e desgastantes” (Silveira, 1969, p. 16). Além disso, apontou trabalhos de diversos campos do conhecimento que utilizam ideias de Jung: na mitologia, Karl Kerényi e Jean Cazeneuve; na história, Arnold Toynbee; na educação, Herbert Read; na arte, Germain Bazin; na análise de poesias, Maud Bodkin e William Purcell Wircutt; na análise de imagens simbólicas em motivos musicais, Robert Donington; na biologia, Adolf Portmann e Heini Hediger; além de Wolfgang Pauli na física. De acordo com Nise da Silveira, a perspectiva de Jung ultrapassou o mecanicismo, pois “sua psicologia, em vez de reduzir, de desmembrar os fenômenos psíquicos em elementos, desenvolve-se no sentido de apreendê-los na sua complexidade total” (Silveira, 1969, p. 12).

Trata-se, portanto, de concepção psicológica que leva em consideração diferentes aspectos, como fenômenos explicados por padrões de causalidade, sem, contudo, negar que existam fenômenos que estabeleçam conexões acausais (Jung, 2011o), apreendendo os fatos em sua totalidade e não pela fragmentação, articulando aspectos individuais com o contexto cultural. Nesse sentido, Toni Wolf (2025) sugere a denominação psicologia complexa para as concepções de Jung, pois os fenômenos psíquicos não podem ser reduzidos ou simplificados, pois corre o risco de, na ânsia de entender, perder exatamente o objeto do conhecimento. Por isso, mesmo sendo considerada a maior autoridade brasileira em psicologia analítica, Nise da Silveira sempre manteve uma posição de cautela, considerando que pouco se sabe sobre os processos psíquicos. E, seguindo à risca o conselho dado por Marie-Louise von Franz, para servir a psicologia de Jung em pequenos cálices, na introdução do livro *Jung: vida e obra*, Nise da Silveira (1968, p. 9) afirma:

59 A exposição *Centenário de C.G. Jung* aconteceu de 5 de junho a 20 de julho de 1975 no MAM Rio, sendo apresentada, ainda, no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), na Fundação Cultural do Distrito Federal, em Brasília, na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e no Palácio das Artes, em Belo Horizonte (Mello, 2014).

Este pequeno livro não tem a pretensão de resumir a psicologia de C. G. Jung. Nunca eu tentaria realizar semelhante tarefa que me parece impraticável. É apenas um mapa de bolso, um itinerário de estudo. Terá atingido seu objetivo se for útil, como guia e intérprete, a quem se interessar pela extraordinária riqueza do pensamento de C. G. Jung, mas que se ache um pouco perdido em face do volume e à densidade de sua obra.

Depois de ter se dedicado por mais de quarenta anos ao estudo da obra de Jung, é tentadora a ideia de classificar Nise da Silveira como junguiana. Não há a menor dúvida de que, em sua prática no Centro Psiquiátrico Pedro II, Nise tenha utilizado amplamente do pensamento do médico suíço. Para tanto, basta apenas que cite suas duas obras capitais *Imagens do Inconsciente* e *O Mundo das Imagens*. Pensamos, contudo, que a classificação de junguiano é ampla demais, podendo encobrir inúmeras práticas, inúmeros fazeres e dizeres, como, por exemplo, o psiquiatra junguiano que utiliza a medicação para “prender o arquétipo” ou um analista junguiano que diz que seu campo de atuação é estritamente o “mundo interno”. Jung sempre se posicionou contrário aos “ismos” impostos pela sociedade (Jung, 2011b), sua busca era pela individuação, ou seja, não estava interessado em posicionamentos narcísicos ou individualistas, mas sim no esforço pela ampliação do campo da consciência, levando em conta o fato de que fazemos parte de uma rede que entrelaça toda a natureza. Jung viveu na pele o sofrimento de ser banido de um grupo constituído em torno de uma escola psicológica, sendo assim, não queria que existissem junguianos, mas que suas ideias fossem utilizadas e crescessem, ganhando novos ramos como um sistema vivo:

C. G. Jung nunca pretendeu construir um sistema psicológico. Na sua opinião a psicologia, como ciência, está na infância, é complexa, é difícil, e terá ainda muito que crescer. Não se pode cogitar, pelo menos por enquanto, de sistematizações doutrinárias com pretensões definitivas (Silveira, 1969, p. 9).

Ao limitarmos Nise da Silveira sob a denominação “junguiana”, estamos negligenciando grande parte de seu pensamento livre e libertário. Nise admirava, além de Jung e von Franz, inúmeros autores: estudou com afinco as obras de Maurice

Merleau-Ponty e Eugène Minkowski, era apaixonada por seus *namorados* Ronald Laing e Gaston Bachelard, era uma aprendiz de Antonin Artaud, estudava psicologia nas obras de Machado de Assis, Franz Kafka, Marcel Proust, Robert Louis Stevenson, Anatole France e Fiódor Dostoiévski, tinha sempre à mão um livro sobre Leonardo da Vinci, aprendeu com Paul Klee a enxergar o invisível a partir do visível, admirava a poesia de Charles Baudelaire, muito aprendeu sobre o comportamento humano com Teilhard de Chardin e em seu relacionamento com os gatos, escreveu cartas a Spinoza etc. Nise lia autores como se estivesse em um diálogo permanente e não como discípula de uma escola. Opinião semelhante podemos encontrar em depoimento de Marco Lucchesi:

Nise da Silveira não merece a etiqueta junguiana (ou melhores como artaudiana, machadiana), ou qualquer forma que não ajude a perceber a marca diferencial de seu trabalho. Se acompanharmos essa liberdade de espírito, essa admirável emoção de lidar, poderemos descobrir inúmeras facetas de sua obra, inúmeras verdades de seu método (Lucchesi, 2001, p. 51 – grifo no original).

1.3 ANJO DURO

“Era um anjo e Jacó apenas teve tempo de divisá-lo, devido à grande escuridão, para entrar em luta com ele”.

Bíblia Sagrada

O tipo de concepção acerca da chamada “doença mental” interfere diretamente no modo de utilizar a ocupação com finalidade terapêutica. Desde o início da psiquiatria – com Pinel e Esquirol –, até meados do século XIX, observou-se crescente utilização de atividades ocupacionais. Desse longo período, Nise da Silveira gostava de contar duas histórias. A primeira refere-se a Pinel: com o objetivo de curar a doença mental por meio do tratamento moral, ele observava o reaparecimento do interesse por atividades anteriores à doença; essa ponte com o passado lhe parecia uma abertura para o futuro, que deveria ser *saisir avec avidité*. A segunda remete aos primórdios da psiquiatria no Brasil: na inauguração do Hospício Pedro II, o diretor Manuel José Barbosa mandou instalar oficinas de sapataria, de desfição de estopa, de florista e de marcenaria. Dois anos depois, José Clemente Pereira ofereceu alguns instrumentos musicais como meio de distração ou quem sabe de cura (Silveira, 1952, 1986).

Com o progressivo aumento dos estudos das localizações cerebrais, a partir da descoberta da paralisia geral progressiva por Antoine Laurent Jessé Bayle, a terapêutica ocupacional entrou em uma fase de declínio. Nesse caso, estando a doença relacionada com uma localidade e/ou anormalidade instalada no cérebro, a terapêutica pela ocupação perde, gradativamente, o valor, pois pouco ou nada adiantaria participar de atividades que não alterariam a conformação patológica do cérebro. A partir da construção do conceito de esquizofrenias por Bleuler, e seus debates com Jung acerca da gênese da doença mental, com preponderância dos aspectos orgânicos (Bleuler) ou dos aspectos psicológicos (Jung), a ocupação passa a ganhar novamente espaço no processo terapêutico:

Desde logo tais fatos demonstram que as subidas e quedas do método ocupacional acham-se em correlação com o valor que os psiquiatras da época atribuem ao elemento psicodinâmico na conceituação das psicoses, quer o aceitem ou não como fator etiológico suficiente (Silveira, 1952, p. 265).

Quando Nise da Silveira começou a trabalhar com a terapêutica ocupacional, os métodos de tratamento interferiam nas produções mentais por meio de alterações provocadas no organismo. Em meio ao pesado arsenal composto por choque elétrico, coma insulínico e lobotomia, a ocupação configurava-se como método subalterno. Tratar-se-ia, quando muito, de distração para quebrar com o opróbrio dos pátios ou como meio de se arrecadar verba para o hospital. Se essa era uma atitude preponderante, não constituía a totalidade do pensamento médico. Alguns psiquiatras queriam que a terapêutica ocupacional se ajustasse ao modelo médico, sendo receitada juntamente com os citados “tratamentos” biológicos (Silveira, 1952). Nise da Silveira, no entanto, não queria nem a subordinação nem o ajustamento. Considerava o tratamento pela ocupação “como legítimo procedimento terapêutico⁶⁰” (Silveira, 2024, p. 25).

Dessa forma, Nise foi dando respostas para cada tipo de tratamento psiquiátrico. Disse um sonoro não ao eletrochoque, assumiu a terapêutica ocupacional como *método não agressivo* quando de seus embates com o coma insulínico e combateu a lobotomia com afinco, participando de diversos congressos e escrevendo artigos (Melo, 2009a, 2009b). Revelando uma “saudável rebeldia” (Mello, 2001, p. 10), Nise da Silveira foi lucidamente acumulando material de pessoas que frequentavam os ateliês de pintura e modelagem, comparando-os com a produção posterior à psicocirurgia. Está claro que não se trata de uma estúpida experiência levada a cabo por Nise, não era ela que lobotomizava as pessoas. Esse procedimento “terapêutico” era designado pelo médico responsável pela enfermaria na qual a pessoa se encontrava internada. Nise se indignava, reclamava, lutava, mas a situação não se modificava: ligações cerebrais foram simplesmente desfeitas.

Em 1949, na exposição *9 Artistas de Engenho de Dentro*, no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM São Paulo), as belas esculturas de Lúcio Noeman retratando guerreiros ganharam destaque⁶¹ (Silveira, 2024, p. 28-29, figuras 1-5). Os críticos enalteciam o surgimento desse novo artista. Além disso, havia os relatos de melhora clínica após começar a frequentar os ateliês coordenados por Nise. No entanto, sete dias após a inauguração da exposição, Lúcio foi submetido à lobotomia. De nada adiantaram os apelos de Nise, que disse ao médico que indicou a psicocirurgia: *Vocês vão decapitar um artista*. O poder psiquiátrico se fez preponderante. Afinal, se

60 Na primeira edição, essa citação possui a seguinte referência: (Silveira, 1992a, p. 21).

61 Na primeira edição, essas imagens encontram-se na seguinte referência: (Silveira, 1992a, p. 24-25, figuras 1-5).

uma mostra coletiva em um museu importante de São Paulo não era algo para ser desprezado, o que se diria de uma técnica “terapêutica” que ganhou o prêmio Nobel?

O artista foi “decapitado”. Então, a partir da psicocirurgia somente poderiam ser expostas obras que retratavam o progressivo declínio da criatividade⁶² (Silveira, 2024, p. 30-33, figuras 6-12). Esse drástico calmante transformava, por vezes, pessoas em *verdadeiros autômatos*, pois perdiam a capacidade criativa, não conseguiam mais fazer abstrações, o discurso ficava infantil etc. Segundo Nise da Silveira, a lobotomia substituiu uma desordem funcional, ou seja, mental, por outra orgânica, impossibilitando qualquer tipo de tratamento. Um objetivo, no entanto, era alcançado: “As famílias e o ambiente hospitalar (...) passavam a gozar de cômoda tranquilidade⁶³” (p. 13).

O médico responsável pela cirurgia publicou na *Revista Brasileira de Saúde Mental* um artigo mostrando as alterações cerebrais advindas da operação. Nise da Silveira não perdeu tempo. Em 1950, sob os cuidados do professor Maurício de Medeiros⁶⁴, enviou as esculturas de Lúcio, juntamente com obras de outros autores, feitas antes e depois da lobotomia, ao I Congresso Internacional de Psiquiatria, realizado em Paris. A mostra de arte de internos de hospitais psiquiátricos de dezessete países foi coordenada por Robert Volmat, chefe da clínica psiquiátrica da Faculdade de Medicina de Paris. O Brasil enviou 236 obras feitas no Juqueri/SP, na Colônia Juliano Moreira/RJ e na Seção de Terapêutica Ocupacional do Engenho de Dentro/RJ. Dentre todas as obras apresentadas, Volmat (1956) ficou bastante impressionado com as esculturas de Lúcio, pois mostram, de maneira evidente, a queda da criatividade após a psicocirurgia.

Posteriormente, Nise apresentou, no 1º Congresso Latinoamericano de Saúde Mental, realizado em julho de 1954 em São Paulo, um trabalho comparativo da produção plástica de três pessoas⁶⁵, dentre elas Lúcio, antes e depois da loboto-

62 Na primeira edição, essas imagens encontram-se na seguinte referência: (Silveira, 1992a, p. 25-27, figuras 6-12).

63 Na primeira edição, essa citação possui a seguinte referência: (Silveira, 1992a, p. 12).

64 Sobre Maurício Campos de Medeiros verificar o verbete de Ana Maria Jacó-Vilela e José Felipe Vitor Machado. In.: Jacó-Vilela, A. M.; Klappenbach, H.; & Ardila, R. (Orgs.). (2023). *The Palgrave Biographical Encyclopedia of Psychology in Latin America*. (pp. 780-782). Palgrave Macmillan, Cham/Switzerland.

65 No texto desta apresentação não consta o nome das pessoas, que são identificadas somente pela sigla (Silveira, 1955). Posteriormente, Nise identifica-as pelo primeiro nome em um outro texto (Silveira, 1979).

mia. No ano seguinte, essa comunicação foi publicada na mesma revista que antes apresentou o texto do médico de Lúcio. Nos três estudos de séries de imagens apresentados por Nise da Silveira (1955), temos as seguintes situações. Na primeira, de Lúcio, vê-se uma completa destruição da criatividade, acompanhada por uma degradação do conteúdo simbólico, pois a luta entre o bem e o mal, representada pelas obras anteriores à psicocirurgia, foi transformada em uma luta entre gato e rato. Já na segunda, de Laura, ocorreu uma diminuição da atividade criadora. E na última série, de Anderson, houve uma alternância, pois inicialmente ocorreu uma alteração em sua capacidade de planejamento, assim como de sua imagem corporal, para, posteriormente, sua produção se tornar mais desinibida que na fase pré-operatória.

O que se pretendia com a lobotomia era a superação das ressonâncias emocionais sobre o pensamento, a inibição das agitações psicomotoras, a diminuição da agressividade e de atos obsessivos. Nise da Silveira (1955) contra-argumenta: as irreversíveis alterações cerebrais perturbam gravemente aspectos da personalidade que não eram visados com o ato cirúrgico. Além da referida queda da capacidade criativa, o indivíduo perde a capacidade de síntese e de abstração, ocorrem mudanças em relação aos sentidos e em questões de julgamento moral, não consegue imaginar nada em relação ao futuro, ou seja, perde a capacidade de planejar. O psiquiatra Washington Loyello (2000) acompanhou Laura antes da psicocirurgia e observou cerca de 300 pessoas lobotomizadas pelo médico de Lúcio, constatando que mais de 80% ficavam *abestalhados e perdiam a capacidade humana*. Dessa maneira, reconhece a importância e o impacto causado pelo estudo de Nise da Silveira: *é maravilhoso e mais que revelador*.

Uma das imagens mais impressionantes da série de Lúcio foi feita quatro meses após o ato cirúrgico. Nela, podemos ver uma “estranha serpente que domina, marca e deprime uma caverna de rocha esponjosa⁶⁶” (Silveira, 2024, p. 30, figura 7), dando a impressão de um cérebro sendo dividido ao meio. Trata-se de configuração que representa a devastadora lobotomia e o que se segue é apenas decadência. Vejamos os nomes dos quatro guerreiros esculpidos antes da lobotomia: guerreiro egípciano; guerreiro francês; guerreiro em pé, empunhando lança; e guerreiro de joelhos, derrotado. Na luta do bem contra o mal, o guerreiro foi derrotado: “Dra. Nise nos ensinou que, ao se encarcerar doentes mentais, só se consegue mais doença e desrespeito aos direitos humanos” (Delgado, 1998, p. 6).

66 Na primeira edição, essa citação possui a seguinte referência: (Silveira, 1992a, p. 25, figura 7).

A psiquiatria humanitária, carregada de afeto, que se identifica com o sofrimento sem perder a lucidez, encontra sua síntese em Nise da Silveira, uma mulher detentora dos opostos: fraca/forte, frágil/firme, tranquila/explosiva, criativa/repetitiva, compreensiva/intransigente. Nise é um anjo duro⁶⁷. Hélio Pellegrino (1981) relembrou que as atividades expressivas permitiram que, por meio de formas e cores, pessoas que eram silenciadas pudessem cantar e falar. E, assim, o trabalho de Nise da Silveira “testemunha a insubordinável dignidade do homem brasileiro, *capaz de extrair mel da rocha e água do deserto*” (p. 7 – grifos nossos).

67 A peça teatral *Anjo Duro: um salto em queda livre*, dirigida por Luiz Valcazaras e estrelada por Berta Zemel, aborda aspectos da vida e da obra de Nise da Silveira.

1.4 NEM POR SANGUE DE ARAGÃO

“O Brasil deveria proteger estas obras.
Pertencem à maior herança espiritual desta nação”.

Herbert Pée

A STOR contava com diversas atividades divididas em quatro grupos: que envolvem esforço característico do trabalho (marcenaria, sapataria, encadernação, cestaria, costura, jardinagem); expressivas (pintura, modelagem, gravura, música, dança, mímica, teatro); recreativas (jogos, festas, cinema, rádio, televisão, esportes, passeios); e culturais (escola, biblioteca) (Silveira, 1966, 1979). Apesar dessa divisão, a ênfase do trabalho de Nise da Silveira encontra-se nas atividades expressivas: “É através dessas atividades que se pode conseguir maior penetração no mundo íntimo do psicótico” (Silveira, 1986, p. 13). Mas, dependendo da maneira de executar a atividade, todas podem ser consideradas expressivas. A organização dos diferentes setores de atividades tem como objetivo alcançar um princípio básico que tentou formalizar: que a atividade fosse receitada pelo médico de acordo com o quadro apresentado pelo cliente e o objetivo do tratamento. Sua intenção era de que a terapêutica ocupacional deixasse de ser considerada como meio de distração e fosse respeitada como método de tratamento.

De início, as atividades expressivas serviam como meio de comunicação. Nise da Silveira queria saber o que os frequentadores dos ateliês sentiam e pensavam, ou seja, o que se passava na cabeça de cada pessoa, como gostava de dizer. Estabelecer um canal de comunicação dentro do hospício já era fazer muito. As atividades, no entanto, se mostraram terapêuticas em seu próprio ato de execução. A atitude de plasmar imagens, por meio de desenho, pintura ou modelagem, faz com que os conteúdos de delírios e alucinações, que antes tomavam de assalto o indivíduo, passem a ser manipulados, perdendo muito de seu caráter terrífico. As atividades expressivas mostraram-se como uma defesa eficaz “quando é grande o tumulto de pensamentos e emoções⁶⁸” (Silveira, 2022a, p. 26).

Nise nunca teve a intenção de encontrar artistas, tanto é verdade que a mais simples garatuja é guardada como documento do estado em que se encontra o autor,

68 Nas edições anteriores, essa citação possui as seguintes referências: primeira edição (Silveira, 1981, p. 25); segunda edição (Silveira, 2015, p. 28).

para que, juntamente com os seus demais trabalhos, seja estudada em série. Muitas obras, porém, destacaram-se pelo alto valor artístico. Esse fato coloca em xeque as noções da psiquiatria clássica, como deterioração da inteligência ou embotamento afetivo. Como explicar que Emygdio de Barros, torneiro mecânico que se encontrava internado há 23 anos e nunca havia pintado antes, receber de Ferreira Gullar o epíteto de *único gênio da pintura brasileira*.

Com o constante crescimento da produção das atividades expressivas, Nise da Silveira fundou, em 1952, o Museu de Imagens do Inconsciente, que se caracteriza pela pesquisa das séries de imagens, ou seja, do “desdobramento de processos intrapsíquicos⁶⁹” (Silveira, 2024, p. 22). Nas imagens pintadas temos, por assim dizer, verdadeiros autorretratos da situação psíquica. Esse tipo de estudo se fez possível a partir do encontro de Nise da Silveira com a psicologia analítica de Jung, que mudou de maneira radical o entendimento que possuía acerca dos fenômenos que ocorriam nos ateliês: “O mais importante acontecimento ocorrido nas minhas buscas de curiosa dos dinamismos da psique foi o encontro com a psicologia junguiana⁷⁰” (Silveira, 2022a, p. 13).

Nise da Silveira (2022a, p. 103) argumenta que o desfalque de uma imagem dificulta a compreensão, “tal como a perda de um hieróglifo poderá tornar ainda mais enigmática a leitura de um texto de antiga escrita egípcia⁷¹”. A determinação intransigente em manter todas as obras pode ser exemplificada da seguinte maneira: em 1949, uma obra em nanquim de Emygdio de Barros, *A Capela Mayrinck*, se encontrava na exposição do MAM São Paulo e foi muito apreciada pelo patrocinador da mostra, Cicillo Matarazzo. Almir Mavignier entrou em contato com Nise da Silveira e insistiu para que, em agradecimento pelo patrocínio, a obra fosse doada ao empresário. A resposta de Nise foi negativa. Matarazzo começou a fazer propostas cada vez maiores. A resposta, contudo, continuava a mesma: não. Quando a oferta já estava bem alta, nesse leilão de um único participante, a resposta de Nise foi definitiva: *Nem por ouro, nem por prata, nem por sangue de Aragão*. Segundo Frayze-Pereira (1999, p. 27-28), a tarefa de Nise da Silveira é a seguinte:

69 Na primeira edição, essa citação possui a seguinte referência: (Silveira, 1992a, p. 18).

70 Nas edições anteriores, essa citação possui as seguintes referências: primeira edição (Silveira, 1981, p. 11); segunda edição (Silveira, 2015, p. 13).

71 Nas edições anteriores, essa citação possui as seguintes referências: primeira edição (Silveira, 1981, p. 116); segunda edição (Silveira, 2015, p. 127).

Impedir a qualquer preço que a obra se transforme em mero artefato, em simples mercadoria, ainda que muito valiosa; que o museu ao longo do tempo adquira feições de um mau-solêu, que ele se torne a sepultura da obra de arte, testemunhando a neutralização da cultura. E é aí que a criação do criador encontrará os seus limites: a sua sobrevivência dependerá da força do guardião, uma força viva e concreta que preservará a obra como patrimônio da humanidade, lutando contra a sua banalização e consequente destruição simbólica pela especulação inevitável que o mercado de arte tende a ocasionar. Nessa medida, parece-nos que os princípios norteadores da criação do Museu de Imagens do Inconsciente definem uma posição filosófica (e política)...

O Museu de Imagens do Inconsciente alia ato terapêutico, compromisso com a pesquisa, dedicação humanitária e inquebrantável vigor ético. As concepções da psiquiatria clássica definiam os internos dos hospitais psiquiátricos, principalmente os diagnosticados com esquizofrenia, como seres que a cada dia embruteciam seu pensamento. Dessa maneira, ocorreria prejuízo da inteligência e ficaria cada vez mais evidente a deterioração das funções psíquicas superiores, a linguagem se tornaria pueril e o indivíduo caminharia para um estado deplorável, catalogado como crônico, uma espécie de morto-vivo. A partir das pesquisas efetuadas nos diversos setores de atividades, Nise da Silveira e sua equipe de trabalho desfizeram velhos dogmas e chavões psiquiátricos. A inteligência, a afetividade e a criatividade permaneciam presentes mesmo após anos de internação. Mas, ainda hoje em dia, após uma pequena entrevista psiquiátrica, o entrevistado pode ser considerado com a afetividade embotada. Nise da Silveira ficava impressionada com a lentidão das mudanças nas concepções psiquiátricas:

Uma coisa que durante toda minha vida eu observei é que a inércia é uma coisa poderosa. Vocês me perguntaram qual foi a coisa que mais me impressionou no curso, no contato com a psiquiatria tradicional: foi a lei da inércia. Eu constatei que a ciência, e uso essa expressão do poeta Rimbaud, “a ciência é exasperadamente lenta” (Silveira, 1977, p. 9).

Mesmo verificando a lentidão das mudanças, dado que não via muita diferença entre a camisa-de-força e a chamada camisa-de-força química, Nise ficava feliz em ver as ideias contrárias à psiquiatria clássica reverberarem em diversas ações que aconteciam em diferentes regiões do país. Além do trabalho que desenvolveu, a importância de Nise da Silveira para a psiquiatria brasileira encontra-se no fato de ser representada, com toda a justiça, como guardiã dos ideais éticos de garantia dos direitos humanos. O método de tratamento de Nise da Silveira não se reduz à terapêutica ocupacional ou à melhoria do ambiente hospitalar, não está restrito ao campo teórico da psicologia de Jung, muito menos a um gesto humanitário. Abarca, porém, todos esses pontos e ultrapassa-os na medida em que eles vão se imbricando. Nas palavras de Jurandir Freire Costa:

Dra. Nise precedeu em muitos aspectos a antipsiquiatria, a psiquiatria democrática e mesmo as comunidades terapêuticas, no que este movimento tem de melhor, de menos ingênuo. Antes de Laing e Basaglia, ela disse em alto e bom som: o louco deu férias à razão mas não à sua humanidade. Pouca gente escutou. Foi preciso que 68 passasse e que os anos negros viessem para que os ouvidos surdos pudessem ouvir a nova música (Costa, 1987, p. 21).

O trabalho de Nise da Silveira inspirou vários outros, no Brasil e no exterior. Não se trata de meras cópias, pois possuem marcas diferenciais. Do contrário, estaríamos apenas trocando um dogmatismo por outro. Podemos citar, como exemplos, os trabalhos de Lula Wanderley, Gina Ferreira, Ana Pitta, Ademir Pacelli Ferreira, Milton Freire, Carlos Augusto de Araújo Jorge, Oswaldo dos Santos, Alice Marques dos Santos, assim como o Museu Estadual Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro (MEOC-HPSP), em Porto Alegre/RS e o Museo Attivo delle Forme Inconsapevoli (atual Museattivo Claudio Costa), em Gênova, Itália, do qual Nise fazia parte da Comissão de Honra. A enorme afetividade de Nise aliada ao compromisso ético, além de seu consistente embasamento teórico, podem servir de inspiração e dar o tom para a criação de novas formas de atenção no campo da saúde mental. As palavras que Tom Hudson, professor do *College of Art de Cardiff*, Inglaterra, escreveu no livro de visitantes do *Museu* são esclarecedoras:

Não é frequente que se veja dedicação tão contínua e sentimentos humanos tão constantes. O valor terapêutico desse trabalho não pode ser posto em dúvida; sua organização é um trabalho científico-psicológico de cujo valor estou certo, mas para mim seu profundo sentimento humano é o testemunho mais comovedor.

O Museu de Imagens do Inconsciente estabeleceu uma completa contraposição aos depósitos humanos que são os hospitais psiquiátricos. Mário Pedrosa (1980) compreendia o *Museu* como uma comunidade que abrigava não só as obras, mas também seus criadores. O Museu de Imagens do Inconsciente precisa ser visitado, não apenas uma, mas diversas vezes, por aqueles que querem conhecer um território de resistência política e de estudo psicológico. O Museu como comunidade, “cujo belo percurso em nossa cultura sugere, pela força de propósitos de sua criadora, a retomada simbólica do sentido originário do *museion*” (Frayze-Pereira, 1999, p. 28 – grifo no original), ou seja, a inspiradora casa das musas.

1.5 OS INUMERÁVEIS ESTADOS DO SER

“J’ai vu un Être, celui de l’abeille vivante,
cela me suffit pour toujours”.

Antonin Artaud

“De tanto construir, (...) creio ter-me construído”.

Paul Valéry

Um dos pontos mais importantes do trabalho de Nise da Silveira está no estudo da obra de Antonin Artaud, poeta e teatrólogo francês que esteve por vários anos internado em instituições psiquiátricas. Em meados da década de 1950, folheando ao acaso revistas de arte, Nise foi atingida pela seguinte frase de Artaud: *O ser tem estados inumeráveis e cada vez mais perigosos*. A compreensão de certas vivências desconcertantes, imprevisíveis e de uma intensidade devastadora, representativas de estados do ser, amplia de tal forma o pensamento do pesquisador atento às produções da imaginação simbólica, que torna desnecessária a busca por um enquadre teórico baseado na patologização das experiências. Quando Nise entra em contato com a obra de Artaud, toda a visão que possuía acerca dos fenômenos apresentados no campo da psiquiatria foi modificada: “Com Artaud, Nise livrou o *doente da doença*, mediante a ideia dos inumeráveis estados do ser” (Lucchesi, 2001, p. 51 – grifo no original).

Artaud aborda a relação entre a unidade e a multiplicidade. Em nossa sociedade, prepondera o discurso da razão e o ser humano, frente às múltiplas possibilidades, procura manter a identidade entre os fatos e até mesmo entre as emoções, a fim de garantir minimamente a unidade. Nise da Silveira (1989, 2022a) destaca que as obras de Artaud sobre o México caracterizam-se como um caminho inicial para compreendermos a relação entre o uno e o múltiplo.

O primeiro texto de Artaud (1999) sobre a cultura mexicana foi a peça A Conquista do México, criada para ser o espetáculo inaugural do Teatro da Crueldade. O texto aborda a tentativa de certas culturas monopolizarem desde o mercado comercial até as ideias religiosas, qualificando as manifestações culturais que não se deixam dominar como resíduos típicos da primitividade. O domínio de um povo sobre o outro expressa o preconceito em relação à diversidade, reforçado pela ideia de uma suposta evolução da barbárie à civilização. Concepções semelhantes podem ser

encontradas nas obras de Jung, que empreendeu viagens a vários países do continente africano, esteve na Índia e com os povos *Pueblos* do México. A intenção de Jung era descobrir como os povos de outras culturas enxergavam o europeu. Conversando com Ochwiay Biano, chefe dos *Pueblos Taos*, Jung (2012) disse ter assimilado pela primeira vez na sua vida a verdadeira imagem do homem branco:

Aquilo a que damos o nome de civilização, missão junto aos pagãos, expansão da civilização etc. tem uma outra face, a de uma ave de rapina cruelmente tensa, espreitando a próxima vítima, face digna de uma raça de larápios e de piratas. Todas as águias e outros animais rapaces que ornaram nossos escudos heráldicos me parecem os representantes psicológicos apropriados de nossa verdadeira natureza (p. 302-303).

As imagens da unidade/multiplicidade mexicana prosseguem em textos de Artaud sobre o imperador Montezuma e outro acerca de Heliogábalo (Artaud, 1991). Partindo das múltiplas tentativas que o ser humano é capaz para garantir a unidade por meio do massacre da diversidade, Artaud aponta para o fato de o Mesmo somente sobreviver em uma relação dialética com o Outro: “Quem tem o sentido da unidade tem o sentido da multiplicidade” (p. 47-48). Com essa ideia em mente, Artaud (2000) viajou para o México em busca de experiências religiosas. Os rituais em torno dos deuses solares em Sierra Tarahumara o colocam frente a imagens tenebrosas e fascinantes que indicam um caminho que vai da multiplicidade (representações de deuses despedaçando o corpo de um homem) até a unidade (imagem solar). Em seu itinerário psíquico, Artaud (1995) constela o mito de morte/renascimento tão característico das *imagens indestrutíveis* presentes em seu teatro: “A Teologia do inconsciente realiza a interseção entre o Mesmo da ontologia com o Outro da história, num campo de simultaneidade e coalescência. O múltiplo retorna pela história e o uno pelo arquétipo” (Lucchesi, 1989, p. 29).

A multiplicidade do ser pode se apresentar de variadas maneiras. A forma mais comum e, por isso mesmo, uma das mais perigosas, é na projeção de conteúdos inconscientes. Na concepção de Jung, o psiquismo pode ser dividido basicamente em consciente e inconsciente, e este em pessoal e coletivo. O inconsciente pessoal traz consigo aspectos reprimidos que não queremos admitir em nossa personalidade consciente, assim como qualidades não desenvolvidas. Caso os conteúdos do inconsciente não sejam reconhecidos em nossas ações e pensamentos, a percepção do Outro corre

o risco de ficar distorcida. Podemos entrar em contato com a projeção da sombra desde pequenos atos de bisbilhote até assuntos de graves consequências internacionais. Nesse ponto, Marie-Louise von Franz (2008a, p. 228) nos dá o exemplo de Hitler ao se referir a Winston Churchill: “Durante mais de cinco anos este homem percorreu a Europa como um louco, em busca de qualquer coisa a que pudesse deitar fogo. Infelizmente sempre haverá mercenários prontos a abrir as portas da sua pátria a este incendiário internacional”.

Podemos estudar a multiplicidade do ser em textos literários. O tema do duplo e suas metamorfoses se apresenta como a principal característica desses “estados de desmembramento do ser” (Silveira, 1989, p. 10). Os conteúdos reprimidos e/ou não desenvolvidos pela personalidade consciente configuram, em terminologia junguiana, a sombra, que em si é uma característica não só normal, mas que fundamenta a personalidade total do sujeito. Somente em casos extremos, quando aspectos da sombra se tornam autônomos, criando uma cisão, é que podemos falar de estados patológicos. Aspectos da sombra, de inquietantes projeções, de duplos aterradores, foram descritos com mestria por Fiódor Dostoiévski (1975) em sua novela *O Duplo*, que apresenta um processo de cisão do ser em seus mínimos detalhes. Ao acordar, o senhor Goliádkin tem a impressão de que existe uma variedade de rostos nas paredes e nos móveis de seu quarto e acaba por confundir suas imagens refletidas no espelho com um segundo senhor Goliádkin. Dessa maneira, é iniciada uma aproximação com aquele sujeito estranho que é, ao mesmo tempo, o seu companheiro mais próximo.

Os acontecimentos se desdobram: eles se encontram na rua, Goliádkin recebe Goliádkin em casa, travam uma disputa em ambiente de trabalho. Assim, o segundo senhor Goliádkin passa a ser visto como um inimigo que, de maneira covarde, sempre o empurra pelas costas. Essa perseguição implacável fez o senhor Goliádkin terminar os seus dias em um hospício. Dostoiévski “parece multiplicar o mesmo indivíduo básico [causando] a confusão entre o estado limiar e a realidade” (Augras, 1967, p. 177).

Dostoiévski (1975) escreveu *O Duplo* em 1844. Seis anos antes, em 1838, Edgar Allan Poe (1978) publicou uma série de contos fantásticos, entre os quais *William Wilson*, que trata exatamente da questão do duplo. Como na novela de Dostoiévski, temos um sujeito com o mesmo nome e características pessoais do personagem principal. O sócio de William Wilson é colocado como seu perseguidor. O primeiro William Wilson teve que trocar de escola e, posteriormente, de país. Passou pela França, Áustria, Alemanha, Rússia, Egito, porém, verificava, de maneira

angustiada que, para onde quer que fosse, seu duplo aparecia atrás. Diz o primeiro William Wilson: “Tomado de pânico, fugi enfim de sua impenetrável tirania, como de uma peste até o fim do mundo, fugi, *e fugi em vão*” (Poe, 1978, p. 104 – grifo no original).

O último encontro entre os dois ocorreu durante um carnaval na cidade de Roma. Nesse dia, o primeiro William Wilson, tomado de ódio, investiu contra seu duplo e desferiu vários golpes de espada. De repente, William Wilson percebeu em um espelho sua imagem ensanguentada e, no chão, o seu adversário que, mesmo se contorcendo, disse: “Venceste e eu me rendo. Mas, de agora em diante, também estás morto (...) e vê em minha morte, vê por esta imagem, que é a tua, como assassinaste absolutamente a ti mesmo” (Poe, 1978, p. 107 – grifo no original).

No caso de o sujeito conseguir manter o equilíbrio de seu psiquismo, apoiando-se nesse tipo de configuração polarizada, ele se inscreve nos padrões de comportamento que, segundo Erich Neumann (1960), baseiam-se em uma antiga ética. Tal ética se caracteriza pelo fato de o sujeito estabelecer um campo idealizado do que ele considera aceitável em sua personalidade consciente e, por assim dizer, criar um negativo em seu inconsciente. Os valores, nesse caso, estão dispostos de maneira absoluta, fazendo com que sejam estabelecidas regras imperativas para o próprio sujeito e para os outros. A antiga ética, dicotomizada entre o bem e o mal, está sujeita às normas morais estabelecidas pela sociedade e, na mesma medida, contribui para a sua manutenção. Em contraposição, Neumann aponta a psicologia de C.G. Jung como uma das bases para uma nova ética, dado que, em vez de se criar dicotomias a partir da repressão de certos valores, leva-se em conta a experiência da sombra e a necessidade de seu confronto com o campo da consciência. Dessa maneira, “se chega ao perigoso reconhecimento da dualidade e multiplicidade da própria existência” (p. 68-69). O processo de individuação não leva em conta, portanto, apenas os valores que dizem respeito à própria subjetividade, mas também aspectos da coletividade e da multiplicidade do ser.

Por meio das imagens do inconsciente, em sonhos, delírios, alucinações, expressões artísticas etc., Jung acompanha o percurso da libido que se apresenta em forma de personificações inconscientes. Essas imagens são agrupadas em temas típicos e analisadas em séries que, por si só, propiciam o surgimento de um significado, desde que ocorra o confronto com o campo da consciência. As palavras de M-L von Franz (1996) sintetizam a atitude do terapeuta “junguiano” frente às produções do inconsciente: “A terapia junguiana é para mim tão bonita, porque ela tem tão pouca

interferência – a mínima necessária” (p. 22). Jung não pretendia curar as pessoas, apenas acompanhava suas produções inconscientes e conferia oportunidade para uma tomada de consciência. Porém, as mudanças de comportamento e de atitude cabem ao indivíduo, quando efetua escolhas. A psique consciente é formada por escolhas e comportamentos que se articulam para conferir uma identidade ao sujeito. Ao mesmo tempo, ela se constitui como a face que se mostra ao mundo –, projetando, assim, uma sombra composta por conteúdos reprimidos ou ainda não desenvolvidos conscientemente. Tal divisão engendra um sujeito dotado, sem dúvida alguma, de uma racionalidade, cuja principal característica é a capacidade de se comunicar, de pensar e se expressar de maneira simbólica.

As manifestações simbólicas, no entanto, não costumam ser levadas em consideração nos hospitais psiquiátricos. Nesses locais, há o massacre de indivíduos que passam de seres humanos para massas amorfas, assumindo uma padronização de indiscutível mau gosto. Os tratamentos, muitas vezes, estão pautados na tentativa desesperada de tratar dos sintomas mais aparentes, tidos como semelhantes em cada quadro nosológico. Dessa maneira, não se leva em consideração que o indivíduo possui uma história de vida que, por mais estranha e indecifrável que seja a sua experiência, trata-se daquilo que de mais precioso e humano uma pessoa pode se valer: sua singularidade. A possibilidade de se recriar a personalidade esfacelada, seja pelas vivências tumultuosas, seja pela desastrosa intervenção psiquiátrica, se faz por meio de produções simbólicas e a partir de mudanças de atitude dos profissionais de saúde. O relato de Milton Freire⁷² (1989), que passou por internações psiquiátricas, é esclarecedor a esse respeito: “Só a partir de uma renovação da psiquiatria pude me reestruturar” (p. 36).

A identificação de Milton com a experiência de Antonin Artaud se dá pelo fato de tentar e conseguir manter a dignidade, sem se colocar no papel de vítima (por mais que tenha sido indevidamente “tratado”), nem de agressor (mesmo que a imagem que geralmente se faz do louco seja de pessoa violenta e temerária). Ao participar da organização de associações de usuários e de trabalhadores de serviços de saúde mental, Milton expõe sua história de vida e, assim, contribui nas transformações necessárias para que possamos criar novas formas de cuidado no campo da saúde mental.

72 Sobre Milton Freire, ver o documentário *Milton Freire, um grito além da história*. Roteiro e direção: Victor Abreu. 20'. 2020.

Mesmo nos Juqueris, nas Colônias do Rio de Janeiro ou de Barbacena, nas Eiras, as subjetividades protestam, por mais que não se dê ouvidos, que se coloquem uniformes de tecido ou químicos. Milton foi isolado em um quarto-forte do hospital psiquiátrico e, segundo os médicos, seu destino já estava traçado pelo curso natural da doença: a memória se perderia, a inteligência ficaria embrutecida, se tornaria um homem sem caráter, sua afetividade ficaria embotada e as alterações corporais seriam tantas que ele perderia totalmente o domínio sobre si. Milton, contudo, não via nesses prognósticos a natureza da doença, mas a criação da mortificação. Seriam, antes, acusações das quais teria que se defender sem que ninguém acreditasse em suas palavras.

A reestruturação ontológica de Milton Freire se iniciou sem que tivesse alguém por perto. Dentro do quarto-forte, ficava sozinho, apanhava a comida que lhe era passada por baixo da porta e, sem talheres, comia com as mãos; por vezes, chegou a comer as próprias fezes; deitava-se nu no chão frio e gritava para não perder de vez a consciência. Certo dia, ao olhar por um pequeno buraco na porta, avistou no pátio um rapaz descalço com uma blusa de manga comprida arregaçada. Era uma visão. Milton, sem medo da imagem que supôs ser de uma pessoa bastante sensível, iniciou um diálogo. Queria saber quem era o rapaz. O moço se apresentou como Poeta ou Trovador, tendo vindo das estrelas: “A missão dele era socorrer pessoas desfiguradas pela crueldade do destino” (Freire, 1989, p. 37). As forças autocurativas da psique se faziam presentes mesmo em um ambiente de total indiferença.

A ideias do Trovador eram apresentadas a Milton de maneira musicada e o homem, cruelmente encerrado, se colocou na busca do mistério da flor. Nesse caminho de reestruturação, várias imagens, entidades como as chama Milton, foram surgindo: Marciano, Voz de Mulher e Menino, além, é claro, do Trovador e da flor. Por meio da multiplicidade do ser, a personalidade foi se organizando em torno de um centro, ou seja, a unidade, ao mesmo tempo, inscreve e abarca a multiplicidade.

Figura 6: Milton Freire, Marco Lucchesi, Nise da Silveira e Rubens Corrêa durante o lançamento do livro Artaud: a nostalgia do mais (1989).



Fonte: Museu de Imagens do Inconsciente

1.6 MULHERES NA PRISÃO

“Este canto é preciso que brade, / Que não cesse o clamor desta voz! /
No Brasil há de haver liberdade, / Conquistada nas ruas por nós!”

Hino da Aliança Nacional Libertadora

Aos quinze anos de idade, Nise da Silveira começou a fazer o curso preparatório oferecido pelo Liceu Alagoano com o objetivo de ingressar na Faculdade de Medicina da Bahia. O fato de ter estudado no Colégio Santíssimo Sacramento em muito lhe ajudou a passar nos exames, dado que se tratava de um educandário dirigido, em sua maioria, por freiras francesas. O ponto que caiu para ser discorrido por ela na prova foi *Le Cid*, de Pierre Corneille. Ao ingressar na faculdade em 1920, criou-se um impasse, pois a idade mínima exigida era de dezesseis anos. Nise relata como o problema foi resolvido: “Em Maceió tudo se arruma. E assim deram lá um jeito e eu entrei para a Faculdade com quinze anos como se tivesse dezesseis. Depois tive um trabalho danado para corrigir isso e voltar à idade certa” (Silveira, 1996a, p. 35).

Nos três últimos anos de faculdade, a turma de Nise foi acompanhada pelo professor de clínica médica Antônio do Prado Valladares. A jovem estudante considerou uma sorte, pois entendia que ele “não era um cartesiano, posição filosófica que cada vez mais domina a medicina contemporânea” (Silveira, 1992b, p. 147). Nise e seus colegas de turma acompanhavam o professor Valladares nos atendimentos que fazia no Hospital Santa Isabel. Durante essas visitas, no leito das pessoas internadas no setor de clínica médica, Nise da Silveira aprendeu a ter uma visão do ser humano em sua totalidade e não de maneira fragmentada, separado por peças e órgãos. O ser humano apresentado pelo professor Valladares não estava no hospital apenas para que fossem introduzidas substâncias químicas em seu organismo, uma vez que ele não estava lidando com máquinas.

Com certeza, essa não foi a única influência que Nise teve nos tempos de faculdade. A interseção da medicina com a sociedade parece ter chamado a sua atenção, levando-a a escrever seu *Ensaio sobre a Criminalidade da Mulher no Brasil*⁷³ (Silveira, 1926) como trabalho de final de curso, ou seja, sua tese inaugural versa sobre pessoas

73 A tese inaugural de Nise da Silveira (2013, p. 250-310) foi publicada em livro coordenado por José Otávio Motta Pompeu e Silva.

excluídas da sociedade: “Já parece um sinal que minha tese foi sobre criminalidade da mulher no Brasil. Já me atraíam pessoas assim, que não estivessem muito dentro das normas” (Silveira, 1977, p. 8). Apesar de não considerar que seja um bom trabalho, aparecia-lhe, porém, como um indício de sua futura obra na psiquiatria. Por toda a sua vida teve que nadar contra a corrente e, assim, considerava-se uma “marginal”. Em sua opinião, a vida-piracema encontra-se presente em suas concepções fora do modelo médico vigente, em seu método de tratamento *não agressivo* e, principalmente, nos estudos das séries de imagens do inconsciente.

O tema de sua tese inaugural versa sobre pessoas marginalizadas e, realmente, não contém uma só linha que nos lembre o mecanicismo tão habitual nas práticas médicas. Suas concepções estão embasadas na profilaxia higienista. A discussão de seu trabalho gira em torno da preponderância de fatores intrínsecos ao indivíduo ou de fatores sociais na determinação de um crime. Dentre os fatores inerentes ao indivíduo, existem os determinantes morfológicos, que são defendidos por diversos autores. Essa tendência, no entanto, estava sendo contraposta, segundo Nise, pelos autores aos quais denominou como modernos positivistas do direito, que abandonaram os estudos morfológicos e enfatizaram o determinismo das funções psíquicas. Com base no argumento de que nem todo criminoso é um degenerado, alguns autores privilegiaram as situações sociais que podem “levar ao crime indivíduos sãos de alma e de corpo” (Silveira, 1926, p. 17). Em sua tese, a economia e a educação (instrução e ensinamentos morais) são considerados os fatores sociais mais importantes.

Nise da Silveira (1926) apresenta-nos, portanto, fatores intrínsecos ao indivíduo (causas morfológicas e psíquicas) e fatores sociais (economia e educação). Além disso, considera que a geografia, o solo, as intempéries naturais e o clima de uma determinada região fazem parte dos determinantes externos ao indivíduo. A partir dessas proposições, Nise da Silveira traz dois argumentos: há uma mistura de criminosas e doentes mentais; e a medicina deveria contribuir na tomada de decisões no campo social. Nesse sentido, são elencadas as principais medidas que deveriam ser adotadas: campanha contra o alcoolismo; proibição de casamento entre tarados, já que resultaria na degeneração dos descendentes; medidas a favor da educação de crianças, não só por meio da instrução, mas também da moral; a legalização do divórcio; melhores condições econômicas e morais para as classes mais pobres; a reabilitação do que chama de desregrados, pessoas no limiar da criminalidade, como vagabundos e prostitutas “em cuja ociosidade fomentam-se vícios e delitos”; e a profilaxia da emigração, como estratégia de controle de entrada de estrangeiros no

Brasil para “que outros não se depurem, enviando-nos seu lixo social” (p. 29). Dessa maneira, podemos afirmar que realmente a tese inaugural indica o interesse por pessoas à margem da sociedade. No entanto, o trabalho que desenvolveu no campo da saúde mental apresenta concepções teórico-metodológicas diametralmente opostas ao higienismo postulado em seu período de faculdade.

Um bom exemplo de concepções higienistas no campo da saúde mental pode ser visto por meio das mudanças ocorridas nos estatutos da Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM). Essa associação médica, inaugurada em 1923 por Gustavo Riedel com o objetivo de transformar a assistência psiquiátrica, sofreu de maneira marcante a influência das ideias acerca da modernização do país durante a década de 1920. Já em 1926, surgem mudanças no estatuto da instituição, visando “à prevenção, à eugenia e à educação dos indivíduos” (Costa, 1976, p. 28). O movimento de higiene mental, que se limitava à aplicação dos conhecimentos psiquiátricos, inverte os papéis, passando a ser uma teoria geral que norteará a prática. Essa mudança encontrava sua justificativa na noção de eugenia, ou seja, no pressuposto de controle dos fatores sociais para que se consiga elevar ou rebaixar, física ou mentalmente, as características da raça. No Brasil, o pouco desenvolvimento alcançado, até então, era explicado pelo clima desfavorável e pela mistura racial, tornando-nos “inferiores”. Dessa maneira, teríamos ficado preguiçosos, com pouca inteligência e indisciplinados. As seguintes palavras de Jurandir Freire Costa são esclarecedoras: “Infelizmente nada podia ser feito contra o clima. Em contrapartida, o problema racial ainda podia ser resolvido” (p. 31). O racismo ganhava, assim, estatuto científico. A LBHM tornar-se-á oficialmente racista em 1934, quando ocorre nova mudança nos estatutos, influenciada pelas ideias de Renato Kehl. À frente da recém-fundada Comissão Central Brasileira de Eugenia, Kehl propõe medidas que ultrapassam qualquer preocupação psiquiátrica, incluindo a esterilização sexual como forma de prevenir e, se possível, erradicar as doenças mentais.

Ideias que estabelecem conexões entre estado mental, fatores ambientais e tipo racial dos indivíduos, com a finalidade de explicar certas “degenerações da raça”, podem ser lidas de maneira dramática no discurso de João Augusto Rodrigues Caldas, diretor da então denominada Colônia de Alienados de Jacarepaguá, em 1920, mesmo ano em que Nise ingressou na faculdade. Na concepção de Rodrigues Caldas, a psiquiatria deveria resolver os prementes problemas de higiene como forma de defesa da sociedade contra pessoas “taradas”, pobres, fracas de espírito, com mau caráter, alcoolistas, loucos, crianças retardadas ou abandonadas, “assim como os indesejáveis

inimigos da ordem e do bem público, alucinado pelo delírio vermelho e fanático das sanguinárias e perigosíssimas doutrinas anarquistas ou comunistas, do marxismo ou bolchevismo” (Caldas, 1920 como citado em Cerqueira, 1984b, p. 12). O diretor da instituição psiquiátrica clamava pela promulgação de uma lei que possibilitasse ao médico cumprir seu dever social de exclusão.

Apesar de ter iniciado a carreira médica sob influência dessas ideias, de forma alguma, Nise da Silveira pactuou com essas concepções. A sua tese inaugural pode ser considerada, então, em dois níveis: como preocupação legítima com as pessoas que se encontram fora das normas e como ponto teórico discordante de suas concepções futuras. Fatores externos, com certeza, contribuíram para o segundo ponto. O clima político da época foi um fator preponderante para uma mudança de atitude. Em meio aos embates entre integralistas e comunistas, Nise da Silveira se posicionou ao lado dos comunistas. Dessa maneira, adotava exatamente as ideias que deveriam ser combatidas, inclusive pelo aparato psiquiátrico, como defendia Rodrigues Caldas.

Nise da Silveira se formou em medicina no ano de 1926. Um ano depois, foi morar no Rio de Janeiro com seu marido, o sanitarista Mário Magalhães da Silveira. O casal se instalou em uma casa na antiga rua do Curvelo, no bairro de Santa Teresa. Na casa em frente, morava o poeta Manuel Bandeira e, no final da rua, o casal Otávio e Laura Brandão (Salas, 1975; Bezerra, 1995). Se o primeiro a colocava em contato com as transformações modernistas ocorridas nas artes, o casal Brandão apresentava-lhe o caminho da política engajada, dado que Otávio era, naquela época, líder do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Na casa do líder comunista, Nise entrou em contato com as obras de Nietzsche, Tólstoi e a cultura da Índia (Silveira, 1996b). Outro ponto de aprendizagem, talvez o mais marcante em toda a sua vida, foi a profunda impressão que lhe causou o fato de Laura prestar atenção nos detalhes e enxergar beleza em tudo (Bezerra, 1995). Contudo, não foi por meio de Otávio que Nise da Silveira se filiou ao PCB. Ela começou a frequentar as reuniões do partido algum tempo depois, quando o médico Augusto Hyder Corrêa Lima a convidou para uma palestra de Edgardo de Castro Rebello sobre direito marítimo (Bezerra, 1995; Gullar, 1996). As ideias e o impacto causados por Castro Rebello fizeram com que Nise da Silveira iniciasse suas leituras de cunho marxista.

Em 1933, quando se preparava para o concurso de psiquiatra, os membros do partido, não admitindo que ela gastasse tanto tempo com uma prova, a expulsaram sob a acusação de trotskismo (Pandolfi, 1992). Quando já estava fora do PCB,

Nise foi convidada por amigos a participar da União Feminina do Brasil (UFB), trabalhando como médica voluntária, de acordo com sua declaração na Delegacia Especial de Segurança Política e Social. A UFB distribuía panfletos em defesa dos interesses da mulher no Brasil, especialmente daquelas submetidas a precárias condições de existência e de trabalho. A princípio, essa entidade não se identificava com qualquer organização política, porém, acabou por se vincular à Aliança Nacional Libertadora (ANL), partido político que foi colocado na clandestinidade pela ditadura Vargas. Assim, a UFB foi fechada e alguns de seus membros presos. Em março de 1936, Nise foi detida no Hospital da Praia Vermelha, passando uma semana no Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), sendo transferida para o presídio da Frei Caneca. Sobre esse período, disse Nise da Silveira (1996a): “Uma enfermeira, que fazia a limpeza de meu quarto, viu sobre minha mesa uns livros socialistas e me denunciou à administração” (p. 41). E continua adiante:

O diretor do hospital, que era o Valdomiro Pires, mandou me chamar. Eu descí e ali fui presa. Fui levada para a Casa de Detenção, na rua Frei Caneca. No dia seguinte, de manhã, me transferiram para o pavilhão dos primários, onde estava instalada a famosa “sala 4”. Ali ficavam as mulheres prisioneiras (p. 42).

E, assim, Nise da Silveira foi se juntar a Elisa Berger (Sabo), Olga Prestes, Maria Werneck de Castro, Haydée Nicolussi, Valentina Leite Barbosa Bastos, Eneida de Moraes, Beatriz Bandeira, dentre outras (Werneck, 1988; Bezerra, 1995; Gullar, 1996). Nise da Silveira dormia na cama ao lado de Sabo, que havia sofrido, junto ao seu marido Harry Berger, violentas torturas realizadas invariavelmente às 3 horas da madrugada:

A Elisa Berger, na verdade Elisa Ewert... Foi muito queimada. A cama dela era junto da minha. Eu, que sempre dormi bem, tinha bom sono, àquela hora acordava, não conseguia dormir. (...). Eles tinham uma certa hora para torturar. Vinham e a levavam. Depois, ela me mostrava as queimaduras nos seios... Eu ficava nervosíssima, vendo aquilo (Silveira, 1996a, p. 42).

Em entrevista para a revista *Humboldt*, em 1990, Nise da Silveira disse que teve um grande envolvimento político no período da ditadura Vargas e que possivelmente sua experiência na prisão contribuiu nas suas futuras concepções psiquiátricas. Em 1993, em outra entrevista, para o jornal *Rio Artes*, da Secretaria Municipal de Cultura, Nise mantém a posição de que houve influência de sua estadia no cárcere em seu trabalho, porém, afirmou que exageram a sua participação nos assuntos da política nacional. Coloca-se apenas como uma pessoa de ideais democráticos que estava lutando contra as injustiças sociais.

Os acontecimentos da prisão foram magistralmente relatados em *Memórias do Cárcere*, obra póstuma de Graciliano Ramos. Nesse livro, temos algumas pistas acerca do trabalho de Nise, pois as atividades inventadas pelos prisioneiros serviam de antídoto contra o massacrante e repetitivo dia a dia: “Todo preso procura uma atividade, senão sucumbe mentalmente” (Silveira, 1977, p. 9). Em 1954, doze pessoas que se transformaram em personagens do livro de Graciliano deram seus depoimentos, dentre as quais, Nise da Silveira. A médica alagoana, emocionada com as memórias de experiências tão sofridas, referiu-se ao amigo Graciliano de uma maneira que, imediatamente, nos faz lembrar ela própria:

Compreende-se que uma pessoa assim afinada para captar o bem nos mais variados cumprimentos de onda, fosse do mesmo modo sensível a quaisquer manifestações da brutalidade, da perfídia, do mal. Tinha, pois, que tomar medidas de defesa. Vestir carapaça dura, enrolar-se em arame farpado (Silveira, 1954, p. 26).

CAPÍTULO 2: ATIVIDADE

Figura 7: Emygdio de Barros, A Oficina Mecânica, 1949, óleo sobre madeira, 38,5 x 46 cm.



Fonte: Museu de Imagens do Inconsciente

2.1. A FERRAMENTA JUNGUIANA

“Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. (...).

E preciso que sirva, é preciso que funcione”.

Gilles Deleuze

Várias foram as academias frequentadas por Nise da Silveira: Faculdade de Medicina da Bahia, rua do Curvelo, Instituto de Neurologia, União Feminina do Brasil, Sala 4, ateliês de Engenho de Dentro, Zuri que etc. Logo, percebemos que não lidava com o conhecimento de maneira passiva. Em relação aos autores, lia as obras de maneira árdua, como quem capinava e, ao mesmo tempo, com bastante prazer. Sua maneira de trabalhar era, sem dúvida, bastante minuciosa. Por vezes, o esforço na busca da precisão era tanto que a conclusão parecia impossível, como nos roteiros que fez para a trilogia cinematográfica *Imagens do Inconsciente*, de Leon Hirszman. Aliás, o cineasta se referiu a ela dizendo que Nise trabalhava “com aquele rigor dela, que não impede o voo” (Hirszman, 1995, p. 66). E, ela, de maneira bem-humorada, indicava-nos a necessidade de peneirar sete vezes para chegar no ponto.

Ao se peneirar a obra de Nise da Silveira por sete vezes, vemos uma autora não dogmática, cautelosa, persistente e que foi construindo sua obra ao longo de várias décadas de atendimentos e pesquisas. Vale a pena lembrar que quando iniciou o estudo da obra de Jung de maneira sistemática, Nise já havia se formado em medicina há cerca de 30 anos e o seu trabalho na terapêutica ocupacional já contava com quase dez anos de funcionamento. O que podemos depreender dessas constatações é que a obra de Jung, à medida que se estabelecia como parâmetro para a compreensão dos acontecimentos que se davam nas atividades expressivas, constituía-se, aos poucos, em referencial teórico privilegiado. Podemos afirmar que a obra de Nise não é apenas uma simples aplicação das teorias da psicologia analítica, mas sim que se trata de um organismo vivo em constante processo de reelaboração:

Muita gente acha que apliquei Jung assim... eu fui levada. Mas pode-se dizer que cada teoria científica é completamente válida. Uns se ajustam com um instrumento de trabalho e outros com outro. Para mim, realmente a psicologia junguiana foi um instrumento muito produtivo de trabalho (Silveira, 1977, p. 6 – grifo nosso).

Nise costumava comparar as teorias psicológicas a instrumentos de trabalho, como ferramentas, e a que melhor se adequou à sua mão e ao seu campo de estudo foi a psicologia de Jung. As proposições da psicologia analítica não eram vistas por Jung como verdades absolutas, funcionavam, antes, como hipóteses, como argumentos válidos em determinadas situações. No seu entender, a constituição de teorias científicas deve, em muito, à subjetividade do pesquisador. Utilizando-se do argumento de complementariedade cunhado por William James e largamente utilizado na física por Niels Bohr, Jung definirá as teorias psicológicas como complementares em relação ao conhecimento de um dado objeto. Jung vai além quando afirma que, se por acaso negarmos a validade de uma dada teoria psicológica, estaremos negando, em consequência, parte da natureza humana. Nesse sentido, as teorias se caracterizam como um fenômeno histórico-cultural (Jung, 2011q) e, ao mesmo tempo, estão intimamente ligadas com a personalidade de quem as cria (2011d). Jung inova ao não considerar a teoria como mero mecanismo para elucidar um objeto de estudo, mas por se estabelecer a partir da dialética eu-mundo e, conseqüentemente, dizer respeito também ao observador.

Além de definir a teoria como dependente do observador, Jung (2011r) diz que o terapeuta deve levar em consideração o tipo de problema que o cliente nos traz. Dessa maneira, considera que cada teoria aponta para determinadas verdades. A psicoterapia constitui-se, portanto, pelas seguintes etapas: confissão, esclarecimento, educação e transformação. A primeira etapa se caracteriza pela catarse, ou seja, ocorre a liberação dos afetos; o esclarecimento se faz, principalmente, no contexto da relação transferencial, ponto extensamente abordado por Freud; a terceira etapa, privilegiada por Alfred Adler em sua psicologia das pessoas oprimidas e fracassadas no contato social, visa a uma reeducação; e, por último, a etapa transformativa nasce do incômodo que certas pessoas apresentam por estarem extremamente adaptadas, necessitando fugir da normalidade, da média: “para estas, a ideia ou a obrigação moral de não ser mais do que normal, significa o próprio leito de Procusto, isto é, o tédio mortal, insuportável, um inferno estéril, sem esperança” (§ 161).

Apesar da grande ênfase dada por Jung aos processos transformativos, ou seja, à etapa da psicoterapia na qual aborda os fenômenos à luz de sua psicologia, afirma que cada situação requer a abordagem psicológica mais adequada. Dessa maneira, as questões relacionadas à sexualidade requerem, de maneira prioritária, do referencial freudiano e as pessoas que trazem à tona ideias de vontade de poder, podem se beneficiar das concepções adlerianas. Jung aponta-nos a maneira como faz a diferenciação prévia para iniciar o tratamento:

A característica do primeiro grupo é a procura infantil do prazer; são pessoas que em geral aspiram mais a desejos e impulsos incompatíveis, do que ao papel que poderiam ocupar na sociedade; são pessoas geralmente bem situadas, bem-sucedidas, socialmente realizadas. As pessoas pertencentes ao segundo grupo querem “estar por cima”; na realidade elas estão por baixo, ou pelo menos imaginam que não estão exercendo o papel que no fundo lhes pertenceria. Trata-se frequentemente de pessoas com dificuldades de ajustamento social, que procuram disfarçar sua inferioridade com ficções de poder (Jung, 2011s, § 24).

As etapas iniciais do tratamento caracterizam-se pelo aspecto analítico-redutivo (Jung, 2011t). Podemos, sem dúvida alguma, explicar qualquer atendimento tanto pelas teorias de Freud quanto de Adler. Existem, no entanto, situações privilegiadas para cada abordagem: “Na obra de Jung não há traço de hostilidade contra qualquer escola psicológica” (Silveira, 1969, p. 9). Apesar de Jung ter elaborado ideias próprias acerca da psique, considerava que o tratamento deveria, de maneira geral, ser iniciado pelo método analítico-redutivo. Somente quando as sessões começavam a ficar repetitivas ou quando surgia material arquetípico, iniciava o tratamento sintético-construtivo, trabalhando com material simbólico a partir de amplificações, ou seja, por paralelos com símbolos de diversas manifestações culturais: “as ideias de Jung não constituem uma “doutrina”, mas são o começo de uma nova perspectiva que continuará a desenvolver-se e a evoluir” (Franz, 2008b, p. 428).

2.2. SERÁ O BENEDITO?

“Pois lá em cima, no céu, não será o paraíso
uma imensa biblioteca?”

Gaston Bachelard

A biblioteca de Nise da Silveira ocupava o apartamento em cima do qual morava. Ao entrarmos, eram avistadas várias estantes feitas de tábuas de madeira apoiadas em tijolos, algumas mesas, cadeiras, muitos bancos, fotografias de pessoas queridas, quadros da Casa das Palmeiras pelas paredes, gatos passeando em total liberdade e livros, muitos livros. Dois emblemas também chamavam a atenção: em cima da porta do quarto que lhe servia de gabinete de trabalho, havia uma peneira de palha e dois abanos; na estante, um livro entalhado em madeira com formato de coração⁷⁴. Nesse ambiente rústico, os emblemas não poderiam deixar de representar a simplicidade e o afeto da anfitriã.

A peneira com os abanos, que Nise costumava chamar de seu brasão, servia de metáfora da maneira como trabalhava: com minúcia e paixão. Sempre que perguntada pelo motivo de aqueles objetos se encontrarem em uma biblioteca, contava que sua tia, ao preparar um delicioso doce de laranja, costumava peneirar sete vezes e manter o fogo aceso com o vento dos abanos. Essa era a fórmula para que o doce ficasse no ponto e o método empregado por Nise em seus estudos.

O entalhe do livro em madeira com formato de coração foi presente de um dos primeiros clientes da Casa das Palmeiras e, na ocasião, monitor da marcenaria, senhor José Basto. Uma forte relação de carinho unia essas duas pessoas e José, vendo sempre sua querida doutora cercada por livros, ofereceu-lhe o presente e disse que o livro é muito importante, mas tem de estar acompanhado pelo coração. Nise escutou aquelas palavras como as de um sábio e as entendeu como uma crítica por ser muito livresca. Nise não poderia deixar de concordar com as palavras de José, pois, sempre que era pertinente, dizia para abandonarmos os frios manuais de psiquiatria e alguns herméticos livros de psicologia para nos aprofundarmos nas obras literárias. A paixão que nutria por seu trabalho era transparente e continua sendo para aqueles que se debruçam sobre suas obras: “De fato, à observação clínica atenta junto o esforço do

74 O livro entalhado dentro do coração pode ser visto na seguinte referência: (Mello, 2014, p. 178).

pensamento na medida de minhas possibilidades, aceito as intuições, mas recorro à reflexão que as examina. E a presença da emoção é permanente⁷⁵ (Silveira, 2022a, p. 14).

Além de ser presenteada com muitos livros, como por exemplo o *Resposta a Jó* que lhe foi oferecido por Jung, Nise era uma frequentadora assídua das livrarias. Costumava ir à antiga José Olympio, na rua do Ouvidor, 110, “que se tornou o point preferido dos intelectuais mais famosos, dos já estabelecidos e dos emergentes” (Queiroz, & Queiroz, 1998, p. 186) e na qual Graciliano Ramos recebia seus amigos em uma sala aos fundos. Outra livraria que Nise da Silveira frequentava era a Leonardo da Vinci, assim como a Francisco Laissue, onde os donos, Francisco e Geovana, lhe preparavam “alçapões”, pois na parte de baixo da livraria, com acesso por meio de um alçapão, o livreiro lhe mostrava raridades sobre os mais variados assuntos. E, assim, Nise chegava em casa carregada de livros. Certa vez, no entanto, estando com dificuldade de encontrar um determinado livro, recorreu a um livreiro na Inglaterra, dono de um estabelecimento com o significativo nome de Sete Cães Farejadores. Com faro apurado, o livro pôde ser enviado para o apartamento no Flamengo. Outra forma de Nise obter livros era visitando uma livraria acompanhada por seu amigo Marcos Moreira. Nise comprava os que a interessavam e, caso quisesse mais livros do que suas finanças permitiam, pedia para o altíssimo Marcos esticar seus longos braços e guardar os livros na última estante, para, na semana seguinte, voltar.

Dessa maneira, com livros escolhidos a dedo e farejados das mais diversas formas, Nise foi montando sua seleta biblioteca. A sala estava dividida em três partes: literatura, artes plásticas e filosofia. Um dos quartos abrigava os livros de medicina de seu amigo e companheiro de grupo de estudos Ewald Mourão, além de contar com recortes de jornais, catálogos de exposição, as obras completas de Antonin Artaud, de Machado de Assis e de Freud. O outro quarto da casa, no qual estudava e escrevia seus livros, contava com as obras completas de Jung, livros sobre gatos, de epistemologia e grande parte dizia respeito aos diversos modos de estudar as imagens. Livros com timbre vermelho, que formava um conjunto denominado *Benedito*⁷⁶. Esse foi o

75 Nas edições anteriores, essa citação possui as seguintes referências: primeira edição (Silveira, 1981, p. 12); segunda edição (Silveira, 2015, p. 14).

76 Sobre o *Benedito*, podem ser consultadas as seguintes referências: (Melo, 2005, p. 280-296, 2007, 2022); (Cruz Jr., 2024, p. 324-330). O catálogo elaborado por Nise da Silveira (2022b) foi publicado em livro.

campo de trabalho privilegiado por Nise. Sendo assim, se perguntava: “Quem será o Benedito que vai se interessar por esses livros?”

Dentre as principais obras que compõem o *Benedito*, além dos trabalhos de C.G. Jung e suas colaboradoras Marie-Louise von Franz e Aniela Jaffé, podemos destacar os estudos psicanalíticos de Sigmund Freud (Leonardo da Vinci e uma Lembrança de sua Infância, Moisés de Michelangelo, O Mal-Estar na Civilização, O Ego e o Id, Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental, Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (conferência XXI), O Interesse da Psicanálise do Ponto de Vista da Ciência da Estética e A Gradiva de Jensen), de Ernest Kries (Psychoanalytic Explorations in Art), Wiart (Fol Art? Folle Therapie?), além de três textos de Osório Cesar acerca das produções dos internos do hospício do Juqueri (A Arte nos Loucos e Vanguardistas, Simbolismos Místicos nos Alienados e A Expressão Artística nos Alienados); do ponto de vista fenomenológico, Hans Prinzhorn (Artistry of the Mentally Ill) e Karl Jaspers (Strindberg et van Gogh); do movimento denominado arte bruta por Jean Dubuffet temos a obra de Michel Thévoz (L'Art Brut), além de textos acerca dos chamados artistas ingênuos Scottie Wilson, Ferdinand Cheval, Gabriel dos Santos, Chico Tabibuia e Geraldo Teles de Oliveira, o GTO; do psiquiatra Leo Navratil (Esquizofrenia y Arte), para quem a criatividade apresentada em hospitais psiquiátricos é sintoma da doença, argumento oposto ao de Nise; do artista inglês Adamson (Art as Healing); do movimento de arteterapia, com destaque para Margaret Naumburg (Dinamically Oriented Art Therapy) etc.

O quinto capítulo do livro *O Mundo das Imagens*, de Nise da Silveira, constituiu-se, em verdade, em uma síntese de seus estudos, durante décadas, das obras contidas no *Benedito*. Está claro que esses estudos aparecem ao longo de toda a sua obra, como por exemplo no primeiro e no quarto capítulos do livro *Imagens do Inconsciente*. Mas é no quinto capítulo d'O *Mundo das Imagens* que essa síntese se faz melhor. Tal livro foi editado no ano de 1992, sendo lançado na Academia Brasileira de Letras (ABL). Na noite de autógrafos, uma multidão tomou conta do salão da Academia e, mesmo aos 87 anos de idade, Nise da Silveira fez questão de escrever uma dedicatória para cada pessoa. O livro recebeu dois prêmios: a Arquidiocese do Rio de Janeiro o escolheu como o de melhor livro de artes plásticas; a União Brasileira de Escritores (UBE) concedeu-lhe o de melhor livro de ensaios⁷⁷. Para a premiação da UBE, Nise preparou um texto baseado no quinto capítulo de seu livro, mais especi-

77 Tive a honra de, no dia de São Sebastião, no ano de 1994, representar Nise da Silveira na entrega do prêmio da Arquidiocese, e Marcos Moreira a representou no prêmio da UBE.

ficamente sobre a parte que trata da interpretação de Freud para o quadro A Virgem, o Menino Jesus e Sant'Anna, de Leonardo da Vinci.

Sigmund Freud possuía, entre seus livros prediletos, um estudo de Merezkovsky sobre Leonardo da Vinci e mostrava um vivo interesse pela vida daquele que denominava o canhoto mais famoso da história. Em carta a Jung, de 17 de outubro de 1909 (McGuire, 1976, p. 305-308), Freud dizia estar atendendo uma pessoa com a constituição psíquica semelhante à de Leonardo, porém, sem a sua genialidade. Em 1º de dezembro daquele mesmo ano, apresentou um trabalho sobre Leonardo da Vinci na Sociedade Psicanalítica de Viena, que somente foi terminado em abril do ano seguinte. Para Freud, não existe nenhuma pessoa, por maior que seja, que não esteja sujeita “às leis que regem, igualmente, as atitudes normais e patológicas” (Freud, 1996c, p. 59).

Em seu clássico trabalho sobre Leonardo da Vinci, Freud (1996c) conta-nos que uma das primeiras lembranças de Leonardo diz respeito a um abutre que teria ido ao seu berço e fustigado seus lábios várias vezes. Freud, evidentemente, interpretou esse fato como uma fantasia criada posteriormente, tida como uma lembrança do passado. Com base nessa fantasia, Freud lança mão de um mito egípcio no qual só existiam abutres femininos que eram fecundados pelo vento, simbolizando a maternidade. Freud, contudo, diz que se trata de “um pensamento vindo de tão longe que somos tentados a pô-lo de lado” (p. 81) e, mesmo verificando o paralelismo entre o abutre e a mãe, Freud se pergunta: “Em que é que isto pode ajudar?” (p. 81-82). Freud abandona o paralelo mitológico, pois não compreende o papel transformador do símbolo. Sua compreensão reduz o material encontrado na cultura ao aspecto pessoal, no qual, mesmo um quadro com tantas referências e significações religiosas, como é o caso da tela A Virgem, o Menino Jesus e Sant Anna, é visto apenas como uma “síntese da história da sua infância” (p. 103).

Leonardo possuía realmente duas mães, como enfatizou Freud (1996c). Na interpretação do psicanalista, a Virgem representa Donna Albiera, segunda esposa de seu pai, Sant'Anna estaria no lugar de Caterina, a mãe de sangue de Leonardo, enquanto o menino Jesus representaria o próprio Leonardo. Dessa forma, Freud diz não saber em que sentido traçar paralelos mitológicos pode auxiliar na pesquisa psicológica, mas admite, tanto em sua história do movimento psicanalítico (Freud, 1996d) quanto no apêndice do caso Schreber (Freud, 1996e), que o estudo da denominada herança arcaica, constitui a grande contribuição da Escola de Zurique, ou seja, de C.G. Jung.

Por três vezes, Jung (2011h, 2011t, 2011u) se referiu a essa obra de Freud com grande entusiasmo, porém enfatiza os paralelos mitológicos que o próprio Freud achou melhor abandonar e, além do mais, acrescentou-lhe a interpretação, também de cunho mitológico, de que a fantasia de Leonardo não vem do fato de ele ter duas mães, mas da constatação de que grande parte dos heróis possui duas mães. Para Jung (2011t), a fantasia de Leonardo pertence “aos segredos da história do espírito humano e não à esfera da reminiscência pessoal” (§ 100).

Jung (2011u) afirma que vários artistas representaram o mesmo motivo do quadro de Leonardo e seria muito difícil supor que as vidas de todos eles estariam representadas em tema semelhante que remeteria à história de vida e à infância, sendo todos filhos adotivos. Jung se pergunta: “Será que todos eles tinham duas mães?” (§ 95). A partir dessa observação de Jung e de uma nota de rodapé do livro *Leonardo da Vinci*, de Eissler, Nise da Silveira (2024, p. 97) propõe outra interpretação: Leonardo exprime o tema arquetípico de Anna Metterza⁷⁸ utilizado por vários artistas, entre os quais cita Lucca de Tommé, Masaccio e Gozzoli a fim de representar a sucessão geracional. O paralelo mitológico mais conhecido para esse tema arquetípico pode ser encontrado na Grécia e a sucessão de gerações que une Deméter (a mãe), Koré-Perséfone (a filha) e Brimos (a criança divina).

Os estudos contidos no *Benedito* apontam para um ideal de não-dogmatismo, que se coaduna com o objetivo do Museu de Imagens do Inconsciente de se caracterizar como um espaço interdisciplinar por excelência, local onde as várias teorias podem expor seu ponto de vista. Apesar de Nise afirmar ter fracassado nesse intuito, verificamos a existência de muitos trabalhos, de variadas tendências e diferentes métodos, que produziram conhecimento a partir do trabalho do Museu.

⁷⁸ Na primeira edição, essa alusão possui a seguinte referência: (Silveira, 1992a, p. 85).

2.3. A EMOÇÃO DE LIDAR

“Vive aberta a porta da casa / Ninguém entra para furtar. Por que se fecharia a casa? / Quem se lembra de furtar? Pois, se há vida na casa, a porta / Há de estar, como a vida, aberta. / Só se fecha mesmo a porta / Para quedar, ao sonho, aberta”.

Carlos Drummond de Andrade

“Os viventes têm um corpo que lhes permite
sair do conhecimento e nele reentrar.
São feitos de uma casa e de uma abelha”.

Paul Valéry

A Casa das Palmeiras foi fundada por Nise da Silveira, Maria Stela Braga, Belah Paes Leme e Lígia Loureiro, em dezembro de 1956, com a intenção de superar o recorrente problema das reinternações psiquiátricas. Como o projeto não foi aceito pela diretoria do hospital de Engenho de Dentro, as quatro mulheres buscaram um local onde pudessem criar uma nova forma de tratamento. Dona Alzira La-Fayette Cortes cedeu um andar de uma antiga casa do Instituto La-Fayette, na rua Haddock Lobo. Desde o início, a *Casa* funciona como uma espécie de ponte entre o hospital e a vida em sociedade (Silveira, 1986, 2024) e, em seus sessenta e oito anos de funcionamento, atingiu o objetivo inicial e o ultrapassou em vários pontos. O principal método de tratamento é a terapêutica ocupacional, expressão “pesada como um paralelepípedo⁷⁹” (Silveira, 1986, p. 13), mas que, sob o meticuloso pensamento de Nise, ganhou uma dimensão muito mais ampla do que a usualmente empregada em quase todos os hospitais psiquiátricos. Ainda não reconhecemos a importância desse trabalho para as mudanças ocorridas no campo da saúde mental em nosso país, merecendo, portanto, um estudo à parte.

É impressionante a representação que a *Casa* tem para os que, um dia, já a frequentaram. Clientes e terapeutas referem-se a ela como: junção com a sociedade, *casa de vida*; local de criação no qual se trabalha com prazer; espaço para se empreender uma busca individual e a criação de uma *tradição cultural; obra de fé; uma grande*

79 Essa citação encontra-se, também, no livro *O Mundo das Imagens*: primeira edição (Silveira, 1992a, p. 22); segunda edição (Silveira, 2024, p. 26).

obra (Silveira, 1986, p. 82-83). A esses depoimentos, podemos acrescentar outros tantos, como o que ocorreu durante as filmagens de um vídeo amador, no qual um dos clientes da *Casa* se referiu a ela como *um cantinho que vai modificando o mundo*.

Um importante depoimento é dado pelo ator e diretor Fauzi Arap, que iniciou seu trabalho voluntário como monitor de teatro na Casa das Palmeiras em janeiro de 1971. Mesmo reconhecendo o enorme valor do trabalho desenvolvido tanto pelo Museu de Imagens do Inconsciente quanto pela Casa das Palmeiras para o campo da saúde mental, se retirou em meados de 1972, fazendo duras críticas em relação à falta de comunicação entre o corpo técnico da *Casa* e, principalmente, pela falta de um acompanhamento sistemático das imagens do inconsciente como parte do tratamento e não apenas como objeto de uma pesquisa futura que nunca se concretizava. A empatia de Fauzi com os clientes da *Casa* foi enorme. Um deles salientou a sensibilidade com que os tratava (Silveira, 1986, p. 58) e Fauzi, que lidava de maneira direta e sem preconceitos, disse: “Quando cheguei à Casa, imaginei que não iria nunca mais me afastar daquele lugar” (Arap, 1998, p. 180).

Outro depoimento importante, e que mostra o quanto o trabalho de Nise ainda pode contribuir para uma reflexão acerca das mudanças na saúde brasileira, é o de Ana Pitta (1994, p. 161): “O que pude aprender na Casa das Palmeiras era uma outra coisa. Difícil de teorizar à época, quiçá agora”. E acrescenta dizendo que o trabalho de Nise da Silveira é o da luta contra “o medo de desenclausurar”. Essa representação polimorfa e que não pretende uma explicação racional fechada faz da *Casa*, mais que um espaço de convivência, um símbolo de estruturação para os desabrigados da alma. Em seu *recado para a humanidade*, José Basto diz que deveria existir uma Casa das Palmeiras em cada bairro, pois “uma obra como esta, de um alcance **Imenso**, está enfrentando desde o princípio do século o **medo**” (Silveira, 1986, p. 84 – grifo no original).

2.4. O PARADIGMA ÉTICO-ESTÉTICO

“Nós podemos dizer: a pintura como método de pesquisa,
a pintura como método de tratamento”.

Nise da Silveira

Após a ruptura com a psicanálise, Jung viveu um período de intensificação dos conteúdos inconscientes, pelo fato de estar inseguro e desorientado, perplexo diante da vida. Suas palavras revelam a intensidade das imagens do inconsciente: “eu vivia como que sob o domínio de uma pressão interna. Às vezes esta era tão forte que cheguei a supor que havia em mim alguma perturbação psíquica” (Jung, 2012, p. 216). Para resolver o problema, Jung começou a agir: todas as tardes, depois do almoço, brincava de construtor, até a hora dos atendimentos psicológicos. Quando acabavam as sessões, voltava para a brincadeira. Assim, organizava os pensamentos, possibilitando que ele apreendesse um pouco do conteúdo das fantasias e dos sonhos. Por meio das construções de brinquedos, Jung colocava-se em busca de seu mito, que apenas se iniciava.

Durante o ano de 1914, ocorreu uma intensificação da produção dos conteúdos inconscientes de Jung, com visões e sonhos que indicavam uma catástrofe iminente. Inicialmente, considerou o risco de eclosão de uma crise dissociativa. Com o início da Primeira Guerra Mundial, relacionou os fenômenos psíquicos ao contexto histórico europeu daquele período. Sua intenção era de saber o que estava ocorrendo com ele próprio e com o mundo. A sua preocupação levou-o a se empenhar em compreender os sentidos das imagens e vozes que surgiam de modo espontâneo em sua psique. O confronto com o inconsciente não poderia ser feito por meio de um simples devanear ou por um controle repressor sobre as emoções. Algumas vezes, recorreu a práticas orientais, como a ioga, a fim de se desligar das emoções. Segundo Jung (2012), a prática da ioga é uma forma de eliminar todo tipo de imagem que represente o mundo, tido como ilusão. Para chegar à verdadeira realidade, é preciso estar com a mente livre. A ioga foi um importante método inicial. Em seguida, quando se encontrava menos agitado, passou a desenhar, escrever e esculpir os conteúdos que, a princípio, o assaltavam. Seu método de antinirvana caracteriza-se pela necessidade de confronto das produções inconscientes com o campo da consciência e seu relato se constitui como uma poderosa poética da imaginação material.

As vivências desse período encontram-se registradas n'*Os Livros Negros* (2021) e n'*O Livro Vermelho* (2009). Em sete volumes, anotou sonhos e fantasias que, aos poucos, foram organizados em forma de escrita e de desenhos. Dessa maneira, elaborou um procedimento que ocorre em dois níveis complementares: a transposição das fantasias para a linguagem pictórica e textos (estágio estético); amplificação e trabalho de confronto entre o eu e o material produzido (estágio ético). Denominou esse método de imaginação ativa, que se caracteriza por estabelecer pontes entre a consciência e o campo inconsciente:

Na medida em que conseguia traduzir as emoções em imagens, isto é, ao encontrar as imagens que se ocultavam nas emoções, eu readquiria a paz interior. Se tivesse permanecido no plano da emoção, possivelmente eu teria sido dilacerado pelos conteúdos do inconsciente. Ou, talvez, se os tivesse reprimido, seria fatalmente vítima de uma neurose e os conteúdos do inconsciente destruir-me-iam do mesmo modo. Minha experiência ensinou-me o quanto é salutar, do ponto de vista terapêutico, tornar conscientes as imagens que residem por detrás das emoções (Jung, 2012, p. 221).

As atividades da Casa das Palmeiras estão baseadas na larga experiência de Nise da Silveira nos ateliês do Centro Psiquiátrico Pedro II, com o incentivo para a liberdade de expressão, sem tema predeterminado ou objetos a serem copiados. Essas atividades produzem efeitos sobre o sujeito (Jung, 2011v), pois a eficácia do símbolo se dá pelo fato de a imagem trazer consigo um sentido e “à medida que a primeira assume contornos definidos, a segunda se torna mais clara” (Jung, 2011b, § 402). Há, portanto, uma conjunção entre os impulsos para a ação e os impulsos para a configuração de imagens, possibilitando que o sujeito passe “a representar coisas que antes só via passivamente e dessa maneira elas se transformam em um ato seu” (Jung, 2011v, § 106). No entanto, Jung sempre adverte para o fato de se atuar, não apenas no estágio estético, mas também no estágio ético de confronto – intelectual e emocional – entre o eu e os produtos inconscientes: “A formulação estética precisa da compreensão do significado do material, e a compreensão, por sua vez, precisa da formulação estética” (Jung, 2011w, § 177).

Atualmente, existem diversos locais de tratamento que utilizam as atividades como recurso terapêutico. São as chamadas “oficinas terapêuticas” ou “ateliês

terapêuticos”. Nise da Silveira estava sempre atenta ao surgimento de novos trabalhos no campo da saúde mental e se entusiasmava com o fato de as atividades expressivas terem se propagado de maneira considerável. Contudo, nem sempre estava de acordo com a modo como as atividades eram conduzidas. Isso não quer dizer que todas as clínicas deveriam seguir seu método. A preocupação era que as atividades se tornassem meros passatempos ou, ainda pior, em mecanismo de controle. Ela considerava que cada equipe deveria constituir um arcabouço teórico que levasse em conta não só a produção, o artefato, mas também que se vinculasse a obra a algum tipo de efeito provocado na vida do sujeito. Nise da Silveira certamente estaria de acordo com as seguintes palavras de Marie-Louise von Franz (1992, p. 96):

Hoje a maioria das clínicas permite aos pacientes – ou os encoraja a isso – a pintura, a modelagem em argila, a redação de histórias e a composição ou execução de obras musicais. A psicoterapia contemporânea, em termos gerais, encontrou o caminho para o estágio estético da criatividade, mas ainda não chegou no estágio seguinte, o do confronto ético com os produtos dele derivados.

2.5. OS DEVANEIOS E A IMAGINAÇÃO MATERIAL

“A modelagem tem suas coisinhas,
a madeira tem outras.
É como se fosse um instrumento.
Cada um toca de uma maneira diferente”.

Fernando Diniz

Além do referencial teórico de C.G. Jung, Nise da Silveira apoia-se nos estudos da imaginação material elaborados por Gaston Bachelard: “Um dos temas teóricos preferidos por nós é o da natureza dos materiais usados nas atividades e as variações de adaptação e de preferência dos clientes pela manipulação desses materiais” (Silveira, 1986, p. 14). Na Casa das Palmeiras, tanto terapeutas quanto clientes têm a oportunidade de se expressar por meio das inúmeras atividades oferecidas e de manipular os materiais lá encontrados. O contato com esses materiais (argila, papel, tinta, madeira, lã, gesso etc.) e suas variadas densidades (duro, mole, áspero, liso, seco, molhado etc.) serve de estímulo para que a imaginação, antes presa em um fluxo hemorrágico, encontre um ponto de apoio em uma imagem privilegiada.

A *emoção de lidar*, termo que tão bem expressa o sentimento que vem à tona quando se entra em contato com um determinado material de trabalho, foi cunhada por um dos clientes da Casa das Palmeiras que, após fazer um gato de lã, escreveu a seguinte poesia: *Gato, simplesmente angorá do mato / Azul olhos nariz cinza / Gato marron / Orelha castanho macho / Agora rapidez / Emoção de lidar* (Silveira, 1986, p. 19). Um outro rapaz, alguns anos depois (18/04/1993), também expressou a relação com os diversos materiais disponíveis na *Casa*, em uma poesia intitulada *Palmeiras*:

Palmeiras, como poderei te falar, te contar ou descrever, /
És mundo disfarçado de casa, és casa podendo ser mundo.
/ Quem te vê de fora não entende, quem entra te conhece
nunca esquece, / Palmeiras, a cada dia nasce vida em teus
barros, tintas, papéis e madeira, / És tu, Palmeiras, a casa dos
meus sonhos, de uma noite que não quis ter fim, / És o início,
o universo, o recomeço, tudo isso tu, Palmeiras, és para mim.

De acordo com Mircea Eliade (1991a), os estudos de Bachelard apoiam-se primeiramente em textos literários e, posteriormente, em sonhos e material folclórico. Porém, acrescenta que esse tipo de documento pode ser encontrado de maneira semelhante em temas míticos e religiosos. No entanto, a grande contribuição de Bachelard (1991) para o estudo da “função primordial do psiquismo humano” (p. 309) – o imaginário – encontra-se no fato de considerá-lo não apenas em suas características formais e dinâmicas, mas levando em conta também o aspecto material⁸⁰. Bachelard (1988) empreende uma *poética-análise* da relação do homem com as matérias da natureza pela via do imaginário, ou seja, a partir desse estudo verifica que, em contato com os materiais de trabalho, a imaginação se reveste com a substância de preferência – fogo, água, ar ou terra.

O estudo de Bachelard (1988) privilegia não o sonho de quem dorme, mas o devaneio, o sonhar que desperta na ação do homem no mundo. O devaneio, no entanto, não deve se colocar na “má inclinação, na inclinação para baixo” (p. 6), pois a consciência se perderia em meio ao turbilhão de imagens que desagrega a personalidade, em vez de estruturá-la. Entende-se que o devaneio não deve ser uma fuga do mundo, mas, ao contrário, um contato com a vida: “para um sonhador de coisas, haverá “naturezas-mortas”?” (p. 159). Em seus textos, as imagens surgem com todo o seu dinamismo e não como produtos de uma fixação ou de algum tipo de regressão. Nesse sentido, contrapõe-se aos textos da psicanálise, com sua análise semiótica que provoca uma “*descensão das imagens materiais*” (Bachelard, 1991, p. 86 – grifo no original). Sua preferência recai nos textos alquímicos e seus devaneios cósmicos ao redor de imagens privilegiadas, que provocam uma “sublimação material” (p. 86). A imaginação funciona não apenas como uma das características fundamentais do ser humano, mas também como uma das funções primordiais de constituição do ser. Seja na invenção de um objeto, de uma história, ou de um novo modo de funcionamento, a imaginação poética nos ensina que, na invenção da vida, o homem se reinventa constantemente (Bachelard, 1989).

Em contato com os materiais de trabalho, com as matérias da natureza, “a porta dos devaneios cósmicos está aberta” (Bachelard, 1991, p. 119). O que se pretende é a elevação da imagem ao nível cósmico por meio de devaneios estruturados ao redor de materiais e temas privilegiados. Para tanto, aponta-nos a necessidade

80 Nise da Silveira (1986) diz que Paul Sivadon é quem teve o mérito de trazer os estudos de Gaston Bachelard acerca da imaginação material do campo da crítica literária para a psiquiatria.

de se diferenciar a imaginação de dois processos: da percepção e do conhecimento racional. Os processos imaginários não se dão nem na esfera dos sentidos nem da aprendizagem (Pessanha, 1984).

Bachelard (1990a) considera que o ato perceptivo é contrário à imaginação, pois, por meio dela, “abandonamos o curso ordinário das coisas” (p. 3) e abrimos espaço para a criação de um novo mundo. A percepção e a imaginação, no entanto, não se anulam, mas devem ser consideradas como formas de apreensão paralelas: “Ao lado dos *dados* imediatos da sensação é preciso considerar as *contribuições* imediatas da imaginação” (p. 63 – grifo no original). Assim como a imaginação foi distinguida da percepção, deve-se ter o mesmo posicionamento quanto ao conhecimento adquirido:

Embora a razão, depois de longos trabalhos, venha provar que a Terra gira, também não deixa de ser verdade que tal declaração é oniricamente absurda. Quem poderia convencer um sonhador de cosmos que a Terra gira sobre si mesma e voa no céu? Não se sonha com ideias ensinadas (Bachelard, 1988, p. 180 – grifo no original).

A epistemologia bachelardiana separa dois mundos distintos: ciência e poesia. Para manter a objetividade, a ciência deve superar o obstáculo da ambiguidade linguística, próprio das produções imaginárias (Pessanha, 1984). Os conceitos científicos são vistos a partir de “uma necessidade de compreender o devir que racionaliza o realismo do ser” (Bachelard, 1984, p. 27). Esse tipo de racionalidade aconteceria em estágios progressivos, passando pelas seguintes fases: animismo, realismo, positivismo, racionalismo, racionalismo complexo e racionalismo dialético. Assim, temos a racionalidade sendo dirigida por concepções carregadas de conteúdos imaginários que se encontram “fora de lugar” (Pessanha, 1984, p. IX) até um racionalismo que, sem separar o homem do objeto a ser estudado (Bachelard, 1985), busca a conceituação por meio do método dialético.

Se nos textos de filosofia científica, ele quer afastar a intromissão de conteúdos imaginários a fim de alcançar o conhecimento, em seus escritos sobre a imaginação material ele se esforça por afastar qualquer tipo de explicação racional, mantendo, em seus dois enfoques de estudo, a dicotomia entre ciência e poesia. Às extraordinárias produções do imaginário poético devemos acrescentar outros conteúdos imaginários que nos afastem de explicações “ressecadas nos conceitos” (Bachelard, 1990a, p. 250). Com a finalidade de trabalhar com as produções imaginárias, diz que

devemos escolher temas bem definidos dentro do espaço restrito da literatura poética e explica “um poeta por outro poeta, para estar bem certo de eliminar o filósofo que quer pensar” (Bachelard, 1991, p. 126). Temos, portanto, dois mundos que se interpenetram, mas que constituem espaços distintos. Nesse tipo de concepção, os conteúdos ambíguos não devem interferir nos processos científicos, pois pertence à esfera da imaginação material. Nesse espaço aberto para os devaneios cósmicos, devemos nos atirar sem levar em consideração os “parapeitos da razão”⁸¹ (p. 281).

O estudo da imaginação material em obras poéticas se faz por meio da teoria dos quatro elementos: fogo, água, ar e terra. A partir do elemento destacado pelo devaneio de cada pessoa desenha-se uma diferenciação determinada pela imaginação (Bachelard, 1994). A intenção de Bachelard, com sua teoria baseada nos elementos, é de “estudar o *determinismo da imaginação*” (Bachelard, 1991, p. 169 – grifo no original).

A imaginação material é impelida a trabalhar, o mundo a incita ao ato. Isso acontece, por exemplo, por meio da dureza da matéria: “o mundo expressa a sua hostilidade e, em resposta, a devaneios da vontade” (Bachelard, 1991, p. 51). O dinamismo das imagens coloca-nos em um movimento de expansão, no qual a imaginação funciona como “*um amplificador psíquico*” (Bachelard, 1990a, p. 13 – grifo no original). Dessa maneira, o mundo é constantemente exagerado e, a partir da deformação, do deslocamento, da superposição e da ênfase nos valores, ganha colorido e, como consequência, promove a pessoa que devaneia, não somente como ser, mas como devir (Bachelard, 1991).

Em lugar do dualismo clássico que concebe o mundo por meio da separação entre sujeito e objeto, Bachelard (1991) aponta-nos para um “*dualismo energético*” (p. 21 – grifo no original) que se ativa a partir da união da matéria com a mão. A esse respeito, certa vez escreveu um cliente da Casa das Palmeiras:

81 Em francês, parapeito é *garde-fou* que, literalmente, quer dizer guarda-louco.

A terra é eterna, o barro vai e volta para o chão com suas figuras, transa com a mente, as figuras voltam para o chão e se comunicam com as entranhas da terra e o chão compreende e volta para as mãos ávidas de mexer e amassar de novo, os elementos mais naturais possíveis e impossíveis, brinca na mão, cola na palma das mãos e como um remédio penetra pela pele e revigora tudo, a terra me avisou: “sou sua amiga, me amasse, me aperte em você, brinca comigo, escreve seu nome na minha pele, eu lhe ajudo; nós somos mais que ir-mãos” (Silveira, 1986, p. 29).

No determinismo da imaginação material, o mundo inteiro é representado pela matéria a ser trabalhada e toda a humanidade pela mão que trabalha. No contato que une as partes, surgem imagens que ampliam o ser humano para a dimensão cósmica. Não se trata de megalomania, mas de sublimação imagética. A megalomania seria, antes, uma busca desesperada e degradada pela compreensão do material simbólico que só se faz possível por meio do devaneio, do convite à viagem: “A imaginação é sobretudo o *sujeito tonalizado*” (Bachelard, 1990a, p. 67 – grifo no original).

Partindo da imaginação corporificada, da materialização trabalhada, podemos estudar o determinismo das imagens poéticas. Esses estudos, no entanto, são ampliados para a compreensão da força criadora (Pessanha, 1994) que beneficia o sujeito com a possibilidade da tomada de consciência (Bachelard, 1988). Nesse ponto, Bachelard aproxima-se das concepções junguianas para as quais os processos criativos advindos do inconsciente impulsionam o sujeito para um confronto com a psique consciente, ou seja, o homem bachelardiano-junguiano quer “sonhar para melhor compreender, compreender para melhor sonhar” (Bachelard, 1990a, p. 224).

O surgimento de imagens materiais não se dá a partir de um processo de causa e efeito, no qual a imaginação se confunde com a memória em uma simples rememoração do passado. As imagens surgem, antes, por um mecanismo de “repercussão psíquica” (Bachelard, 1996, p. 3). A explicação de Bachelard assemelha-se ao mecanismo de constelação de uma imagem arquetípica que necessita, para sua aparição, de uma situação propícia, carregada de afeto e que não seja compreendida de imediato pela psique consciente. A imagem poética não pode ser entendida como “eco de um passado” (p. 2), mas, ao contrário, não é o passado que vem nos trazer uma imagem guardada como se estivesse no fundo de um baú, é a aparição de uma imagem que ressoa, de maneira emocional, nas paredes dos grandes dramas da

humanidade. Esta *ontologia direta* coloca-nos frente à tensão existente entre a interpretação simbólica e a história. Podemos afirmar que, se a história deve ser entendida de maneira contextualizada, nem sempre, ou quase nunca, esse propósito pode ser alcançado sem se levar em consideração as imagens primordiais, as produções da imaginação simbólica:

As grandes imagens têm ao mesmo tempo uma história e uma pré-história. São sempre lembrança e lenda ao mesmo tempo. Nunca se vive a imagem em primeira instância. Toda grande imagem tem um fundo onírico insondável e é sobre esse fundo onírico que o passado pessoal coloca cores particulares. Assim, é no final do curso da vida que veneramos realmente uma imagem, descobrindo suas raízes para além da história fixada na lembrança. No reino da imaginação absoluta, somos jovens muito tarde (Bachelard, 1996, p. 50).

As imagens não são conceitos que devem ser interpretados de maneira semiótica. Ao contrário, trazem a marca distintiva do ser humano: o símbolo. Em contato com os materiais de trabalho, a imaginação elabora imagens propícias em função de cada psiquismo, pois “o homem é um drama de símbolos” (Bachelard, 1990a, p. 69). Então, ao transpormos os estudos de Bachelard para o campo da clínica, verificamos que cada sujeito imprime a marca de sua história em cada imagem primordial. Esse conteúdo pessoal confere um novo colorido ao material de cunho coletivo e “é essa contribuição pessoal que torna os arquétipos vivos” (p. 174).

Na concepção de Bachelard (1988), que em muitos momentos se apoia nos estudos de Jung, principalmente nas obras relacionadas à alquimia, os arquétipos são vistos como “reservas de entusiasmo” (p. 119), como “fontes das imagens poéticas” (p. 120). Os estudos de Gaston Bachelard são de grande importância para que se empreenda uma interpretação simbólica que leve em conta a tensão existente entre o particular e o universal, assim como para a compreensão do processo de individuação como a instauração de mitologemas que servem de fonte de oxigenação da cultura:

Não compreenderemos todo o valor de aplicação psicológica da mitologia se nos restringirmos a considerar formalmente os símbolos, ou se nos dirigirmos com muita pressa ao seu significado social. Devemos viver um estado de mitologia solitária, de mitologia individual, envolvendo-nos dinamicamente no mito com a unidade de nossa vontade sonhadora (Bachelard, 1991, p. 286-287 – grifo no original).

Ao examinar série de imagens, como nos aconselha Jung, Bachelard (1990a) se surpreende com a regularidade simbólica da produção imaginária. Cada estudioso que se debruça sobre os conteúdos da imaginação simbólica – desde as elaborações mitológicas e religiosas até os conteúdos de delírios e alucinações –, pode considerar a possibilidade de encontrar os mesmos símbolos por toda parte (Bachelard, 1991). Esse tipo de observação faz com que pensemos que “uma homogeneidade do imaginário atravessa os séculos, [e] prova (...) que o imaginário está na base da natureza humana” (Bachelard, 1990b, p. 26).

Uma imagem destacada de seu contexto, de sua série, pode ser interpretada de maneira semiótica ao se definir um sentido predeterminado. A análise em série, ao contrário, deixa que as próprias imagens delineiem um sentido intrínseco ao configurar um texto definido por “verdadeiras leis de imagens sucessivas” (Bachelard, 1990a, p. 4). A busca por um fluxo de imagens que se ordena em torno de temas privilegiados pode ser definida como uma *filosofia do despertar*, como uma prática de antinirvana que, pelo caráter de excesso de imagens, “requer todos os valores que substituem a contemplação pela provocação” (Bachelard, 1991, p. 131).

Na obra de Bachelard, o devaneio se caracteriza como uma função paralela à função do real. Dessa maneira, a psique possui como proteção uma função do irreal (Bachelard, 1988). Ao contrário da função do real que tolhe e inibe a psique ao definir um significado restrito para os fenômenos imaginários, a função do irreal dinamiza o psiquismo humano ao abrir a imagem, levando em conta seus múltiplos significados (Bachelard, 1990a). Uma perturbação da função do irreal repercute na função do real, interferindo na própria percepção, que se torna fechada e limitada. Para evitar tal degradação da imaginação simbólica, devemos buscar, por meio da série de imagens, uma filiação que imprima, segundo a regularidade das imagens, uma ideia, um sentido intrínseco. Em Bachelard e em Jung, o ser humano possui uma “*necessidade de lenda*” (Bachelard, 1991, p. 118 – grifo no original) que, superando a realidade concreta, revela-nos uma realidade singular.

A função do irreal, quando não decai em símbolos degradados e não se torna unilateral, possibilita, paradoxalmente, um aumento da realidade que “caminha melhor se lhe dermos suas justas férias de irrealidade” (Bachelard, 1989, p. 25).

2.6. A COZINHA E OS DEVANEIOS CÔSMICOS

“Foi nesse estado sonho-deslumbre que ela sonhou vendo
que a fruta do mundo era dela.
(...). Era uma fruta enorme, escarlate e pesada que ficava suspensa
no espaço escuro, brilhando de uma quase luz de ouro. E que no ar
mesmo ela encostava a boca na fruta e conseguia mordê-la,
deixando-a no entanto inteira, tremeluzindo no espaço”.

Clarice Lispector

Nas produções da imaginação material, a casa funciona como um abrigo, como um princípio de integração dos pensamentos, das lembranças e dos sonhos, em suma, como um valor de integração psíquica. A argamassa que une as funções psíquicas ao redor, ou melhor, dentro da imagem da casa, é o devaneio que parte da concretude para a cosmicidade. A casa está inscrita no corpo, não como traço mnêmico, mas como imagem de intimidade, como imagem que busca um centro, que instaura um centro, cria um universo (Eliade, 1991a). Em qualquer casa que moramos, tendemos a imaginá-la sempre mais do que ela é, pois, com essa imagem arquetípica, estamos justamente no ponto de união entre imaginação e memória: “A casa vivida não é uma caixa inerte. O espaço habitado transcende o espaço geométrico” (Bachelard, 1996, p. 62).

A casa é um *valor vivo* (Bachelard, 1996), pois, mais do que ser uma imagem homóloga ao universo, revelando seu potencial cósmico, cremos que o próprio universo vem habitar a casa. Como podemos ver em suas *Memórias*, Jung (2012) sonhou com uma casa e a interpretou como a configuração de seu psiquismo, desde os estratos conscientes até o mundo subterrâneo do inconsciente coletivo. Gaston Bachelard (1990a) chega a uma posição análoga quando afirma ser “impossível escrever a história do inconsciente humano sem escrever uma história da casa” (p. 89).

A casa, com seus cômodos, móveis e objetos, provoca-nos sonhos. Sonhos típicos do sótão, sonhos típicos do porão e, principalmente, sonhos típicos da cozinha. A cozinha é o centro de gravidade emocional da casa: local de devaneios da transformação, espaço alquímico por excelência, no qual se preparam desde poções mágicas até o pão nosso de cada dia. Na cozinha, temos um microcosmo que une natureza e cultura em devaneios gastronômicos. Um bom exemplo desse espaço de

abertura simbólica podemos encontrar em dois grandes sonhos cósmicos no *Fausto* de Goethe (1991): o pacto com o demônio e a busca da juventude. Na primeira parte da tragédia, Fausto e Mefistófeles vão à *cozinha da bruxa*. Nesse sombrio local, no qual se vê um caldeirão enorme no fogo baixo da lareira, e no meio da atmosfera vaporosa podem-se perceber vários vultos e as paredes e o teto são enfeitados com utensílios de feitiçaria, Mefistófeles diz a Fausto: “Há, para remoçar-te, um natural sistema” (p. 111). Fausto se interessa e o Diabo então lhe dá a receita:

Bem! um meio há para isso; / Sem remédio se obtém, sem ouro e sem feitiço. / Vai para o campo, incontinentemente, / Maneja a enxada, ativa o arado, / Conserva-te a ti próprio e a tua mente / Num círculo chão, limitado, / Com alimento puro, nutre-te qual gado, / Vive entre gado, em suores cotidianos, / Adubar pessoalmente o campo e o agro não temas / Por remoçar-te de setenta anos, / Crê-mo, o melhor é dos sistemas! (p. 112).

Fausto, descrito geralmente como um velho, misto de cientista e astrólogo, responde: “A vida rústica não é comigo” (Goethe, 1991, p. 112). O Diabo convida-o, então, para ver a bruxa. Esse tema sugere devaneios e fez com que, junto ao Fausto, vários outros heróis entrassem na *cozinha da bruxa*. Nem todos foram em busca da juventude. Segundo Garcia-Roza (1991), o doutor Freud denominava seus trabalhos metapsicológicos por *especulação e teorização* e, por pouco, não define a metapsicologia como fantasia. Mesmo se tratando de uma elaboração que se distancia da experiência clínica, essa *ficção de um aparelho psíquico* não perde seu caráter operativo. Ao contrário, a operatividade é uma de suas principais características, pois a *feiticeira* – outro termo utilizado por Freud para designar a metapsicologia – cria conceitos e regras que os regem, a fim de provocar um efeito. O caráter operativo das fórmulas metapsicológicas seria comparável ao das fórmulas da feiticeira “que também prepara suas beberagens, seguindo regras para combinar os diversos elementos, e com isto produzir um certo efeito” (Mezan, 1989, p. 120).

Entendida em sentido sublimatório, a teoria ganha tonalidade e, como representante da função do irreal, descreve, interfere e transforma a realidade produzindo efeitos dinamizadores. Um dos mais dinâmicos devaneios da imaginação está ligado à massa que se prepara na cozinha. Se o pão é um símbolo da totalidade – o corpo de Cristo –, ele deve ser um centro de convergência de imagens materiais.

Para preparar a massa do pão, levanta-se o tema da consistência ao se ligar a farinha, representante dos materiais da terra, com a água. A massa do pão não termina no ato de se misturar com a mão apenas dois elementos. A massa precisa crescer, necessita dos *devaneios da dilatação*, nos quais o fermento traz o terceiro elemento: o ar. Essa massa que espera o crescimento, descansando serena, somente sai de seu conforto para o reconforto do calor. A massa de três elementos vai se juntar ao quarto, o fogo: “Quem conhece todos esses sonhos compreende, à sua maneira, que o pão é um alimento completo” (Bachelard, 1991, p. 70).

A cozinha incita e instiga a imaginação. Sem dúvida alguma, temos a união dos elementos materiais que acontecem, ao mesmo tempo, de maneira copiosa e delicada. Bachelard (1991) diz que, quando se afasta uma criança da cozinha, alguns sonhos estão sendo condenados ao desconhecimento. Por exemplo, o sonho do cozimento da massa, desse “devir que vai da palidez ao dourado, da massa à crosta” (p. 69). Colocar a massa para assar é uma prática que se inicia e termina em um ato humano, portanto faz parte da cultura: é a natureza cosmicizada.

Com a finalidade de empreender sua *poética do devaneio*, Bachelard apoia-se nos ensinamentos da fenomenologia, pois pretende que cada imagem apresentada não seja reduzida ao ser examinada. Segundo Bachelard (1996), somente a fenomenologia possibilita uma aproximação da imagem sem classificá-la de maneira precipitada, degradando-a em mero signo. Portanto, para o estudo da imaginação, Bachelard (1988) empreende, em primeiro lugar, uma “*fenomenologia da alma*” (p. 14 – grifo no original). Quando tal fenomenologia é acompanhada pela análise dinâmica da imaginação material, torna-se uma potente dinamologia. A apreensão do ser humano “no mundo das matérias e das forças” (Bachelard, 1991, p. 31) faz com que os objetos adquiram uma ordem renovada. Dinamizando a existência das matérias, temos não mais um simples objeto inerte, mas sim uma matéria viva, uma supercoisa que nos provoca e nos impele ao trabalho. Por exemplo, uma matéria dura “reclama nossa atividade” (p. 58) e, de maneira paradoxal, desperta nossos sonhos. Então, colocamo-nos a devanear. No entanto, nem só as matérias duras provocam imagens de despertar no ser humano. Do mesmo modo, pode agir uma matéria mole que nos coloca em movimento, que nos impele ao trabalho. Voltando à cozinha, podemos tomar como exemplo o ato de preparar a massa de um doce que significativamente possui o nome de sonho. A massa do sonho é a massa que mais nos leva a sonhar, pois, além da matéria, possui sonoridade onírica.

A cozinheira mistura os materiais de trabalho: farinha, gema de ovo, leite, manteiga e açúcar. A massa viscosa gruda nas mãos, escorre entre os dedos e, quando esticada, parece prolongar a mão da cozinheira de maneira deformada. Porém, cada matéria possui um “coeficiente de adversidade” (Bachelard, 1991, p. 48) que não se prende a uma fenomenologia das representações formais. A principal função dinamizadora não está, portanto, no olhar, mas no ato de manusear.

Nesse sentido, para bem sonhar, devemos saber misturar as diversas matérias. Tal tipo de análise foge do formalismo e tensiona um dinamismo imagético, uma práxis criadora. Mesmo considerando *A Náusea* de Sartre (2000) como uma grande obra da literatura por investigar e sugerir importantes verdades de cunho psicológico, Bachelard (1991), observa que, nos estudos sartrianos sobre a imaginação dos materiais viscosos, há certo descuido com a perspectiva dinâmica, em favor do antigo e poderoso preconceito que o olhar nos causa: “o olho – esse inspetor – vem nos impedir de trabalhar” (p. 65). Frente à matéria que nos instiga, um cliente da Casa das Palmeiras, habituado a lidar com devaneios cósmicos, principalmente os que se referem à luz solar e aos ciclos vegetais, não se intimidou com a possibilidade de se colocar na espera de fatura onírica ao pegar o sonho preparado por Maria Senhoria, a cozinheira da *Casa*, e plantá-lo junto às flores preferidas.

CAPÍTULO 3: AFETIVIDADE

Figura 8: Carlos Pertuis, O Planetário de Deus, década de 1940, óleo sobre papel, 55 x 36 cm.



Fonte: Museu de Imagens do Inconsciente

3.1. O PEQUENO-GRANDE TRATADO DE PSIQUIATRIA

“A beleza nas imagens do inconsciente é denúncia. Denúncia do asilo, do exercício burocrático das profissões psiquiátricas e da sociedade, que cultiva tais deformidades”.

Jurandir Freire Costa

De acordo com Nise da Silveira (2022a, 2024), as imagens do inconsciente possibilitam que se entre em contato com pessoas que desestruturaram a psique consciente e perderam, mesmo que de maneira momentânea, a capacidade de se comunicar por meio de proposições verbais coerentes. Essas ideias mostram-se presentes desde seus trabalhos no campo da neurologia (Silveira, 1944) até os estudos das séries de imagens do inconsciente. Essa hipótese, no entanto, é delineada a partir das análises da obra de Antonin Artaud:

Creio que antes de Artaud nunca alguém conseguiu, por meio da palavra, exprimir com tanta força essas dilacerantes vivências. Pela imagem, sim, que é a direta forma de expressão dos processos inconscientes profundos, muitos o fizeram, e fazem todos os dias, usando lápis e pincéis. Pela palavra, não. Pois a linguagem verbal é por excelência o instrumento do pensamento lógico, das elaborações do raciocínio. E essas experiências, às quais Artaud dá forma por meio de palavras, passam-se a mil léguas da esfera racional (Silveira, 1989, p. 10-11).

As imagens do inconsciente não surgem apenas na pintura, apresentam-se da mesma forma em danças, rituais, esculturas e, como não podia deixar de ser, por meio da linguagem verbal. Nise e seus colaboradores costumavam anotar as fugidias frases que eram ditas durante as atividades expressivas. Dessa maneira, com a expressão plástica unida à expressão verbal, o hermético mundo do chamado esquizofrênico abre pequenas brechas: “O inconsciente é um oceano. De vez em quando a gente pesca uma imagem” (Silveira, 1993b, p. 21).

Tornar visível o invisível não pressupõe, necessariamente, que teremos acesso completo ao mundo das imagens. Fernando Diniz dizia que, em sonho, apareceu-

-lhe a seguinte imagem: “vários cinemas juntos um do outro em estrela e uma tela do lado contrário distante há um cinema pequenino⁸²” (Silveira, 2022a, p. 157); e, três dias depois, acrescenta que sonhou com “uma tela muito grande que representa como na televisão o poder de sonhar com o que quiser menos sonhar com o que é da terra⁸³” (p. 157). As telas de cinema estão voltadas para o lado contrário, ou seja, tratam de imagens interiores: as imagens do inconsciente são projetadas sobre a psique consciente de maneira hemorrágica, fazendo-o sonhar com qualquer imagem, menos com o que é da terra. O cinematógrafo Fernando Diniz não faz cópias das imagens por meio da percepção, trabalha com as imagens oníricas, que o fazem afirmar: “Mudei para o mundo das imagens mudou a alma para outra coisa as imagens tomam a alma da pessoa⁸⁴” (p. 159).

O estudo das imagens do inconsciente, em série, possibilita-nos acompanhar, em meio ao sofrimento, emocionantes tentativas de reordenação. A marca registrada do trabalho de Nise da Silveira encontra-se no estudo das forças autocurativas da psique. Jung (2011x) observou que, seja entre os *Pueblos* do México, em sonhos de pessoas que frequentavam seu consultório ou entre internos do hospital de Zurique, ocorre, com frequência, “um impulso para a conscientização” (p. 306, nota 56). Nos ateliês de Engenho de Dentro pode-se, da mesma maneira, observar “o impulso para emergir das trevas originais até alcançar a experiência essencial da tomada de consciência⁸⁵” (Silveira, 2022a, p. 279). Essa tendência para a conscientização, denominada por Nise como *princípio de Hórus*, resume toda a sua experiência no campo psiquiátrico: “O *princípio de Hórus* rege todo o desenvolvimento psicológico do homem e é tão forte, na sua aparente fraqueza, que se mantém vivo mesmo dentro do tumulto da psique cindida, por mais grave que seja sua dissociação⁸⁶” (p. 279 – grifo no original).

82 Nas edições anteriores, essa citação possui a seguinte referência: primeira edição (Silveira, 1981, p. 182); segunda edição (Silveira, 2015, p. 193).

83 Nas edições anteriores, essa citação possui a seguinte referência: primeira edição (Silveira, 1981, p. 181); segunda edição (Silveira, 2015, p. 193).

84 Nas edições anteriores, essa citação possui a seguinte referência: primeira edição (Silveira, 1981, p. 184); segunda edição (Silveira, 2015, p. 196).

85 Nas edições anteriores, essa citação possui a seguinte referência: primeira edição (Silveira, 1981, p. 345); segunda edição (Silveira, 2015, p. 337).

86 Nas edições anteriores, essa citação possui a seguinte referência: primeira edição (Silveira, 1981, p. 345); segunda edição (Silveira, 2015, p. 337).

Quanto mais a consciência recusa a lançar luz sobre os conteúdos inconscientes, maior é o risco de ocorrer uma dissociação. Nesse caso, temos o aparecimento de símbolos em forma bruta, indicando-nos para uma regressão da libido que ativa cada vez mais produtos inconscientes que atuam de modo autônomo, como é sua característica, e irrompem no campo da consciência, provocando uma quebra ou cisão da personalidade. Não suportando o fluxo energético desencadeado pela constelação de imagens arquetípicas, a consciência é tomada, invariavelmente, por representações da morte do herói e de suas tentativas de ressurreição. Os mitos de morte/renascimento constituem, portanto, um modelo de compreensão para o processo psicótico (Jung, 2011h).

Nesse sentido, Jung (2011t) afirma que a psique funciona a partir de movimentos compensatórios. O sonho, por exemplo, possui caráter compensatório em relação ao campo da consciência. A imaginação simbólica pontua o processo psíquico em sua totalidade para transformar o fluxo libidinal que se encontra concentrado, dando forma a representações psíquicas. Seguindo esse tipo de pensamento, que vê cada emoção ser acompanhada por imagens com dinamismos próprios (Silveira, 2024), podemos dizer que a doença é uma tentativa desesperada de autocura:

A medicina moderna, a clínica, por exemplo, concebe a doença como um sistema composto de fatores prejudiciais e de elementos que levam à cura. O mesmo se dá com a neurose, que é uma tentativa do sistema psíquico autorregulador de restaurar o equilíbrio, que em nada difere da função dos sonhos, sendo apenas mais drástica e pressionadora (Jung, 2011y, § 389).

No primeiro capítulo do livro *Mefistófeles e o Andrógino*, Mircea Eliade (1991b) diz que o encontro com a luz representa um novo nascimento espiritual, uma mutação ontológica. Essa mutação é exemplificada pelo mito de Osíris e seu filho Hórus, também conhecido como Hor-pi-chrud, que significa criança que surge em cima, simbolizando o Sol nascendo das trevas, enquanto Osíris é o Sol em declínio. Estamos frente a um herói solar que morre, mas enfrenta perigos enormes durante a noite em sua luta para renascer no dia seguinte. Diz Jung (2012) acerca desse mito: “O mito de Hórus é a história da luz divina que acaba de nascer. Esse mito foi expresso, depois da saída das trevas originais dos tempos pré-históricos,

mediante a revelação, pela primeira vez, da salvação do homem pela cultura – isto é, pela consciência” (p. 332).

Nise da Silveira aponta a busca pela tomada de consciência como o mais persistente impulso que pôde observar durante seus mais de cinquenta anos de trabalho na psiquiatria. Mesmo nos quadros mais graves de dissociação pode-se perceber, por meio do estudo das imagens do inconsciente, um fio simbólico, tênue, que conduz a libido desde as mais profundas camadas do inconsciente até o campo da consciência. Acompanhando a imaginação simbólica configurada na produção plástica, Nise da Silveira diz que o caminho de busca pela consciência não se dá de maneira linear, mas a partir de idas e vindas. Por vezes, as formas se desintegram em confusas garatujas, o espaço se mostra sacudido por um forte terremoto, a vivência do espaço cotidiano é subvertida ou substituída por configurações de espaços de opressão etc. Todavia, mesmo nesses *inumeráveis estados do ser*, podemos observar, com olhos atentos e escuta apurada, a expressão do princípio de Hórus. Ele se manifesta na configuração do soalho e do rodapé de uma casa, na tendência para a quaternidade e no surgimento de formas circulares ou que tendem ao círculo etc. Tudo isso não seria possível sem um ambiente acolhedor, baseado na relação de afetividade constante (Silveira, 1986, 2022a, 2024; Perry, 1976).

O livro *A Interpretação dos Sonhos*, de Sigmund Freud (1996f), causou grande impacto em Jung, principalmente pela definição do sonho como a principal via de acesso ao inconsciente. Na concepção de Jung (2008, 2011b, 2011t, 2011y), a psique é abordada como um organismo vivo que, como tal, possui como função genérica o caráter compensatório (Jung, 2011t). O inconsciente mantém a relação compensatória com o campo da consciência sem, no entanto, perder sua autonomia. Quando ocorre o confronto da consciência com os conteúdos inconscientes, o caráter compensatório possui aspecto positivo, pois são descortinadas várias possibilidades para situações que se encontravam estagnadas. O aspecto negativo dessa relação ocorre quando há “predomínio das tendências destrutivas” (Jung, 2011b, § 547), como no caso de uma psicose latente, na qual a força do material inconsciente pode fazer eclodir, de maneira compensatória ao caráter unilateral da consciência, um quadro de esquizofrenia. Sendo assim, se conclui que apenas o aparecimento de símbolos compensatórios não faz, necessariamente, com que a psique restabeleça uma conduta integrada entre consciente e inconsciente. Para tanto, é preciso o confronto com o eu consciente.

Os conteúdos inconscientes se estabelecem como um valor limiar em relação ao campo da consciência e, nessa tensão, um campo compensa o outro. O consciente dá sentido ao conteúdo que é produzido pela via inconsciente. O processo psíquico é definido por Jung como um fluxo contínuo que gera o complexo do eu como um intervalo ideofetivo que possui a característica de dirigir o pensamento (Jung, 2011h). O eu se organiza, portanto, como um processo de adaptação momentâneo que censura os conteúdos incompatíveis com sua atitude atual. O material censurado e os aspectos que nunca ultrapassaram o limiar da consciência são carregados de afeto.

Os estudos das séries de imagens do inconsciente efetuados por Nise da Silveira encontram respaldo teórico nos estudos das séries de sonhos elaborados por Jung. A análise em série possibilita o acompanhamento do fluxo de libido que se faz visível por meio de imagens carregadas de afeto. Nesse método, temos também a vantagem de que os “sonhos posteriores vão corrigindo as incorreções cometidas nas interpretações anteriores” (Jung, 2011z, § 322). Da mesma forma que os sonhos, as pinturas analisadas em série “revelam a repetição de motivos e a existência de uma continuidade no fluxo de imagens do inconsciente”⁸⁷ (Silveira, 2022a, p. 103).

Podemos dividir a estrutura dramática do sonho em quatro fases: (1) exposição do sonho com seu lugar, personagens e situação inicial; (2) desenvolvimento da ação; (3) auge ou clímax da ação; (4) finalização do sonho (Jung, 2011aa). A interpretação desse tipo de material deve sempre contar com as associações do sonhador, dado que “o sonho é uma *autorregulação, em forma espontânea e simbólica, da situação atual do inconsciente*” (Jung, 2011bb, § 505 – grifo no original). Como os conteúdos inconscientes possuem variados sentidos, a associação é uma forma de criar uma delimitação e não fugir do caráter específico da personalidade do sonhador. O método, no entanto, não se restringe à associação livre que simplesmente nos leva aos complexos, mas que necessita de uma segunda etapa de associação dirigida por meio da circunambulação e, se necessária, amplificação do material onírico para que o contexto seja reconstituído (Jung, 2011aa). A análise do material inconsciente deve acontecer a partir de aproximações graduais de preparação para uma hipótese interpretativa (Jung, 2011z), ou seja, deve-se primeiramente buscar uma contextualização da imagem onírica, tanto por meio das associações livres quanto das associações dirigidas para, posteriormente, supor uma interpretação plausível.

87 Nas edições anteriores, essa citação possui a seguinte referência: primeira edição (Silveira, 1981, p. 116); segunda edição (Silveira, 2015, p. 127).

A interpretação do material inconsciente nunca deve ser estereotipada, pois, tratando-se de material simbólico, possui uma ampla variedade de interpretações que só podem ser especificadas a partir das associações do sonhador. Em alguns casos de sonhos, com material coletivo, o terapeuta pode e deve introduzir conteúdos oriundos da cultura para amplificar o tema abordado pelo sonho (Adler, 1977). Jung sempre se interessou pelos dados biográficos das pessoas que atendia, sem se esquecer de todo o lastro cultural que conforma a psique. De maneira metafórica, afirma que a consciência individual representa a florada e o fruto de uma estação e que essa aparição efêmera está assentada em bases coletivas, “pois a trama das raízes é mãe universal” (Jung, 2011h, p. 13).

O estudo da série de desenhos de Octávio Ignácio, abordando o tema da relação do homem com o cavalo⁸⁸ (Silveira, 2022a, p. 104-116, figuras 1-21), mostra-nos uma síntese da abordagem de Nise da Silveira acerca das imagens do inconsciente. Os cavalos de Octávio Ignácio são acompanhados de comentários do próprio autor e, assim, temos a junção das vivências pessoais com as produções espontâneas, são feitas amplificações das imagens a partir de material proveniente da cultura e, por último, temos a constelação das forças autocurativas da psique. Nise apresenta uma série de Octávio que se bifurca em duas outras de período concomitante: no início, temos um desdobramento que vai desde a sugestão de imolação de um cavalo por parte de um homem até o homem montar o cavalo de modo pacífico, passando pela amputação da perna do ser humano, depois a amputação da perna do cavalo, pela impressionante imagem de um cavalo crucificado e, em seguida, a apresentação de duas séries complementares. A primeira inicia-se com um centauro e desenrola-se até a configuração de animais fantásticos, tendo como intermediárias as imagens do cavalo brincando com um pássaro, assim como de cavalos alados que andam sobre duas patas. A segunda série apresenta um homem com pênis em tamanho exagerado ao lado de uma seringa, uma seringa alada, uma cobra alada, um vaso alado e, finalmente, duas pinturas mostrando um pássaro com duas cabeças em posição contrária.

Nise da Silveira enfatiza que, antes de frequentar o ateliê de pintura do *Museu*, Octávio já havia sido internado – entre 1950 e 1966 – por doze vezes e, após configurar a primeira imagem, teve apenas uma internação psiquiátrica. Octávio nunca mais teve crises de agitação psicomotora. Nise afirma que, durante as internações, Octávio recebeu o mesmo tipo de tratamento que a maioria das pessoas,

88 Nas edições anteriores, essa série de imagens possui a seguinte referência: primeira edição (Silveira, 1981, p. 116-132, figuras 1-21); segunda edição (Silveira, 2015, p. 127-142, figuras 1-21).

levando-se em consideração apenas os sintomas mais aparentes e não as sofridas vivências que desestruturaram o psiquismo. Quando começa a frequentar o ateliê de desenho e pintura, passa a ter um tratamento que leva em conta sua singularidade. Quando uma pessoa é tomada por forças arquetípicas, vive-se um drama sintetizado, no qual passado, presente e futuro já estão dados. Diversas vezes, Nise da Silveira pôde observar que, assim que é dada ao sujeito a oportunidade de configurar imagens, as ideias contidas no momento da primeira crise são plasmadas e, aos poucos, despotencializam seu caráter dominador:

a verdadeira terapia só começa depois de examinada a história pessoal. Esta representa o segredo do paciente, segredo que o desesperou. Ao mesmo tempo, encerra chave do tratamento. É, pois, indispensável que o médico saiba descobri-la. Ele deve propor perguntas que digam respeito ao homem em sua totalidade e não limitar-se apenas aos sintomas (Jung, 2012, p. 157).

De maneira alguma, Jung tinha a intenção de que as pessoas se fizessem presas de imagens coletivas, porém, a única maneira de não ficar com ideias repetitivas, compulsões, sintomas obsessivos ou mesmo estados delirantes e/ou alucinatórios, é estabelecer contato com as forças primordiais a fim de integrá-las, na medida do possível, ao campo da consciência. Um exemplo significativo que podemos encontrar em uma passagem fora do contexto da clínica ocorre quando Jung, em conversa informal, é indagado sobre qual o significado do simbolismo do fogo. Diz que gostaria de saber qual a importância que o fogo possuía para o sujeito que perguntava. O homem começou, então, a discorrer sobre o símbolo do fogo em várias culturas. Jung respondeu-lhe que o importante é o significado do fogo para ele e não nas diversas culturas (Post, 1992). A ênfase do trabalho de Jung não está no material coletivo em si, mas no diálogo da mente consciente com as forças primordiais de cunho coletivo. A variação sobre um mesmo tema não pode ser vista como mera repetição, como massificação ou aniquilamento da singularidade.

Baseado na premissa de garantir a singularidade de cada atendimento, Antonio Quinet analisa a série de pinturas de Octávio pelo viés psicanalítico de Jacques Lacan. Após tecer elogios a “uma jovem doutora” (Quinet, 1997, p. 209) que, em 1946, se rebelou contra o arsenal psiquiátrico e criou seu setor de atividades expressivas no Engenho de Dentro, ele observa, com muita pertinência – e em consonância

com o desejo de Nise —, que as análises de cunho junguiano feitas por ela não impedem outras abordagens, dado que o *Museu* é aberto a todos.

Quinet visitou o *Museu* a convite do artista Vitor Arruda, que já o frequentava há algum tempo. Nessa visita ficou conhecendo as obras de diversos autores e se interessou particularmente pelos cavalos desenhados por Octávio Ignácio, pois o levou “a fazer reflexões sobre a função da pintura na clínica da psicose” (Quinet, 1997, p. 211). Logo de início, Quinet adota uma posição distinta a de Nise, ao afirmar que organizar as pinturas em torno de temáticas supostamente arquetípicas pode levar a perda da particularidade de cada autor. Adiante, observa que, mesmo não conhecendo Octávio, não pode concordar que se trate de um caso como muitos outros dentro da clínica psiquiátrica, nem que seu resultado decorra apenas da oportunidade de pintar, pois, mesmo que todos os pacientes tivessem a mesma possibilidade, não se poderia afirmar que todos os resultados seriam semelhantes, já que cada atendimento é único.

Em nosso entender temos, nesses posicionamentos de Quinet, duas análises, no mínimo, precipitadas. A primeira afirmativa trata da antiga questão da relação entre o individual e o universal, entre o tempo e a eternidade. Podemos afirmar que o arquétipo em si é universal e atemporal, no entanto, não estabelecemos contato com o arquétipo, mas sim com a imagem arquetípica, que se torna presente quando está em relação com o campo da consciência. Podemos destacar três maneiras de o eu lidar com o material inconsciente: a primeira é a conduta unilateral da consciência, em que o processo de individuação se desenrola inconscientemente; a segunda ocorre quando o consciente estabelece um vínculo com o Si-mesmo, sendo o inconsciente responsável por compensar os aspectos do campo da consciência que escapam dessa relação; e a terceira, menos comum, dá-se quando a consciência está em conformidade com o processo de individuação, fazendo com que o inconsciente apenas sublinhe essa tendência e lhe dê ênfase (Jung, 2011a). Dessa forma, não estamos simplesmente lidando com um tema universal. A situação é bem mais complexa, pois se o tema é universal, a maneira como se apresenta é individual: “*A função criadora da dinâmica psíquica formadora de símbolos — ou o espírito — sempre se manifesta na pessoa individual. (...) O espírito criador parece, pois, estar vinculado de modo incondicional ao princípio da individuação*” (Franz, 1992, p. 76 — grifo no original).

A segunda afirmativa é mais simples, porém não menos importante. Caso Quinet observasse atentamente os atendimentos efetuados por Nise, veria que ela concorda plenamente que cada atendimento é único e que Octávio não é um caso de psiquiatria como vários outros. Nise apenas aponta para o fato de o tratamento

psiquiátrico que foi oferecido a ele entre 1950 e 1966, objetivamente, não levou em conta sua singularidade e que ao começar a frequentar o ateliê de pintura essa especificidade foi levada em consideração imediatamente. Nise observa não só a produção de seus clientes, mas também as maneiras de pintarem, se relacionarem, conversarem ou não, enfim, estava imensamente interessada naquela pessoa, a qual chamava pelo nome e que sabia ser dotada de grande potencial afetivo e criativo. Segundo Marco Lucchesi (2020), os escritos de Nise da Silveira enfatizam “a biografia em lugar do caso. E o psiquiatra assumindo a condição de coautor ou de leitor, atento às vozes de seus antigos hóspedes compulsórios, silenciados por terríveis expedientes⁸⁹” (p. 16).

Não se trata, contudo, de biografia como geralmente se está acostumado a pensar. Nise, em verdade, não gostava da ideia de biografia, pois considerava que servia para que se encobrisse a sombra e se mitificasse a pessoa. Sua preocupação estava voltada para o ser humano em sua totalidade, assim como em sua inalienável singularidade. Podemos, no entanto, ter uma pista de que tipo de biografia se trata ao lermos os relatos de Jung (2012) em *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Nela temos uma intensa descrição de suas imagens do inconsciente como os principais fatos de sua vida, ou seja, Jung está interessado na vida como processo emocional e na busca pela totalidade psíquica por meio do processo de individuação. A ênfase não está no universal, mas na busca de parâmetros universais que sirvam de contexto para que surja um sentido que, em última instância, seja pessoal. Afinal de contas, qualquer teorização promove um diálogo entre o que é universal e o que é particular. Em Freud, temos essas marcas universais no narcisismo primário e secundário, no complexo de castração etc., para não falarmos no complexo de Édipo. O problema não está nas teorizações, mas na maneira de utilizar essas ferramentas de trabalho. Ou será que, quando se fala em estrutura psicótica e de forclusão do Nome-do-Pai, não se está trabalhando com generalizações? Esses conceitos, essas generalizações próprias do campo da ciência, não devem servir, contudo, para abafar a personalidade da pessoa a quem se trata, mas, ao contrário, funcionar como auxílio na compreensão dos acontecimentos psíquicos.

De qualquer maneira, o mais importante é verificar que, tanto em Nise quanto em Quinet, a pintura aparece como método terapêutico de grande valor. Nos trabalhos de Nise, podemos acompanhar a constelação das forças autocurativas da psique e a despotencialização da energia concentrada em torno de um tema por

89 Na primeira edição, essa citação possui a seguinte referência: (Lucchesi, 1995, p. 12).

meio de símbolos transformadores; no texto de Quinet (1997), a pintura é vista como “*uma tentativa de domar, domesticar o gozo do olhar desse Outro que se encontra à espreita do sujeito*” (p. 218 – grifo no original). O Museu de Imagens do Inconsciente estará tanto mais vivo quanto mais diálogos interdisciplinares forem efetuados, fazendo ressoar as palavras que Ronald Laing deixou no livro de visitas do *Museu*:

Confo na continuidade e expansão deste trabalho. Trata-se de uma coleção que tem fama internacional. Espero que as autoridades locais reconheçam seu alto valor e façam o possível para facilitar seu futuro desenvolvimento, pois representa uma contribuição de grande importância para o estudo científico do processo psicótico⁹⁰.

90 Essa observação pode ser lida nas seguintes referências: (Silveira, 1980, p. 23, 1992a, p. 94, 2024, p. 109).

3.2. A CASA DAS MUSAS

“Pensei na doutora Nise da Silveira ao visitar o Hospital [de Havana],
pensei no gigantesco esforço que tem feito para manter,
ante a indiferença das autoridades,
seu Museu do Inconsciente”.

Antonio Callado

“O museu que a doutora Nise batizou, com sua habitual precisão,
Museu de Imagens do Inconsciente, tem (...) de
completar-se numa comunidade”.

Mário Pedrosa

No início da década de 1930, Nise da Silveira começou a frequentar a clínica de neurologia da Faculdade de Medicina da Praia Vermelha, recebendo grande influência de Antônio Austregésilo, de quem foi aluna. Naquele período, conviveu com Colares Moreira e Costa Rodrigues, assistentes de Austregésilo. Nise era apenas mais uma das pessoas que frequentava a clínica neurológica como estagiária voluntária, a fim de ganhar experiência. O “velho Austregésilo”, como Nise o chamava com carinho, gostava muito dela e, preocupado com a falta de emprego da jovem médica, a inscreveu em um concurso para psiquiatra. Nise lia textos de psiquiatria por prazer e como meio de conseguir dinheiro, como nos conta em entrevista a Ferreira Gullar: “Ganhei algum dinheiro fazendo teses para psiquiatras, a fim de conseguirem ingressar na carreira... Uma imoralidade horrível. (Risos.) Escrevi uma tese muito boa que tive uma pena enorme de entregar ao médico que a tinha encomendado” (Silveira, 1996a, p. 38). Em setembro de 1933, Nise da Silveira fez concurso para psiquiatra da antiga Assistência a Psicopatas e Profilaxia, iniciando sua vasta e fecunda obra.

Naquela época, passou a viver no Hospício Pedro II, na Praia Vermelha. Em seu quarto, o administrador pôs uma mesa onde Nise arrumou os seus pertences. Aos livros de medicina, misturavam-se os de literatura – Marcel Proust, Oscar Wilde, Anatole France etc. –, como também os que, pouco a pouco, se tornariam “proibidos”: livros comunistas.

Em 1935, ocorreu o Levante Comunista, liderado por Luiz Carlos Prestes, que foi rapidamente debelado pela polícia de Getúlio Vargas. Como um dos pontos

da rebelião foi um quartel do Exército na Praia Vermelha, Nise dizia que “ouvía do hospital o barulho dos tiros” (Silveira, 1996a, p. 40). Porém, não entendia o que estava acontecendo. A perseguição aos comunistas foi intensificada e Nise foi denunciada por uma enfermeira que trabalhava no hospital. Em 1936, foi presa, passando um ano e oito meses na cadeia, só podendo voltar a exercer suas funções como funcionária pública em 1944.

Quando saiu da prisão, Nise publicou um artigo sobre afasia, ao qual qualificou como “um bom trabalho” (Silveira, 1996a, p. 38). O nº 101 da *Revista de Medicina, Cirurgia e Farmácia* contou, além de um artigo de Antônio Austregésilo, com o texto “Estado Mental dos Afásicos”, de Nise da Silveira. Trata-se de um texto de transição de seus estudos neurológicos para os psicológicos, no qual apresenta um histórico das doutrinas sobre a afasia como um “reflexo dos grandes momentos da história da psicologia” (Silveira, 1944, p. 474). Estava particularmente interessada pelos estudos da psicologia evolutiva, na qual Hughlings Jackson teve “o mérito de interpretar o sistema nervoso e suas funções” (p. 472). Esse autor distingue a linguagem intelectual da linguagem emocional, assim como a existência de mais de um nível de pensamento e suas correspondentes linguagens. As ideias de Jackson permanecem presentes nos trabalhos posteriores de Nise, quando diz que as imagens se diferenciam das palavras como meio de expressão, pelo fato de que as últimas constituem uma aquisição recente na história da evolução, concomitante ao surgimento do pensamento racional (Silveira, 2022a).

O ano de 1944 marcou o retorno de Nise da Silveira para suas funções de psiquiatra no serviço público. Em suas palavras, podemos ter uma ideia da importância que teve para ela seu trabalho no hospital do Engenho de Dentro: “Aí começa outra etapa da minha vida. Uma bela etapa de meu trabalho” (Silveira, 1996a, p. 45). Exatamente durante o período em que esteve afastada, surgiram no Brasil novos “métodos terapêuticos”: choque elétrico, coma insulínico e lobotomia. Essas práticas lembravam-lhe em muito as torturas que havia visto na prisão. Recusou-se terminantemente a utilizar o eletrochoque. Quando o médico-chefe a indicou para aplicar o choque em uma pessoa que se encontrava internada, Nise disse que não apertaria o botão.

Além da semelhança com os métodos de tortura, Nise prestou atenção a mais dois fatores para se recusar a utilizar o chamado “tratamento” por eletroconvulsão: a maneira como a técnica foi inventada e o depoimento de pessoas submetidas a essa prática. O eletrochoque nasceu da premissa da incompatibilidade entre a esqui-

zofrenia e a epilepsia. Ugo Cerletti, psiquiatra italiano, ao visitar um matadouro de porcos, pôde verificar com os próprios olhos que os porcos recebiam uma descarga elétrica e, antes de morrerem, entravam em uma crise convulsiva. Nise diz que o grande psiquiatra teve “uma iluminação às avessas!”⁹¹ (Silveira, 2024, p. 12).

Não tardaram a aparecer depoimentos de pessoas submetidas ao eletrochoque. A “primeira vítima do eletrochoque”⁹² (Silveira, 2024, p. 12), após receber a descarga elétrica, e na dúvida se receberia nova dose, disse: *Nada de repetir. Fatal!* A posição de Nise em escutar o que diz uma pessoa que está internada é fato raro na clínica psiquiátrica. Em 1995, uma moça foi internada em um serviço de psiquiatria na cidade do Rio de Janeiro e, após tomar o último de uma série de seis eletrochoques, respondeu a um psicólogo que lhe perguntou como poderia lhe ajudar: “não me dando choque”. Essa fala foi levada para a reunião de enfermaria, sendo rebatida pelo médico-chefe: “Ela não sabe o que diz. Eu é que sei os efeitos do eletrochoque”. Poderíamos enumerar vários depoimentos, porém creio que basta apenas mais um, de Antonin Artaud:

O eletrochoque me desespera, apaga minha memória, entorpece meu pensamento e meu coração, faz de mim um ausente que se sabe ausente e se vê durante semanas em busca de seu ser, como um morto ao lado de um vivo que não é mais ele, que exige sua volta e no qual ele não pode mais entrar. Na última série eu fiquei durante os meses de agosto e setembro na impossibilidade absoluta de trabalhar, de pensar e de me sentir ser⁹³ (Silveira, 1989, p. 19).

Apesar de destroçado pelo aparato psiquiátrico, Artaud nunca se acomodou e sempre expressou seu descontentamento em textos contundentes como, por exemplo, a *Carta aos Médicos-Chefes dos Asilos de Loucos*, na qual afirma que os médicos possuem, como única vantagem sobre os internos, a força. Nise da Silveira (1989), grande admiradora do texto artaudiano, sentiu-se atingida pela potência das palavras de Artaud: “Esta carta soa como o zunir de um chicote de fios de aço. Seja por omissão ou ação, nenhum de nós, psiquiatras, merecerá escapar com a face ilesa” (p. 12).

91 Na primeira edição, essa citação possui a seguinte referência: (Silveira, 1992a, p. 11).

92 Na primeira edição, essa citação possui a seguinte referência: (Silveira, 1992a, p. 11).

93 Essa citação encontra-se, ainda, no livro *O Mundo das Imagens*: primeira edição (Silveira, 1992a, p. 12); segunda edição (Silveira, 2024, p. 12).

A recusa de Nise em utilizar o eletrochoque era vista com grande desconfiança por parte dos demais técnicos do hospital. Se, nesse caso, sua resposta se deu pela negativa imediata, no caso do coma insulínico (método de Sakel), sua resposta foi a positividade de uma obra. Nise dizia que utilizou tal método apenas por uma vez. O objetivo do choque hipoglicêmico, assim como do eletrochoque, era de produzir uma profunda alteração das funções psíquicas superiores e, para que seu efeito atingisse eficácia plena, era necessário um período de 30 a 40 horas de coma (Silveira, 2024). Nise fez uso do “tratamento” em uma mulher que não voltava do coma. Passou, então, a noite ao lado do leito da moça rezando para que ela voltasse. Quando a mulher recobrou os sentidos, Nise se dirigiu ao então diretor do Centro Psiquiátrico, doutor Paulo Elejalde, e lhe disse que não servia para ocupar a função de médica. Solicitou, então, que lhe fosse dada a oportunidade de trabalhar em qualquer outra tarefa.

Naquela época, havia um interesse de Nise pela terapêutica ocupacional, pois quando foi trabalhar no Engenho de Dentro, o doutor Fábio Sodré introduziu a T.O. na Seção Waldemar Shiller, da qual era o diretor. Tratava-se de uma novidade, dado que, em nosso meio, a terapêutica ocupacional era recomendada apenas para o tratamento dos chamados crônicos e Fábio Sodré a defendia também para quadros agudos. Segundo Nise da Silveira (1977), o doutor Fábio Sodré “era uma pessoa bastante aberta profissionalmente, o que ele tinha de reacionário politicamente, tinha de visão larga psiquiátrica” (p. 9). As ideias desse médico, contudo, foram bastante criticadas durante a reunião da Sociedade de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, ocorrida em meados da década de 1940, na qual a experiência do doutor Sodré foi definida como absurda (Silveira, 1952). Nise entendia que a terapêutica ocupacional, se devidamente aplicada, poderia servir como um importante método terapêutico. Então, em maio de 1946, Paulo Elejalde ofereceu uma pequena verba mensal para que Nise reestruturasse a Seção de Terapêutica Ocupacional.

Antes de Nise, esse serviço se caracterizava por atividades monótonas e reprodutivas, como varrer o chão, juntar estopa, carregar a roupa das enfermarias até a lavanderia etc. Sob sua direção, o método foi totalmente modificado. Seu objetivo era de entrar em contato com o mundo das pessoas que se encontravam internadas, o que não seria possível por meio do trabalho mecanizado. Propôs, então, atividades expressivas a fim de que fossem ativados os *germes criativos* inerentes não só ao homem, como a toda a natureza (Silveira, 1986; 2024).

Nise da Silveira qualificou seu método como “não agressivo⁹⁴” (Silveira, 2024, p. 17), em contraposição com os demais métodos psiquiátricos preponderantes em sua época. Lutando contra estes métodos, implementou dezessete núcleos de atividade, com maior destaque para desenho, pintura e modelagem. Nesses ateliês, as pessoas tinham total liberdade de pintar ou modelar o que quisessem, sem tema predeterminado ou objetos a serem copiados. A intenção não estava em trazer as pessoas de volta à realidade, mas sim em “criar oportunidade para que as imagens do inconsciente e seus concomitantes motores encontrassem formas de expressão. Numa segunda etapa viriam as preocupações com a ressocialização⁹⁵” (Silveira, 2022a, p. 15).

Logo de início, Nise da Silveira (1966, 1979) estudou as diversas maneiras de se entender a atividade e como as várias concepções psiquiátricas interferem na atitude da equipe de saúde em relação a elas. Segundo os organicistas, os estudos devem se pautar nas pesquisas anatomopatológicas, bioquímicas e/ou endócrinas. Vista como um processo de decadência, a doença mental se agravaria com a ociosidade. As atividades, portanto, servem como muletas, como tentativa de, nas etapas mais avançadas de deterioração, tentar barrar a ruína total. Do ponto de vista de Bleuler, que divide a esquizofrenia em sintomas fundamentais – orgânicos – e sintomas acessórios – psíquicos –, a ocupação terapêutica teria valor como estímulo para as funções psíquicas normais, servindo de incentivo para uma possível adaptação.

Se Kraepelin e Bleuler não discorreram acerca da terapêutica ocupacional em sentido estrito, fazendo-nos inferir seus posicionamentos, em Herman Simon temos uma elaborada teoria da ocupação. O método hiperativo de Simon defende que se devem iniciar as atividades nos primeiros momentos de uma crise. Elas devem ser escolhidas de modo individualizado, com grau de dificuldade crescente, considerando o esforço da atenção, o raciocínio e a iniciativa. Além disso, as atividades devem combater os fenômenos patológicos e estimular as potencialidades. Por fim, visam à reeducação, de modo que ninguém tem o direito de perturbar o grupo. Esse método será aprofundado por Carl Schneider, que estabeleceu critérios de indicação específica para cada pessoa e para cada síndrome. Os neojacksonianos baseavam-se nas ideias da psicologia evolutiva, para a qual as atividades permitiriam que, partindo de ações simples, automáticas e desorganizadas, se chegaria aos atos complexos, voluntários e organizados. Paul Sivadon se interessa pela terapêutica ocupacional como

94 Na primeira edição, essa citação possui a seguinte referência: (Silveira, 1992a, p. 16).

95 Nas edições anteriores, essa citação possui a seguinte referência: primeira edição (Silveira, 1981, p. 13-14); segunda edição (Silveira, 2015, p. 15-16).

meio de se estabelecer relações com o mundo externo, ou seja, visa à readaptação ao ambiente em que o indivíduo vive. Para tanto, devem-se levar em conta algumas condições para que a readaptação seja possível: primeiramente o grupo deve ser pequeno, homogêneo e contar com a presença de um monitor que organize a atividade; as atividades devem estar de acordo com o grau de sociabilidade, indo desde jogos até a produção de material utilitário, passando pelas atividades expressivas, a cópia e o artesanato; o ritmo de trabalho deve ser considerado de maneira individualizada e o tempo de duração da atividade deve ser curto; deve-se estudar o tipo de material de trabalho utilizado por cada pessoa – nesse ponto, Sivadon inova ao trazer para o campo da saúde mental as ideias do filósofo Gaston Bachelard –; deve-se levar em conta o grau de relação humana; e, finalmente, quais as responsabilidades que podem ser assumidas por cada um.

Mesmo sendo grande admiradora da obra de Simon e Sivadon, Nise da Silveira prefere acompanhar estudos como os da psicanálise freudiana, enfatizando as atividades “que se desenvolvam no *mesmo sentido* dos sintomas” (Silveira, 1979, p. 15 – grifo no original), sublimando a libido por meio de atividades aceitas socialmente. Não será na obra de Freud, contudo, que Nise buscará os alicerces para suas pesquisas no campo do imaginário. A psicologia analítica de C.G. Jung subverteu todo o seu pensamento, dando-lhe um enquadre ético-estético sem precedentes na psiquiatria brasileira.

A utilização do método da livre expressão como atividade psicoterápica em hospitais psiquiátricos nunca recebeu a concordância da maioria dos médicos. Meyer Gross dizia que a livre expressão mergulharia ainda mais o indivíduo na doença. Bleuler apontava para o fato de que o tratamento da esquizofrenia consistia em reeducar o doente para que este voltasse a restabelecer o contato com a realidade. Herman Simon, o pai da terapêutica ocupacional, pretendia reeducar e combater a doença, devendo, para tanto, que cada atividade fosse receitada com o objetivo de contrapor a um sintoma, do contrário, a doença estaria sendo alimentada. Para Reitman, a produção plástica devia ser uma tentativa de adaptar o sujeito à realidade. Finalmente, para Plokker, a livre expressão afastaria o doente ainda mais da realidade (Silveira, 1966, 1979, 2022a). Portanto, o trabalho de Nise era de fato singular quando de seu início, encontrando hoje em dia alguns pontos de reverberação.

A terapêutica ocupacional começou a funcionar em maio de 1946 e o ateliê de pintura foi inaugurado no dia 9 de setembro do mesmo ano. Rapidamente as produções dos ateliês de pintura e de modelagem ganharam destaque. Entusiasmada

e impressionada com a produção dos internos do Engenho de Dentro, a equipe da Seção de Terapêutica Ocupacional logo começou a pensar em uma exposição. A primeira exposição foi apresentada no dia 22 de dezembro, nas dependências do centro psiquiátrico. E, de 4 a 23 de fevereiro de 1947, foram expostas 245 pinturas no salão do primeiro andar do Ministério da Educação e Cultura (MEC), sendo transferida em seguida para a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), de 24 a 31 de março (Mello, 2014). Essa exposição despertou o interesse de diversos críticos de arte, que qualificavam as pinturas expostas como *verdadeiras obras de arte*.

A partir de então, o crítico de arte Mário Pedrosa começou a frequentar o ateliê de pintura do hospital. Ficou deslumbrado com os traços de Raphael Domingues e o colorido de Emygdio de Barros. Pedrosa costumava levar pessoas do meio artístico para visitar a seção dirigida por Nise. Em uma dessas visitas, no mês do aniversário de três anos de trabalho dos ateliês, Mário Pedrosa convidou Leon Degand, diretor do MAM São Paulo, para conhecer as pinturas e desenhos que tanto admirava. Leon Degand ficou fascinado com a qualidade artística de algumas obras e, então, propôs que fosse feita uma exposição em São Paulo.

Mário Pedrosa e Leon Degand começaram a escolher pinturas, desenhos e esculturas para a mostra. Em meados de julho, Degand retornou a Paris, sendo substituído na direção do museu por Lourival Gomes Machado, que levou para a capital paulista a exposição *9 Artistas de Engenho de Dentro*. A repercussão que o material exposto teve foi enorme. Autoridades médicas e críticos de arte pronunciaram-se a respeito, respectivamente, em palestras e artigos nos grandes jornais da cidade. A exposição voltou para o Rio de Janeiro, sendo apresentada no salão nobre da Câmara Municipal, entre os dias 25/11/1949 e 10/01/1950. As obras foram visitadas por um grande número de pessoas que admiravam a beleza das imagens pintadas por pessoas que se encontravam trancadas nos tristes locais que são os hospitais psiquiátricos, como Nise sempre frisava: “Seja a exposição agora apresentada uma mensagem de apelo neste sentido, dirigida a todos que aqui vieram e participaram intimamente do encantamento de formas e de cores criadas por seres humanos encerrados nos tristes lugares que são os hospitais para alienados” (Silveira, 1996c, p. 97-98).

Figura 9: Mário Pedrosa e Nise da Silveira.



Fonte: Museu de Imagens do Inconsciente

Apesar de, por vezes, Nise se referir aos frequentadores dos ateliês de pintura e modelagem como artistas, preferia manter uma atitude discreta quanto à qualidade das obras produzidas. Não deixava, contudo, de se alegrar com o fato de as pessoas admirarem a beleza das pinturas, de escreverem críticas elogiosas etc. Considerava, no entanto, que esse tipo de apreciação cabia aos *conhecedores de arte*. Ela se posicionava como terapeuta e pesquisadora e, nesse caso, o fato de surgirem obras consideradas por muitos como de alta qualidade artística era de vivo interesse do ponto de vista científico. Não uma ciência dura, mas uma visão científica que possuía o “dever de ressaltar o aspecto humano desse fenômeno⁹⁶” (Silveira, 2022a, p. 17).

Os livros de psiquiatria utilizados nas universidades geralmente apontam para o empobrecimento, para os “resíduos da doença”, falam de embotamento, ruína, sintomas e mais sintomas. Desse ponto de vista, as pinturas de pessoas psiquiatrizadas

96 Nas edições anteriores, essa citação possui a seguinte referência: primeira edição (Silveira, 1981, p. 16); segunda edição (Silveira, 2015, p. 18).

representariam “somente reflexos de sintomas e de ruína psíquica”⁹⁷ (Silveira, 2022a, p. 16). Para Nise, porém, a arte representa “a mais alta atividade humana” (Silveira, 1996a, p. 91) e nos coloca frente a uma discrepância entre as opiniões de críticos de arte e de psiquiatras.

Fato bastante significativo podemos encontrar na posição do doutor Carvalho, diretor do centro psiquiátrico na década de 1970. Ele reconhecia o valor artístico de algumas obras que se encontravam nos ateliês de Engenho de Dentro. Teríamos aí um posicionamento favorável ao trabalho desenvolvido por Nise da Silveira? Não nos apresseemos. O período da ditadura militar foi de controle, restrições para as reuniões, normas rígidas, proibições, vigilâncias e punições. O serviço de Nise era rebelde a tudo isso. Em 1977, Carvalho tentou impedir uma exposição em homenagem a Carlos Pertuis, um dos frequentadores do ateliê de pintura, que havia morrido recentemente. No dia da abertura da exposição, o sombrio diretor deu ordens para que os portões do centro psiquiátrico fossem fechados, impedindo assim a entrada dos visitantes. Aos poucos, foram chegando jornalistas, artistas, críticos e o cônsul da Suíça. Os portões foram abertos, sendo a exposição realizada. Agora podemos dar a resposta. Não, o doutor Carvalho não era favorável ao trabalho de Nise. A admiração que possuía por algumas obras, contudo, era verdadeira. Enraizado em dogmatismos, o médico da ditadura mostrava-se também como o doutor dos preconceitos, que distorcem e impedem a verificação direta, tendo que criar histórias mirabolantes para explicar uma realidade diversa da sua: o psiquiatra considerava que nenhum doente mental pudesse criar obras tão belas, sendo assim, imaginava que os quadros teriam sido pintados por Di Cavalcanti, Candido Portinari e outros nomes reconhecidos como saudáveis artistas, e levados por Nise às escondidas para o triste hospital.

97 Nas edições anteriores, essa citação possui a seguinte referência: primeira edição (Silveira, 1981, p. 15); segunda edição (Silveira, 2015, p. 17).

3.3. MANDALA

“Para mim uma mandala é uma porção de coisas, tem
tantas coisas em volta da mandala...
Alguém perguntou: Um ovo estrelado é uma mandala?
Uma gota d’água é uma mandala?
Cada pessoa diz uma coisa, cada mandala
é diferente da outra”.

Fernando Diniz

A produção do ateliê de pintura do Museu de Imagens do Inconsciente é bastante significativa do processo de reordenação do psiquismo por meio de conteúdos da imaginação simbólica. A partir da concepção de Eugen Bleuler acerca da cisão esquizofrênica, era de se esperar que na produção pictórica surgissem formas fragmentadas. Essas imagens, com certeza, estavam presentes. De maneira surpreendente, Nise da Silveira (2022a) acompanhava o aparecimento de formas harmoniosas, simétricas, dispostas em torno de um centro, principalmente formas circulares. Nise reconhecia a semelhança dessas formas com mandalas presentes em livros de religiões orientais. Contudo, não entendia qual a significação psicológica desse fenômeno. Começou a reunir imagens em forma circular que, rapidamente, ultrapassaram uma centena. O primeiro álbum de pinturas do Museu de Imagens do Inconsciente estava constituído e levantava enormes questionamentos no campo da psicologia.

A parte inicial do livro *Psicologia e Alquimia*, de C.G. Jung (2011k), consta de uma série de sonhos e impressões visuais de um importante cientista europeu. O estudo da série de sonhos como material simbólico definiu um novo método de investigação das imagens pintadas nos ateliês de Engenho de Dentro: o estudo das séries de imagens do inconsciente. Na série de sonhos apresentada por Jung, que configuram diversas etapas de um processo de individuação, surgem, pontuando o itinerário psíquico, imagens circulares ou tendendo ao círculo, às quais Jung denomina pelo termo *mandala*.

Os desenhos em forma circular impressionaram de maneira especial a doutora Nise da Silveira, que resolveu, então, enviar a C.G. Jung uma carta acompanhada de fotografias de algumas dessas imagens. A intenção de Nise era de entender qual o sentido para o aparecimento de formas harmônicas e circulares em desenhos

de esquizofrênicos. Nise procurava uma base teórica para explicar esses fenômenos. A resposta chegou um mês depois. Aniela Jaffé, secretária e colaboradora de Jung, enviou uma carta dizendo que o médico suíço havia ficado muito interessado nas mandalas desenhadas por esquizofrênicos. Quando contava essa história, Nise fazia uma pausa depois da palavra mandala e dizia “Pronto!”, uma das respostas que queria já estava dada. Ficava faltando, porém, o significado psicológico de tais imagens. Ao longo da carta, a resposta se configura: Jung enfatiza a regularidade que se encontra nas pinturas, fato que considera raro na produção de pessoas internadas em hospitais psiquiátricos e aponta para a presença da divisão das mandalas em quatro partes ou em múltiplos de quatro. Apesar de Jung lamentar a falta de dados biográficos e qual o significado que os desenhos tiveram para cada um de seus autores, diz que, de maneira geral, as mandalas, que em sânscrito significa círculo mágico (Jung, 2011d, 2011k, 2011cc, 2011dd), representam uma compensação inconsciente para a provável vivência de caos da consciência.

A correspondência entre Nise e Jung data do final do ano de 1954. Menos de três anos depois, em setembro de 1957, Nise da Silveira encontrou-se com Jung durante o II Congresso Internacional de Psiquiatria, em Zurique, Suíça. Na ocasião, foi feita uma fotografia de uma mandala ao fundo com um dedo indicador apontando para o centro⁹⁸. A mandala é de Fernando Diniz e a mão de Jung. O estudo dos símbolos colocava sempre o problema da significação e do sentido do material expresso pela imaginação simbólica. Ao se deparar com esse tipo de material que ainda não é totalmente reconhecido pelo campo da consciência, a tendência é de tentar codificá-lo como em um catálogo no qual se tem, para cada imagem, um significado específico. Esse tipo de interpretação reduz o material simbólico a um mero signo. Jung, porém, não descarta a possibilidade de certos símbolos possuírem um limitado número de significados, mas afirma que como princípio norteador não devemos abandonar a busca pela multiplicidade de sentidos para o material simbólico.

Nessa perspectiva, o que é de fundamental importância para estabelecer o sentido de um símbolo é o estudo do itinerário psíquico por meio da série de imagens do inconsciente, pois, segundo Jung (2011y, § 398), “quando nos concentramos num quadro interior e tomamos o cuidado de não interromper o fluxo natural dos acontecimentos, o inconsciente produzirá uma série de imagens que farão uma his-

98 Essa fotografia pode ser vista no livro *C. G. Jung Word and Image* (Jaffé, 1999, p. 124). E no livro *Imagens do Inconsciente*: primeira edição (Silveira, 1981, p. 58, figura 3); segunda edição (Silveira, 2015, p. 59, figura 3); terceira edição (Silveira, 2022a, p. 50, figura 3).

tória completa”. A partir desse fluxo imagético é produzida uma narrativa na qual emergirá o sentido simbólico que não pode ter seu significado dado *a priori*, por mais arraigados que estejamos em certas concepções e pressupostos.

A análise da mandala como símbolo ordenador é, no entanto, recorrente na obra de Jung (2011k, 2011o, 2011cc, 2011ee), pois aparece como fator de compensação em casos de esquizofrenia em diversos textos. Com um centro único bem demarcado, a mandala surge como um fator de compensação ao estado caótico em que se encontra a personalidade do sujeito, ou seja, em períodos de desorganização psíquica. Trata-se da expressão de um símbolo de ordenação e, mais ainda, da criação de um campo propício para que a transformação possa ocorrer. Seu aparecimento se dá, geralmente, “em épocas de desorientação psíquica, para compensar um estado caótico ou para formular experiências numinosas” (Jung, 2011o, § 870).

A constelação de imagens arquetípicas se dá a partir de situações vivenciais não totalmente compreendidas pela psique consciente, que propicia uma reverberação emocional que desencadeia um fluxo de imagens dotadas de sentido. Em momentos de grande perturbação da personalidade ou mesmo em casos mais graves, como em uma crise psicótica, o inconsciente, em sua tendência à reorganização, lançará mão de um símbolo que represente com exatidão a totalidade da personalidade ameaçada. A mandala surge, dessa forma, em pinturas, modelagens, movimentos de dança como símbolo do Si-mesmo (Jung, 2011d, 2011cc, 2011ff, 2012), estabelecendo não só um movimento de compensação, mas marcando os momentos cruciais do processo de individuação: “uma vez atingido o centro, somos enriquecidos, a consciência alarga-se e aprofunda-se, tudo se torna claro, significativo; mas a vida continua: outro labirinto, outras espécies de provação, num outro nível” (Eliade, 1987, p. 137).

Como representante do arquétipo do Si-mesmo, a mandala se caracteriza como imagem arquetípica “da orientação e do sentido: nisso reside sua função salutar” (Jung 2012, p. 245). Esse tipo de interpretação deu nova inflexão teórica para que Nise da Silveira desenvolvesse seu trabalho junto a pessoas em tratamento no campo da saúde mental. Se a mandala, com sua forma harmoniosa de centro único, representa uma tentativa de autocura – um impulso instintivo pela reorganização do psiquismo –, abria-se, então, a possibilidade de se lançar um novo olhar sobre as produções plásticas dos internos do centro psiquiátrico: “Desde que meu ponto de partida foi o encontro de variações da mandala na pintura de esquizofrênicos, natu-

ralmente suas funções ordenadoras e curativas ocuparam o primeiro plano de meu interesse⁹⁹ (Silveira, 2022a, p. 51).

Como um círculo mágico protetor, a mandala aparece em rituais de *Pueblos* e de outros povos originários. Os *Navajos*, por exemplo, desenhavam na areia para separar um local sagrado buscando a cura de algum enfermo (Campbell, 1990; Eliade, 1972, 1991a, Jung, 2011y). O estudo de desenhos e pinturas de círculos remete a esse tipo de ritualização que nos faz pensar na produção espontânea de imagens do inconsciente (Jung, 2011cc, 2011ff) como tentativas de reorganização, na qual a concentração em uma dada imagem, que centraliza nossa personalidade, faz do espírito geométrico “um fator de autoanálise” (Bachelard, 1991, p. 37).

Ao longo da obra de Nise da Silveira (2022a, 2024), a mandala surge como uma tentativa inconsciente de reorganização. Suas análises, com certeza, sempre levam em consideração o fluxo de imagens que surgem em série, facilitando a compreensão. Para efetuar esse tipo de análise, apoia-se, com frequência, nas obras de Jung, que tendem para uma interpretação desse símbolo como um fator de reintegração. Para Jung (2011j), a mandala “tem o papel de *orientador* das direções” (§ 582 – grifo no original). No entanto, caso coloquemos um sinal de igualdade entre a mandala e a reorganização psíquica, estamos reduzindo um poderoso símbolo a um sinal. O símbolo da mandala, como qualquer símbolo, deve ser visto dentro de um contexto que pode ser dado, por exemplo, por meio da série de imagens do inconsciente, no qual “o ser redondo propaga a sua redondeza, propaga a paz de toda redondeza” (Bachelard, 1990a, p. 241).

Todavia, nos casos em que se reduz uma complexidade a um significado, ou seja, quando se cai numa posição unilateral, a dúvida e a relativização de uma certeza tornam-se os melhores métodos contra a ideais dogmáticas. Em textos de Jung, podemos ler suas indecisões acerca do símbolo da mandala: “embora a mandala apareça como a estrutura de um centro, contudo, não se tem ainda certeza se o que é mais acentuado no interior desta estrutura é o centro ou a periferia, a divisão ou a indivisibilidade” (Jung, 2011b, § 417); “o homem ou sua alma profunda é o prisioneiro ou o habitante protegido da mandala” (Jung, 2011ff, § 157).

A mandala pode ter vários sentidos, dependendo da posição que ocupa na série de imagens do inconsciente, de sua regularidade ou irregularidade, de seu centro – se está servindo de contorno para alguma outra figura ou se está vazio (Jung,

99 Nas edições anteriores, essa citação possui a seguinte referência: primeira edição (Silveira, 1981, p. 53); segunda edição (Silveira, 2015, p. 60).

2011ff) –, de sua periferia, da história de vida de quem a desenhou etc. Esse símbolo pode ser interpretado como sinal de isolamento (Augras, 1967), de concentração espiritual (Eliade, 1987), como um movimento de reorganização (Silveira, 2022a), como “concentração de si” (Bachelard, 1990a, p. 241), como vaso alquímico (Jung, 2011m), como imagem de Deus (Jung, 2011cc, 2011ee) ou como tudo isso – chegando mesmo a significar o indício de uma desestruturação –, ao longo da extensa obra de C.G. Jung. Não podemos, porém, deixar de frisar o importante papel de tentativa de união dos pares de opostos que perpassa todos esses significados, fazendo da mandala o símbolo de nosso tempo: “Aparentemente são mudanças na constelação dos dominantes psíquicos, dos arquétipos, ou “deuses”, como podem ser chamados, o que ocasiona, ou acompanha, uma longa e duradoura transformação da psique coletiva” (Jung, 2011dd, § 589).

3.4. A LINGUAGEM ESQUECIDA

“Falar sobre doenças é uma espécie de entretenimento
das *Mil e Uma Noites*”.

William Osler

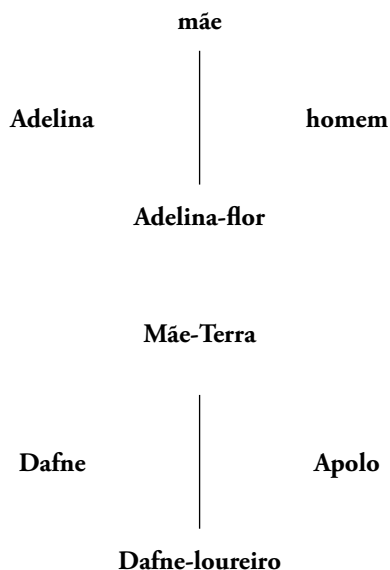
No dia 14 de junho de 1957, Nise da Silveira foi recebida por Jung em sua casa. Quando Nise entrou no gabinete de trabalho de Jung, viu-se frente a um homem corpulento, bastante idoso, porém com uma incrível vitalidade e que fumava cachimbo silenciosamente. Nise começou falando de seu trabalho no hospital psiquiátrico, de sua insatisfação com as práticas tradicionais, de seu autodidatismo e da dificuldade em compreender o significado do material configurado nos ateliês. Como Jung permanecia em silêncio, Nise foi ficando incomodada e intrigada com o fato de ele não falar nada. Afinal, tinha vindo de tão longe para escutá-lo e ele ali, sem pronunciar uma só palavra. De repente, Jung curva o corpo para frente e pergunta de supetão se ela estudava mitologia. A médica brasileira explicou que conhecia um pouco de mitologia por meio da literatura, mas que não existia esse tipo de estudo no currículo médico. Jung lhe disse, então, que se ela não estudar mitologia nunca conseguirá entender os delírios, os desenhos e as pinturas plasmadas. De acordo com Jung, os mitos caracterizam-se por representarem a manifestação original da estrutura básica do psiquismo, devendo, portanto, ser matéria obrigatória do estudo médico. Nise, imediatamente, começou a estudar mitologia. Ao sair da casa de Jung, comprou um livro que ele escreveu em colaboração com Karl Kerényi, *A Criança Divina: uma introdução à essência da mitologia*.

Uma das histórias da mitologia grega tratava da ninfa Dafne, por quem Apolo, o deus da beleza, se apaixonou. Dafne, desesperada, correu para sua mãe, Mãe-Terra, e pediu ajuda; a mãe a transformou em loureiro. Desse modo, mãe e filha não poderiam se separar (Silveira, 2022a). Ao chegar no Brasil, Nise ficou fascinada com o novo campo de pesquisa que se abria. As pinturas de Adelina Gomes, as quais Nise tentava, sem sucesso, compreender desde 1946, a partir dos estudos de mitologia, se apresentavam como uma narrativa imagética sobre as dificuldades e mesmo impossibilidade para uma mulher expressar a afetividade e a sexualidade.

Adelina era uma moça pobre, obediente, apegada e submissa à mãe. Com dezoito anos de idade, se apaixonou por um homem que não foi aceito pela mãe.

Assim, Adelina teve que terminar o relacionamento. Adelina foi se tornando cada vez mais retraída e, no dia 17 de março de 1937, estrangulou a gata da casa e foi internada no hospital psiquiátrico. Nove anos após a internação, Adelina começou a pintar. Suas primeiras pinturas representam gatos¹⁰⁰ (Silveira, 2022a, p. 183, figuras 6-7). Intercalando a série de gatos, surgiram pinturas de flores. Adelina fez uma pintura abstrata e, ao entregar a folha de papel para a monitora, disse: “Eu queria ser flor¹⁰¹” (p. 178, figura 1).

Nise da Silveira faz uma relação entre as vivências de Adelina e o mito da ninfa Dafne. Adelina e Dafne se afastam da relação com um homem para ficar junto à mãe, sendo metamorfoseada em vegetal. Dafne vira um loureiro e Adelina uma flor¹⁰² (Silveira, 2022a, p. 179-180, figuras 2-5).



100 Nas edições anteriores, essas imagens são abordadas nas seguintes referências: primeira edição (Silveira, 1981, p. 212, figuras 6-7); segunda edição (Silveira, 2015, p. 223-224, figuras 6-7).

101 Nas edições anteriores, essa imagem é abordada nas seguintes referências: primeira edição (Silveira, 1981, p. 207, figura 1); segunda edição (Silveira, 2015, p. 218-219, figura 1).

102 Nas edições anteriores, essas imagens são abordadas nas seguintes referências: primeira edição (Silveira, 1981, p. 207-209, figuras 2-5); segunda edição (Silveira, 2015, p. 220-221, figuras 2-5).

Por diversas vezes, a teoria de Jung foi criticada, pois suprimiria o indivíduo, dada a ênfase nos temas coletivos. Geralmente, surge a dúvida de como se debruçar sobre os temas arquetípicos sem cair em ideias universalizantes, que entrariam em contradição patente com o campo da clínica. Nesse sentido, duas perguntas são necessárias: Qual a relação entre as vivências pessoais e temas arquetípicos? E, se os mitos são coletivos, qual é a importância das vivências pessoais?

Para contornar essas dificuldades, devemos dar especial atenção às situações que possibilitam a constelação de temas míticos e, mais ainda, ao método da amplificação. De acordo com Jung (2011e), existem dois sistemas de percepção. O primeiro, por meio dos sentidos (visão, audição, tato, olfato e paladar). O segundo, por meio das imagens do inconsciente. Em determinadas situações emocionais que não são compreensíveis de maneira imediata, ocorrem dois impulsos: para a ação e para a produção de imagens (Jung, 2011b; Silveira, 2024).

Nesse sentido, Jung (2011b) elabora a metáfora do espectro de luz para falar sobre a relação entre instinto e arquétipo e, de maneira correlata, sobre os impulsos para a ação e para a criação de imagens. O espectro de luz vai do infravermelho ao ultravioleta e serve de paralelo para a relação entre o dinamismo do instinto (infravermelho) e a imagem arquetípica (ultravioleta). Assim, em determinada situação emocional, o psiquismo é mobilizado a agir e a criar imagens. Baseado na teoria de William James (2013), as emoções são consideradas por Jung (2011y) como fenômenos que se apresentam no corpo – tremor, sudorese, dilatação da pupila, aceleração do batimento cardíaco, excitação psicomotora etc. – e que indicam o dinamismo do instinto. Tais manifestações emocionais são facilmente reconhecidas, mas os seus sentidos não necessariamente são apreendidos. Para tanto, as imagens que surgem devem ser levadas em consideração, pois apontam para ideias carregadas de emoção:

O violeta é composto pelo azul e pelo vermelho, embora, no espectro, ele apareça como uma cor autônoma. Entretanto, não se trata meramente de consideração edificante, quando nos vemos compelidos a ressaltar que o arquétipo é caracterizado mais adequadamente pelo violeta, pois não é apenas uma imagem autônoma, mas também um dinamismo que se reflete na numinosidade e no poder fascinador da imagem arquetípica (Jung, 2011b, § 414).

A imagem arquetípica possui um valor afetivo, exercendo fascínio que, de maneira individual, pode provocar dissociação ou organização psíquica (Jung, 2011b). Em casos de psicose, por exemplo, a mesma imagem pode estar presente no momento da dissociação e como conteúdo simbólico no processo de organização psicológica (Melo, 2009a). No caso de Adelina, a situação emocional não compreendida é o motivo pelo qual tem que romper com o homem que ama, evidenciando que os vínculos maternos são preponderantes. Dessa maneira, a sexualidade não encontra um canal de expressão (a gata é estrangulada) e a feminilidade não encontra lugar no mundo (*eu queria ser flor*). O corpo de Adelina fica imobilizado. Ela passa horas parada, fixa no corredor do hospital. Mas, assim que tem oportunidade de se expressar, as imagens do inconsciente, carregadas de afeto, sintetizam o drama vivenciado. Nesse sentido, temos três temas que se entrelaçam: a mulher metamorfoseada em flor, os desdobramentos da imagem materna e os movimentos de separação e aproximação entre os aspectos masculino e feminino. A mãe terrível se apresenta de maneira concomitante à mulher-flor e à ausência do princípio masculino. À medida que a mãe ganha contornos benévolos, o ser feminino recupera os contornos humanos e se aproxima da figura masculina. Esse processo, como sabemos, não é linear.

Ao estabelecermos paralelos mitológicos que giram ao redor de um tema, não podemos perder de vista as situações do cotidiano biográfico e clínico, notadamente as situações emocionais. Creio que, ao se fazer esse tipo de vinculação, a abordagem passa a ser compreendida e ganha em valor heurístico, garantindo o respeito pela singularidade e especificidade de cada tratamento.

Adelina narra a sua história por meio das imagens do inconsciente; história com tonalidades míticas. Atenta aos dinamismos da psique, Nise da Silveira auxilia a moça que queria ser flor em sua reconstrução ontológica. O símbolo aponta-nos ao mesmo tempo para uma significação fechada, única (signo), e para uma polivalência de sentidos (símbolo propriamente dito). A narração de histórias de vida que são engravidadas pelo tempo mítico e, em seguida, articulam vivências emocionais e imagens arquetípicas, são fascinantes e nos coloca em um enfoque que se afasta da patografia e aproxima-nos da proposta de uma ciência romântica (Sacks, 1995, 1997, 1998). Com esse ato narrativo, prezamos pela singularidade de cada tratamento, pois, se os símbolos fazem parte de material que diz respeito à humanidade, a forma como cada um revela as imagens do inconsciente é específica e não pode ser repetida por ninguém:

Se desejamos saber a respeito de um homem, perguntamos “qual é sua história – sua história real, mais íntima?”, pois cada um de nós é uma biografia, uma história. Cada um de nós é uma narrativa singular que, de um modo contínuo, inconsciente, é construída por nós, por meio de nós e em nós – por meio de nossas percepções, sentimentos, pensamentos, ações e, não menos importante, por nosso discurso, nossas narrativas faladas. Biologicamente, fisiologicamente, não somos muito diferentes uns dos outros; historicamente, como narrativas, cada um de nós é único (Sacks, 1997, p. 129).

Nise da Silveira costumava espalhar as imagens do inconsciente pelo chão e, de joelhos, observava atentamente os fugidios desdobramentos configurados por pessoas tão sofridas. A história que se apresenta nas produções plásticas do *Museu* com certeza poderia ser escrita de outra maneira, porém, corre o risco de se criar uma ficção “científica”. Um depoimento pertinente, nesse sentido, é o de Edu Lobo, autor das canções da trilogia de Leon Hirszman, *Imagens do Inconsciente*: o músico diz que, por vezes, apreendia a narrativa do filme como uma obra ficcional e, segundos depois, lembrava-se de que as pessoas realmente existiram (Salem, 1997). O que faz com que a história narrada não se perca em um simples devaneio é o fato de Nise ter dado continente para as produções imaginárias de seus clientes e ter acompanhado o fio condutor das narrativas pelo viés da emoção.

3.5. O AFETO CATALISADOR

“O destruir e o construir são iguais em importância; e ambos exigem almas. Mas construir agrada mais ao meu espírito”.

Paul Valéry

Durante o II Congresso Internacional de Psiquiatria realizado em Zurique, Suíça, em 1957, Jung recebeu as autoridades médicas de todo o mundo em uma recepção em sua casa. Quando conversava com Nise da Silveira, disse que as pinturas do Museu de Imagens do Inconsciente lhe causavam estranheza pelo fato de serem diferentes das expostas pelos demais hospitais. Jung refletiu sobre essa impressão causada pelas imagens de Fernando Diniz, Carlos Pertuis, Adelina Gomes, Raphael Domingues, Octávio Ignácio. Nise, logicamente, queria saber a opinião de Jung sobre a diferença observada. Jung afirmou que as pinturas de Engenho de Dentro apresentavam, em primeiro plano, algumas configurações típicas de alterações psíquicas, porém o fundo das pinturas mostrava uma harmonia que o perturbava. O médico suíço perguntou, então, como era o ambiente dos ateliês. Nise respondeu que procurava criar um ambiente acolhedor, sem coibições e no qual os indivíduos pudessem se expressar livremente, por meio dos diversos tipos de materiais de trabalho. Jung atentou para um detalhe ainda mais importante: os frequentadores pintavam acolhidos por pessoas que não tinham medo do inconsciente. Anos mais tarde, Nise se referiu a essas observações de Jung com a seguinte exclamação: “Desgraçado de olho que atravessa o Atlântico!” (Silveira, 1993b, p. 18).

Geralmente, o ambiente dos hospitais psiquiátricos está sob a égide da morte: locais afastados da cidade, com cercas por todos os lados, muros e grades separando os locais de circulação dos funcionários e o depósito dos loucos, separação de homens e mulheres, catadores de guimba, pessoas nuas ou uniformizadas, corpos estendidos no chão, pessoas com impregnação medicamentosa – quando não com discinesia tardia ou síndrome extrapiramidal, enfim, *a miséria do hospital* (Freire, 1989). A frieza é a principal característica dessas “instituições de saúde”. Contrastando com o ambiente hospitalar que Nise da Silveira enfrentava diariamente, em 1911, Jung (2011gg) escreve um texto revelador sobre as condições de tratamento:

Todas as condições que deixariam uma pessoa normal desesperada provocam no doente um efeito igualmente devastador. Tendo isso em mente, a moderna psiquiatria tenta evitar o caráter de prisão e dar à clínica a aparência de uma casa de saúde. As enfermarias são arrumadas o mais possível como uma casa, os médicos evitam a coerção e se assegura a maior liberdade possível aos pacientes. Flores e cortinas exercem uma influência agradável não apenas sobre as pessoas normais, mas também sobre os doentes. Na verdade, hoje quase não se vê mais a triste imagem dos doentes mentais sujos, sentados em fila ao longo das paredes de um hospício (§ 472).

Além do ambiente agradável, a Casa das Palmeiras possui dois grandes diferenciais: trata-se de uma clínica com as portas abertas e com o tratamento pautado nas relações afetivas. O afeto é tão importante no tratamento preconizado por Nise da Silveira, que ela chegou a cunhar o termo *afeto catalisador* para denominar o monitor que desempenha uma função positiva em relação a um determinado cliente: “Dificilmente qualquer tratamento será eficaz se o doente não tiver ao seu lado alguém que represente um ponto de apoio sobre o qual ele faça investimento afetivo¹⁰³” (Silveira, 2022a, p. 64). Essas ideias estavam presentes desde o início do trabalho da Seção de Terapêutica Ocupacional. Pierre Le Gallais (1956) afirma que as concepções do trabalho de Nise se assentam na “possibilidade de recuperação dos doentes, baseada no estabelecimento de contatos socioafetivos e por intermédio das atividades manuais” (p. 341). Nise chama a atenção para o fato de que uma mesma pessoa pode servir de catalisador para uns e de inibidor para outros. As relações estabelecidas no ambiente da *Casa* são pautadas pela diversidade, sem coibições e Nise surpreende ao afirmar que a relação deve, se possível, se estender para a amizade.

Certa vez, convidei Heitor Resende, antigo professor da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), para visitar a Casa das Palmeiras. Enquanto apresentava os vários setores de atividades, falando sobre o funcionamento cotidiano e as ideias subjacentes, notei que Heitor Resende se dirigia sempre aos quatro cantos dos cômodos da casa, sem esboçar nenhuma reação. Ao final da conversa, quando falávamos sobre a atividade de ioga que estava acontecendo e já nos dirigíamos para a saída, perguntei ao professor qual era seu interesse pelos cantinhos. Ele respondeu, para

103 Nas edições anteriores, essas imagens são abordadas nas seguintes referências: primeira edição (Silveira, 1981, p. 69); segunda edição (Silveira, 2015, p. 76).

minha surpresa, que estava procurando algum tipo de material de contenção e ficou muito feliz e impressionado pelo fato de a *Casa* funcionar em total liberdade e com a porta invariavelmente aberta. Disse que nunca havia visto uma clínica com um ambiente tão agradável.

Na Casa das Palmeiras, o terapeuta possui duas funções: permanecer atento às produções dos clientes nas diversas atividades, relacionando o material simbólico daí advindo com os dados biográficos; e ficar igualmente atento às pontes que o cliente lança para a sociedade e, quando pertinente, incentivá-lo na expansão de seu campo de ação.

Duas cenas ocorridas com Emygdio de Barros no Museu de Imagens do Inconsciente são reveladoras da relação terapêutica que se pretende: o monitor de encadernação, Hernani Loback, trazia das enfermarias para as atividades os clientes que possuíam indicação médica para frequentar os ateliês. Certa vez, trouxe uma pessoa que não possuía receita. Hernani explicou que toda vez que se dirigia para buscar as pessoas nas enfermarias notava no *canto dos olhos* o desejo de Emygdio em lhe acompanhar (Silveira, 2022a); de outra feita, perto das comemorações de Natal, Emygdio disse que gostaria de ganhar um guarda-chuva de presente. Nise viu esse interesse supérfluo dentro de um hospital psiquiátrico como uma ponte lançada para fora da instituição. Emygdio saiu do hospital e passou a morar com familiares (Silveira, 2024).

Nise da Silveira relata várias relações nas quais o monitor ou animais funcionam como uma espécie de catalisador: fala da relação de Raphael com Almir Mavignier e com Martha Pires Ferreira; da relação de Carlos com os cães Sertanejo e Sultão; de Djanira com a gata Cravina etc. Foi na produção de Fernando Diniz, contudo, que a função do monitor se tornou mais evidente: Nise folheava as pinturas de Fernando com ele ao seu lado e ao chegar à última pintura da série da casa, Fernando disse que naquele dia, um ácido havia caído em sua vida. Ao buscar entender o motivo de tal angústia, Nise soube por Fernando que no dia em que fez a imagem – e por muito tempo depois –, Dona Elza, monitora do ateliê de pintura, não lhe fez companhia. A vivência temporal está calcada na afetividade, dado que *muito tempo* correspondia ao período de férias da monitora. Nise fez, então, a experiência de colocar outra monitora com a função específica de acompanhar Fernando Diniz por meio de uma atitude silenciosa, simplesmente observando-o pintar. Depois da série da casa, Fernando mergulhou em um mundo caótico e só conseguiu se expressar por meio de garatujas. Um mês depois da entrada da nova monitora, Fernando novamente cria

formas nítidas: cerejas dentro de uma cartola¹⁰⁴ (Silveira, 2022a, p. 67, figura 25). Um fato ainda mais surpreendente: alguns dias depois, Fernando fez uma garatuja e, no ângulo superior esquerdo, o penteado de uma japonesa. Fernando inicia uma série com temas ligados ao Japão¹⁰⁵ (p. 67-69, figuras 26-30):

Toda a série da japonesa caracteriza-se pela delicadeza do desenho e leveza das cores, em contraste com a maneira habitual de Fernando pintar – pinceladas espessas e cores fortes. Esta temática parecia estranha. Mas logo se esclareceu quando Fernando disse à monitora que ela parecia uma japonesa. E, de fato, olhos levemente rasgados, Aparecida tem distantes semelhanças com o tipo japonês, logo apreendidas por Fernando. Distantes, mas suficientes para ajudá-lo a transpor ao outro lado do mundo, o Japão, a inacessível mulher amada que estava tão perto¹⁰⁶ (Silveira, 2022a, p. 68).

Na Casa das Palmeiras, a afetividade que catalisa as forças autocurativas da psique se faz presente todos os dias. Diversos exemplos podem ser dados: com grandes dificuldades em falar, Renato começou a se expressar com mais nitidez a partir do momento em que Beau, o cachorro criado na *Casa*, começou a se deitar perto dele e bater com o rabo em suas pernas a cada vez que Renato era solicitado a falar. Aos poucos, Renato expandiu as suas relações.

Durante os dez anos em que colaborei com o trabalho da Casa das Palmeiras, tive a oportunidade de acompanhar de perto vários clientes, dentre eles João. Quando começou a frequentar a *Casa*, esse jovem vivenciava várias alterações: sentia dores, caso alguém encostasse; quando falavam perto, era como se estivesse gritando ao seu ouvido; tinha a sensação de que aranhas passeavam pelo estômago; mostrava-se ambivalente nas mínimas situações, se devia sentar ou ficar em pé, se entrava ou ficava parado na porta, se andava de um lado da rua ou de outro. Todas essas situações criavam enormes dificuldades de relacionamento.

104 Nas edições anteriores, essa imagem é abordada nas seguintes referências: primeira edição (Silveira, 1981, p. 71, figura 23); segunda edição (Silveira, 2015, p. 79, figura 25).

105 Nas edições anteriores, essa imagem é abordada nas seguintes referências: primeira edição (Silveira, 1981, p. 72-74, figuras 24-28); segunda edição (Silveira, 2015, p. 79-81, figuras 26-30).

106 Nas edições anteriores, essa citação possui as seguintes referências: primeira edição (Silveira, 1981, p. 72); segunda edição (Silveira, 2015, p. 80-81).

No início, João se mostrava arredio, não queria muita conversa. Aos poucos, passou a me procurar pela *Casa* para fazermos alguma atividade juntos. Certa vez, ele ficou extremamente assustado ao ver sua mãe sentada na sala da *Casa*, esperando para uma entrevista. Ele dizia, visivelmente emocionado, que hoje “estava um perigo enorme na *Casa*”. A sensação que se tinha é de que ele poderia ser engolido, engolfado pela mãe. A fim de evitar o perigo, demos algumas voltas no quarteirão até o momento em que sua mãe foi embora. Mais tarde, no setor de modelagem, perguntei-lhe se queria ouvir uma história; disse-me que sim. Contei-lhe uma dessas histórias onde o herói enfrenta e mata o dragão que guarda o tesouro ou a princesa raptada. Sua reação foi a seguinte: pegou um pedaço de barro e amassou bastante, dizendo que estava fazendo um dragão; depois, com uma espátula começou a matar o dragão; sua atitude estava carregada de emoção, pois fez como se estivesse apunhalando o dragão dezenas de vezes e gritava que era difícil matá-lo, até que o dragão caiu e, finalmente, depois de longa luta, morreu. Aliviado, o rapaz levantou-se e disse que o dragão era o Mal que sempre está rodeando e nunca morre por inteiro.

Em outro dia, contei-lhe a história de Jonas, que recebera de Deus a incumbência de pregar a palavra divina para o povo da cidade de Nínive. Amedrontado com a tarefa que teria que desempenhar, Jonas resolveu desviar a rota de sua embarcação. Alguns dias depois, começou uma tempestade, ameaçando toda a tripulação de naufragar. Os marinheiros atribuíram a tormenta ao fato de Jonas ter desobedecido a Deus e decidiram jogá-lo ao mar. Logo após ser lançado, Jonas foi engolido por uma baleia, que o vomitou em uma praia, perto da cidade de Nínive. Assim, Jonas pôde pregar ao povo daquela cidade. Ao final da história, resolvemos dramatizá-la. Usamos duas almofadas para representar a boca da baleia e, quando elas foram passadas sobre a cabeça do rapaz, ele caiu no chão, dizendo estar tudo escuro dentro da barriga da baleia. Em seguida, acendeu uma fogueira e vislumbrou uma saída: teria de ir rolando para a esquerda. Como estava difícil sair, necessitou da ajuda de Elias, personagem que acrescentou ao mito. Representou Elias puxando Jonas para fora da barriga da baleia. Dessa maneira, Jonas finalmente saiu do ventre, ajoelhou-se aos pés de Elias e agradeceu. Quando saímos da sala, o rapaz desceu as escadas da *Casa* contando com grande alegria que tinha saído da barriga da baleia¹⁰⁷.

107 Esse atendimento baseia-se em um outro realizado por Nise da Silveira com Fernando Diniz, que pode ser lido no livro *Imagens do Inconsciente*: primeira edição (Silveira, 1981, p. 177-191); segunda edição (Silveira, 2015, p. 188-203); terceira edição (Silveira, 2022a, p. 153-165).

A partir dessa dramatização individual, João passou a me convidar para ir ao teatro. Primeiro, assistimos uma peça sobre a vida de Anita Garibaldi. Quando Anita é capturada por um navio inimigo, João, num impulso, me chama para salvarmos a heroína. Por pouco, a peça sobre Anita Garibaldi não ganha, naquela noite, dois novos personagens que, lutando contra o Mal, salvariam a mocinha em perigo. Dado o interesse de João em quebrar com a divisão entre palco e plateia, pedi que ele procurasse uma peça na qual os atores circulassem entre os espectadores. Ele descobre uma encenação de Hamlet transposta para o universo feminino. Dirigimo-nos, então, para um pequeno teatro. A interação da atriz com o público era intensa. Em meio ao texto de Shakespeare, a personagem (Telmah) esculpia. Em determinado momento, ela começa a lançar pedaços barro na plateia. Foi um alvoroço. As pessoas se protegiam, mas o ataque era inevitável. De repente, João foi atingido por um pedaço de barro. Em um misto de raiva e alegria, ele responde xingando. A cena ficou completa. Telmah saiu do palco e começou a andar pelas cadeiras, arremessando barro na direção de João. Ele respondia. Até que ela chega na cadeira na qual ele estava, ele encolhido, esperando o golpe fatal. Ela com os pés apoiados nos braços da cadeira, pronta para arremessar o último pedaço da artilharia. Eis que, ele se vira para mim e com um sorriso no rosto diz: *agora estou gostando*. O teatro veio abaixo. Ao final do espetáculo, um rapaz que estava na plateia foi parabenizar João, pois nunca tinha visto ninguém se divertir tanto no teatro.

Nesse percurso, as imagens do princípio feminino foram dinamizadas e se transformaram: perigo enorme, dragão e princesa, baleia, heroína que precisa ser salva, Telmah agressiva e Telmah desejada. Passado algum tempo, João decidiu morar com o pai no interior de São Paulo. Nessa cidade, começou a participar de um grupo de teatro amador, chegando a atuar em diversas peças, inclusive *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, fazendo um coveiro. Quanto às alterações experienciadas por João? Desapareceram gradativamente. O afeto catalisou as forças autocurativas da psique.

3.6. O GATO E OUTROS BICHOS

“Os seres humanos estão sempre se matando por causa da palavra, no passo que, se tivessem compreendido o que elas queriam dizer, ter-se-iam abraçado uns aos outros”.

Anatole France

Muitas vezes, a interação de Nise da Silveira com o Outro era tensa, apesar de geralmente ela se apresentar de maneira bastante afetuosa. Com os animais – esse Outro privilegiado –, a afetividade se intensificava. Nise sempre conviveu com animais, amando-os acima de tudo, principalmente os gatos. Mas, outros bichos também se faziam presentes. Em seu apartamento, viviam com ela um gato, uma cadela e uma tartaruga. Em seu apartamento-biblioteca, vários gatos: Mestre Onça, Menininha do Gantois, Carlinhos... Certa vez, disse que, se pudesse, teria um elefante em casa. Na infância, dois cães: Top e Jiqui. Nise admitia, com muita naturalidade, que os animais são capazes de pensar e sentir. Essa ideia, no entanto, não é óbvia para todos. Podemos dizer, sem exageros, que a ideia contrária moldou o pensamento ocidental moderno.

Na juventude, leu *Discurso do Método*, de René Descartes e ficou revoltada com a diferenciação entre o ser humano e o animal. A diferença fundamental estaria na fala, prova da existência dos pensamentos. Sem dúvida, para o filósofo, humanos e animais constituem-se como máquinas, uma dotada de razão (homem) e outra, não (animal): “Não só os animais possuem menor dose de razão do que os homens, mas ainda de que não possuem absolutamente nenhuma” (Descartes, 1972, p. 71). Descartes diz que a natureza, representada pelo animal, não fala. Eu diria que seu método o impede de escutá-la.

O desacordo com Descartes permaneceu por toda a vida. Desde cedo, ela se interessava pela relação e mesmo interconexão entre corpo e psique. A ciência de seu tempo, no entanto, estava baseada no mecanicismo postulado por aquele ao qual denominou “figura sinistra¹⁰⁸” (Silveira, 2020, p.47). Quando empreendeu o movimento contra a farra do boi, disse que esse menosprezo, essa *bárbara crueldade*

108 Na primeira edição, essa citação possui a seguinte referência: (Silveira, 1995, p. 50).

(Silveira, 1991) em relação ao animal possuía como grande aliada a filosofia de Descartes, que cindiu pensamento e matéria. Em seu entusiasmo pelo assunto, chamou o filósofo de *inimigo a ser combatido*.

Uma pessoa recém-chegada no Grupo de Estudos C.G. Jung não conseguia entender quais os motivos para combater a farra do boi e nem a relação com o mecanicismo. Se argumentos filosóficos não eram suficientes para dar a proporção de como a farra do boi a atingia, passou para os motivos pessoais: disse que a identificação com o sofrimento do boi foi tão imediata que, mesmo se considerando carnívora, abandonou por completo a alimentação de carne vermelha. O participante indagou como uma pessoa podia se identificar tanto com um animal. Nise, de maneira drástica, porém bastante divertida, respondeu-lhe: *porque sou uma vaca*.

Nise da Silveira divergia das concepções de Descartes por conta da separação entre aspectos que lhe pareciam unidos de maneira inextricável. Em seu ponto de vista, o mundo afigurava-se como uma unidade entre todas as coisas. A interrelação a fascinava. Nesse sentido, a filosofia de Spinoza serviu-lhe de apoio e a encantava (Silveira, 2020). Acompanhou as ideias de diferenciação do modo humano e concluiu que, para Spinoza, todas as formas da natureza possuem alma e tudo seria dotado de substância divina: ser humano, animais, plantas, minerais e mesmo um punhado de areia. A visão unitária do mundo apresentava-se de maneira evidente.

Contudo, esse pensamento unitário sofreu uma fissura: mesmo considerando o animal como um ser dotado de consciência e de sentimentos, para assombro de Nise, Spinoza admite que não há fundamento em proibir a imolação de animais. A partir da virtude ou do poder, os seres vivos possuiriam direitos uns sobre os outros. Sendo assim, o ser humano teria o direito natural de exercer o poder sobre os animais. A *sã Razão* deveria guiar esse tipo de pensamento e não as superstições ou os sentimentalismos, tipicamente femininos. Independentemente de sua admiração pelo filósofo holandês, ao qual chamava de mestre, não podia admitir tal posicionamento frente ao animal. Seu amor pelos animais não tinha nada de supersticioso e nem provinha de alguma espécie de sentimentalismo. Trata-se do sentido unitário do mundo. Dessa maneira, afirma que a razão não pode servir de pretexto para a dominação sobre a natureza, em Descartes ou mesmo em Spinoza: “Na solitária grande montanha de cristal que é a sua filosofia (...) pensei vislumbrar a unidade de todas as coisas. E de repente, percebo, desolada, fissuras negras na brancura do cristal¹⁰⁹” (p. 57).

109 Na primeira edição, essa citação possui a seguinte referência: (Silveira, 1995, p. 41-42).

Para enunciar outro tipo de posicionamento em relação ao animal, Nise gostava de contar duas histórias de Jung. A primeira, diz respeito a um atendimento psicológico efetuado por Jung, no qual uma moça lhe contava um sonho em que aparecia um elefante. A sonhadora associou o animal ao terapeuta. O médico respondeu que se tratava de um engano, pois o elefante era um deus. A segunda, narra um dia de descanso de Jung em sua casa de campo. Ele estava sentado quieto e, de repente, um passarinho pousou na sua cabeça e arrancou-lhe um fio de cabelo para servir de material de construção de seu ninho. Jung permaneceu quieto e novamente veio o passarinho arrancar-lhe mais um fio. Uma pessoa que estava próxima indagou-lhe se não ficava incomodado com o pássaro arrancando-lhe os fios de cabelo. Jung respondeu que ficava muito honrado.

Para Nise da Silveira, o animal era sagrado. Certa vez, tive a oportunidade de presenciar um encontro entre Nise e sua querida amiga Lia Cavalcanti, a quem chamava de “a mais dedicada e corajosa defensora de animais em todos os tempos, no Brasil” (Silveira, 1998, p. 9). Estávamos sentados em volta da mesa da sala da casa de Nise, tomando o famoso chá do final da tarde, quando aparece o gato Léo, um lindo gato bastante peludo. Nesse momento, as duas mulheres falavam de seus gostos: Nise dizia preferir os animais e Lia, as crianças. Nise fez carinho no gato e disse que se tratava de um deus. Com muito jeito e de maneira tranquila, Lia retrucou. Disse que se tratava de um bom gato, mas que era apenas um gato. Ficaram nesse impasse: a médica afirmando a deidade do gato e a defensora dos animais descrente de estar diante de um deus.

Toda essa reverência em relação aos animais possibilitou a criação de histórias sobre ela que não condiziam com a realidade. Quando Nise esteve presa durante a ditadura Vargas, diziam que ela pedia para uma amiga levar-lhe gatos para poder abraçar. Esse tipo de atitude, no entanto, não fazia parte do repertório de Nise. Sua atitude podia ser de reverência, respeito, dedicação, compaixão, até mesmo cometendo exageros, porém, nunca se tratou de uma relação de mimos e pieguices (Bezerra, 1995).

Outras histórias, contudo, são verdadeiras e faziam parte do cotidiano de Nise. Várias pessoas ficavam indignadas com a prioridade que era dada aos gatos em sua biblioteca: Washington Loyello relata que foi até a casa de Nise uma vez e que não pôde sentar porque tinha um gato em cima da cadeira e Nise não permitiu que ele fosse tirado de seu lugar (Loyello, 2000). Além disso, Fauzi Arap disse que na última reunião que participou na casa de Nise, na qual gostaria de ter feito colocações sobre

a falta de comunicação entre a equipe técnica da *Casa*, não pôde fazê-lo, confirmando assim suas críticas, pelo fato de a gata Madre Superiora ter sentado em cima de sua pasta de anotações, fazendo com que a reunião não tivesse início: “Para mim, a palavra equivaleria a tomar a providência de tirar a gata de cima da pasta. Uma simples questão de bom senso. Mas a gata ganhou a parada” (Arap, 1998, p. 184-185).

Em textos de Teilhard de Chardin, Nise aprendeu que o gato percebia a personalidade das pessoas. Para cada um que chegasse em sua casa ou na biblioteca, observava a maneira como os gatos se comportariam diante de cada um. O *teste de Teilhard* levava em consideração as *qualidades metafísicas do gato*. O próprio Fauzi havia passado no teste quando, na primeira vez em que esteve com Nise, um gato pulou imediatamente em seu colo. Outras pessoas, no entanto, foram drasticamente reprovadas. Certa vez, em sua biblioteca, aconteceu uma reunião de condomínio. No meio da reunião, um gato que nunca havia agredido ninguém, cravou as unhas na perna do administrador. Mais tarde, ficaria provada a sua desonestidade. Diante desses acontecimentos, Nise se pergunta: “Terá o gato faro especial para detectar características em outras espécies de seres?” (Silveira, 1998, p. 55).

A casa de Nise da Silveira e Mário Magalhães, seu marido, era frequentada pelos grandes nomes do sanitarismo, das artes e do estudo da psicologia analítica. Quando o fluxo de pessoas era intenso, Nise dizia que a rodoviária estava cheia. As pessoas não tinham hora para chegar e a qualquer momento podia ser servido um prato de comida para o hóspede ou mesmo para o visitante de passagem. Durante um jantar de confraternização, um gato subiu na mesa. Percebendo a apreensão dos convidados, Nise recitou o poema *Oda al Gato*, de Pablo Neruda: “Cuando pasas / y posas / cuatro pies delicados / en el suelo, / oliendo, / desconfiado / de todo terrestre, / porque todo / es inmundo / para el inmaculado pie del gato¹¹⁰”.

Essa simplicidade demonstrada frente ao gato não acontecia apenas em dias de grandes festas. Pelo contrário, era seu pão diário, sua característica mais forte. Os gatos podiam circular livremente entre a comida, mas também entre os livros. Diversas vezes, os livros recebiam fortes esguichos de urina. Nise dizia que os gatos urinavam nos autores de que mais gostavam. Em retribuição aos ensinamentos de Nise, por diversas vezes coloquei em ordem seus livros e, assim, pude perceber que os gatos preferiam o poeta Arthur Rimbaud. Quando mostrei o livro de Rimbaud a Nise, ela, de maneira muito divertida, se pôs a imaginar os gatos recitando o seguinte

110 A poesia encontra-se na seguinte referência: (Silveira, 1998, p. 18).

trecho da poesia L'Éternité: “Elle est retrouvée / Quoi? – L'Éternité / C'est la mer allée / Avec le soleil” (Rimbaud, 1965, p. 108.). Nise acrescentou que, de fato, os gatos gostam de poesia, pois, sempre que um deles ficava chateado com ela, o remédio era lhes recitar Charles Baudelaire: “Quando meus olhos, para esse gato que amo / Atraído como por um ímã / Voltam-se docilmente / É que eu olho a mim mesmo¹¹¹”.

Um dos pontos mais importantes do trabalho de Nise da Silveira diz respeito aos animais coterapeutas. A ideia surgiu quando Pierre Le Gallais, ao capinar um terreno do hospital para fazer uma quadra de esportes, encontrou uma pequena cadela à qual deram o nome de Caralâmpia. Um dos internos do Centro Psiquiátrico se interessou e começou a cuidar dela. Na relação afetiva, muitas vezes, o animal torna-se um ponto de referência mais constante que o terapeuta humano. Cães e gatos foram adotados nas oficinas terapêuticas do Engenho de Dentro, cada qual com suas características: o cão oferece afeto de maneira incondicional e o gato se esquivando (Silveira, 2022a).

Os cães foram os principais terapeutas de Carlos Pertuis, cabendo aos membros da equipe a simples tarefa de auxiliar. Primeiramente, Carlos se relacionava com Sultão, que era cuidado de maneira cotidiana, sendo banhado, penteado e alimentado. Sultão, no entanto, morreu envenenado no dia 16 de setembro de 1961 e Carlos ficou ainda mais inacessível ao contato humano. Essa atitude contrária à permanência dos coterapeutas animais no hospital tinha sempre a questão da limpeza como argumento. Nesse sentido, várias atitudes agressivas em relação ao animal feriam a sensibilidade de Nise, dos monitores – principalmente de Maria de Nazareth Rocha e Dalva de Araújo – e, acima de tudo, das pessoas que se encontravam em tratamento. Nise da Silveira sempre enfatizou os inúmeros benefícios trazidos pelo contato com o animal e não aceitava o argumento de limpeza como justificativa para atos que considerava de pura crueldade. Nise encontrou um pouco de alento em apoios vindos do exterior: S. Carson, professor da Universidade de Ohio/EUA, enviou dados de sua pesquisa sobre a participação de cães em tratamento de esquizofrênicos; Boris Levinson, psicanalista americano, ao saber dos atentados contra os animais no Engenho

111 A poesia encontra-se na seguinte referência: (Silveira, 1998, p. 17). Além disso, no livro *O Mundo das Imagens* a poesia é citada em francês na primeira edição (Silveira, 1992a, p. 118) e, em francês e em português, na segunda edição (Silveira, 2024, p. 141).

de Dentro, disse que “sem dúvida, para muitos desses doentes os animais eram sua única linha de vida para a saúde mental¹¹²” (Silveira, 1998, p. 53).

Dois anos após a morte de Sultão, ocorreu nova aproximação de Carlos e um cão, chamado Sertanejo. Certa vez, quando Nise da Silveira chegou para trabalhar, Carlos falou que precisava de dinheiro para comprar material na farmácia: água oxigenada, mercúrio cromo e gaze. Ao contrário de seu discurso habitual, a frase de Carlos comunicava de maneira direta o que precisava. O material serviria para tratar de Sertanejo, que estava com a pata machucada. Nise lhe deu o dinheiro e, depois das compras, Carlos trouxe o troco e fez o curativo:

Desde que existia polarização intensa de afeto dirigida pelo desejo de socorrer o amigo, tornava-se possível retomar a linguagem verbal ordinária nem que fosse por momentos. Sob a ação do afeto, os laços frouxos do pensamento apertaram-se, permitindo comunicação com a exata pessoa que poderia ajudar¹¹³ (Silveira, 2022a, p. 77).

Nise amava os bichos e não perdia uma oportunidade de aprender com eles. Certa vez, nasceu um gato listrado ao qual deu o nome de Oncinha. Esse pequeno filhote foi crescendo e tomando corpo, passando a se chamar Onça. O gato, com jeito de felino do mato, sempre dormia perto da mesa de estudos, mostrando a respiração livre de qualquer dificuldade. A médica, ao contrário do gato, tinha que se esforçar muito para respirar. Para compensar, começou a fazer ioga, porém, não conseguia trazer o ar até o abdômen. Nise começou a observar o gato Onça em seu sono e decidiu acompanhar o ritmo de sua respiração. Finalmente, depois de longo esforço, conseguiu respirar mais livremente. A partir desse dia, o gato ganhou novo nome: Mestre Onça¹¹⁴.

Ao saberem que Nise adorava gatos, as pessoas a presenteavam com livros de fotografias, pequenas lembranças e estatuetas, todos presentes com a representação de gatos. O último livro que Nise escreveu foi sobre seus amados animais: *Gatos, a*

112 Essa citação encontra-se, também, no livro *O Mundo das Imagens*: primeira edição (Silveira, 1992a, p. 113); segunda edição (Silveira, 2024, p. 135-136).

113 Nas edições anteriores, essa citação possui as seguintes referências: primeira edição (Silveira, 1981, p. 85); segunda edição (Silveira, 2015, p. 91).

114 Sobre o nome dos gatos, ver a poesia de T.S. Eliot no livro *Gatos, a Emoção de Lidar*: (Silveira, 1998, p. 15).

emoção de lidar (Silveira, 1998). No “prefácio meio felino”, José Mindlin afirma que, “depois de tudo quanto Nise escreveu, fica parecendo uma travessura” (Mindlin, 1998, p. 13) e acrescenta se tratar de uma travessura admirável. Seu estudo sobre os gatos, porém, não está desvinculado de seu trabalho na psiquiatria. Aqui e ali, vemos surgir os gatos como coterapeutas, assim como gatos nas mais variadas culturas, um estudo básico para o acompanhamento das imagens do inconsciente.

Nise conta, por exemplo, o mito egípcio da deusa Bastet, que possuía corpo de mulher e cabeça de gato. As deusas leões do Egito – Sekhmet, Pekhet e Tefnut – metamorfoseavam-se em gata, a benévola deusa Bastet. O retorno ao aspecto leonino poderia acontecer a qualquer momento, pois a deusa com cabeça de gato possui em uma das mãos um instrumento musical e na outra uma cabeça de leão. A deusa Bastet é a representante das “mutabilidades emocionais do princípio feminino¹¹⁵” (Silveira, 1998, p. 23).

Essa mutabilidade emocional foi vivenciada por Eneida, uma das frequentadoras da Casa das Palmeiras. A moça ateou fogo no cômodo da *Casa* que funcionava como almoxarifado. Pulou pela janela e, de maneira sorrateira, entrou pela janela do cômodo ao lado, no qual se abrigou tranquilamente no sofá. Quando o fogo foi debelado, ao contrário do que aconteceria em grande parte das clínicas psiquiátricas, não foi utilizado nenhum método coercitivo. Nise se aproximou de Eneida e disse que ela estava parecendo a Sekhmet que se transforma na gata Bastet. Eneida ficou intrigada com as palavras e quis saber o que significavam. Nise, então, narrou o mito. Profundamente atingida pela história, Eneida pede para que Nise a conte de novo. Em seguida, a história foi contada para um grupo de frequentadores da *Casa*. Decidiram escrever e montar uma peça de teatro com o título *A Incendiária*¹¹⁶. Eneida atuou nos papéis de Bastet e de Sekhmet. De maneira esmerada, ela visitava o jardim zoológico para estudar os movimentos da leão, pois queria interpretar da melhor maneira possível: “Evidentemente, essa apresentação teatral tinha intenção terapêutica, que foi plenamente alcançada¹¹⁷” (Silveira, 1998, p. 25).

115 Essa citação encontra-se, também, no livro *O Mundo das Imagens*: primeira edição (Silveira, 1992a, p. 115); segunda edição (Silveira, 2024, p. 138).

116 Podemos ler acerca dessa atividade no livro *Casa das Palmeiras: a emoção de lidar*: (Silveira, 1986, p. 50-54).

117 Essa citação encontra-se, também, no livro *O Mundo das Imagens*: primeira edição (Silveira, 1992a, p. 116); segunda edição (Silveira, 2024, p. 139).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nise da Silveira era apaixonada por seu trabalho. Quando concedia uma entrevista, queria falar de suas ideias cunhadas no ambiente do Museu de Imagens do Inconsciente, da Casa das Palmeiras e do Grupo de Estudos C.G. Jung. Quando perguntavam sobre dados pessoais, como o nome de seus pais, a data de nascimento etc., dizia que se tratava de uma entrevista digna do Instituto Félix Pacheco. Podemos, contudo, colher seus dados biográficos apresentados de maneira esparsa ao longo de sua obra. O texto em que mais se expôs foi *Cartas a Spinoza*, no qual fala da casa de infância em Maceió, da Faculdade de Medicina da Bahia, de estudantes de psicologia a visitando em sua biblioteca no Rio de Janeiro, de seus bichos, de Antonin Artaud, do Museu de Imagens do Inconsciente etc. Uma lembrança diretamente ligada com sua decisão de escrever cartas ao filósofo holandês diz respeito a uma observação feita por seu pai, Faustino da Silveira. Nise estava de férias do Liceu Alagoano e guardava os livros que não seriam usados no ano seguinte; entre eles, os livros de geometria. Seu pai lhe disse que não seria possível abandonar livros que ensinavam a arte de pensar.

Nise adorava seu pai e ele procurava fazer todas as suas vontades, como comprar as roupas que quisesse. Sempre que podiam, andavam de braços dados. Faustino era casado com Maria Lídia. Os dois eram pessoas importantes no ambiente cultural de Maceió daqueles tempos. Maria Lídia era, segundo Nise, uma excepcional pianista. Pela sua casa passavam os principais artistas que se apresentavam na cidade. Faustino, por sua vez, era professor de matemática, tendo lecionado para várias pessoas que depois tiveram carreiras brilhantes em suas áreas: Uchôa Cavalcanti, Arthur Ramos, Aurélio Buarque de Holanda etc. Certa vez, folheando o diário de aula de seu pai, Nise ficou admirada com o nome de um aluno: José Caralâmpio. O rapaz assistia às aulas de matemática com Faustino e faria prova no dia seguinte. Nise pediu para o pai não reprovar um rapaz com nome tão bonito. Dias depois, Faustino chegou com o resultado das provas e contou que o menino não havia passado de ano e, pela primeira vez, chamou a filha pelo apelido de Caralâmpia.

Durante o curso de medicina em Salvador, Nise passou a viver com seu primo e colega de turma Mário Magalhães da Silveira. A família não aprovava a união dos dois pelo fato de serem primos e de não terem casado. Quando passaram a viver no Rio de Janeiro, em 1927, levaram o hábito nordestino de receber as pessoas em

casa (Moreira, 2001). Mário se tornou um dos principais sanitaristas do Brasil, tendo participado ativamente dos debates acerca da municipalização do sistema de saúde que foi implementado a partir de 1990, com a homologação da Lei 8.080/90 (Lei do SUS). Além disso, foi assessor direto de Celso Furtado e muito colaborou no trabalho da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e, no final da carreira, interessou-se pelo estudo da causa mortis (Escorel, 2000; Ferreira, 2000; Silveira, 2005). No dia 9 de setembro de 1986, por causa de um aneurisma de aorta abdominal, Mário faleceu. No mesmo ano, Nise levou um tombo e quebrou a perna.

A relação entre Mário e Nise se estendeu desde a infância em Maceió até a morte do sanitarista. Sempre se trataram com respeito, porém trabalharam em campos distintos. Do ponto de vista de Mário, ele estava interessado em questões sociais, de planejamento no campo da saúde, enquanto Nise pautava seu trabalho no estudo do mundo intrapsíquico. Essa diferença fazia com que Mário Magalhães se referisse aos estudos de Nise utilizando a seguinte metáfora: uma pessoa descalça com chapéu de plumas. O estilo de Nise, no entanto, deixou profundas raízes nos campos da saúde mental, artes, psicologia e educação. O entusiasmo pelas imagens do inconsciente estava aliado ao fato de não deixar de levar em consideração as prementes questões sociais e políticas.

Artistas como Rubens Corrêa, Ivan de Albuquerque, Domitila do Amaral, Cláudio Cavalcanti, Ivan Serpa, Almir Mavignier, Abraham Palatinick, Ferreira Gullar, Di Cavalcanti, Fauzi Arap, Martha Pires Ferreira, Leon Hirszman, Marcos Magalhães, Lula Wanderley foram companheiros de viagem de Nise da Silveira. Nise costumava contar um dia memorável no Museu de Imagens do Inconsciente, quando, a partir de pinturas de Carlos Pertuis sobre o tema de Dionisos, foi feita a leitura da peça *As Bacantes*, de Eurípedes. Era a primeira apresentação pública desse texto no Brasil. A leitura contou com a participação de Rubens Corrêa, Domitila do Amaral, funcionários e internos do hospital. Nesse dia, surgiram mais dois projetos: Nise sugeriu a Rubens Corrêa que encenasse Artaud e Leon Hirszman, que estava na plateia, se interessou tanto pelo trabalho de Nise que acabou dirigindo a trilogia *Imagens do Inconsciente*.

Antes de Leon empreender o mergulho no mundo das imagens, dirigiu o premiado *Eles Não Usam Black-tie*, que aborda importantes questões políticas. Frente ao fato de ter feito um filme político e, em seguida, outro com temas psicológicos, perguntaram o motivo dessa guinada. A resposta foi a seguinte: “E quando é que o cinema não é político? Desde o meu primeiro filme, procurei articular política,

sociedade e arte. Não acredito que estejam separadas (...). Política é minha vida, sempre foi, mas nunca no sentido menor, restritivo. A política por acaso é separada da psicologia?” (Salem, 1997, p. 289). Entre os anos de 1983 e 1986, Nise trabalhou no texto do filme *Imagens do Inconsciente*, que faz a síntese de seu trabalho: psicologia e política unidas no mesmo contexto cultural.

A aposentadoria compulsória de Nise da Silveira aconteceu no dia 10 de janeiro de 1975, mas ela não deixou de trabalhar. Na semana seguinte, compareceu ao hospital para se inscrever como estagiária voluntária. Seis dias antes da aposentadoria, Carlos Drummond de Andrade escreveu uma crônica no *Jornal do Brasil* lembrando que parte da vida laborativa da médica havia sido retirada pelo período que passou na prisão. Drummond pediu aos funcionários que refizessem os cálculos dos anos de serviço, “pois tudo isso conta, e muito, existencialmente” (Andrade, 2001, p. 76). Além disso, muitos temeram pelo destino das obras do *Museu*. Então, às vésperas da aposentadoria, em dezembro de 1974, foi criada a Sociedade de Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente. Drummond fez um alerta aos membros da nova entidade para se manterem de olhos abertos contra a indiferença burocrática: “Os museus não valem como depósitos de cultura ou experiências acumuladas, mas como instrumentos geradores de novas experiências e renovação de cultura. Só assim deve ser entendido o maravilhoso acervo de obras recolhidas no museu que é alma e vida de Nise” (p. 77). Como de hábito, o poeta se mantinha distante, mas sempre admirou o trabalho de Nise. Quando Mário Pedrosa organizou o livro sobre o *Museu*, Drummond o qualificou como *perturbador* e “cheio de luminosidade” (Drummond, 1980, p. 7).

O mais intenso encontro com um artista se deu com Graciliano Ramos. Conheceu-o na prisão e as lembranças foram registradas no livro *Memórias do Cárcere*. Apesar da cirurgia recente, Graciliano, vestido de pijama e tamancos, subiu até o vão da janela da Sala 4 e, agarrado aos ferros da grade, entrou em contato com Nise da Silveira:

Uma voz chegou-me, fraca, mas no primeiro instante não atinei com a pessoa que falava. Enxerquei o pátio, o vestíbulo, a escada já vista no dia anterior. No patamar, abaixo de meu observatório uma cortina de lona ocultava a Praça Vermelha. Junto, à direita, além de uma grade larga, distingui afinal uma senhora pálida e magra, de olhos fixos, arregalados. O rosto moço revelava fadiga, aos cabelos negros misturavam-se alguns fios grisalhos. Referiu-se a Maceió, apresentou-se: Nise da Silveira (Ramos, 1954, p. 28-29).

Raquel de Queiroz falou sobre a grandeza moral de Nise da Silveira para o amigo Graciliano Ramos. Na prisão, Nise e Graciliano passavam horas escolhendo o filme que assistiriam no cinema. A partir da sinopse, ela narrava o filme que não havia visto. Ao sair da prisão, Graciliano participou de um concurso de contos infantis com a história *A Terra dos Meninos Pelados* (Ramos, 1979), na qual a personagem principal, Princesa Caralâmpia, é inspirada no poder imaginativo de Nise: a médica que se afigurava ao literato como a pessoa mais simpática que conhecera. O livro de Graciliano trata, de maneira brilhante, sobre o sentimento de exclusão pelo fato de uma pessoa ter características diferentes.

Nesse sentido, podemos lembrar de Luíza que, quando soube da prisão de Nise, deu uma surra na enfermeira que denunciou sua amada doutora. Outra pessoa inesquecível foi José Basto, um dos primeiros clientes da Casa das Palmeiras, que era irmão de um psiquiatra que trabalhava no hospital do Engenho de Dentro. José estava em sua 13ª internação em uma clínica na Tijuca. Em um dia de visita, o irmão de José chegou acompanhado por Nise. Ao ver José deitado na cama, Nise disse-lhe para levantar-se e acompanhá-la. José foi a para a Casa das Palmeiras e nunca mais foi internado. Um outro rapaz, que estava em tratamento, levou um tapa no rosto quando almoçava em um restaurante perto de sua casa. O motivo alegado pelo agressor foi de que o rapaz era um estorvo para sua família. Ao saber sobre o que havia ocorrido, Nise convidou o rapaz para almoçar no mesmo local em que ele havia levado o tapa. Nise aceitava tranquilamente a designação de defensora que lhe fora atribuída e cumpriu à risca seu estatuto ético.

A obra de Nise da Silveira reverbera de maneira tão intensa entre os mais variados grupos sociais, que fica muito difícil avaliar o alcance de seu trabalho. Seu vigor ético aliado a uma incrível persistência, sem falar em seu tão profundo embasamento teórico, contribuíram para que mudássemos os modos de tratamento no campo da

saúde mental. Em meio aos diversos impasses e conquistas que ocorreram a partir dos debates suscitados pelo movimento de Reforma Psiquiátrica e a aprovação da Lei 10.216/01 (Lei Paulo Delgado), não podemos transformar a figura de Nise em um simples emblema dessas conquistas, pois a sua obra não está inscrita no passado da psiquiatria nacional. Seus enunciados ainda estão vivos. Podem e devem ser levados para as mais variadas instâncias teórico-prático-políticas de nossas instituições. As interferências e propagações do vasto trabalho de Nise da Silveira não terminou com a sua morte, no dia 30 de outubro de 1999.

Além da obra que desenvolveu e que lembramos nessas páginas, forneceu um rico material para questões relacionadas à teologia e à filosofia. Nas palavras de Frei Betto (2001), Nise “nos ensina a descobrir por trás de cada louco, um artista; por trás de cada artista, um ser humano com fome de beleza, sede de transcendência” (p. 101). Ao final de vários textos, Nise da Silveira, de maneira sutil, sugere a busca pelo infinito. Ao analisar a obra de Antonin Artaud, como itinerário subjacente às suas terríveis vivências, Nise identifica o mito do Deus-Sol, em particular o deus dos astecas, que aparece em seus dois poemas Tutuguri. A segunda versão desse poema versa sobre o rito de uma noite em que é narrada a morte eterna do sol: “O sol e o homem morrem juntos. O poema “Tutuguri” está datado de 16 de fevereiro de 1948. Antonin Artaud morre no dia 4 de março do mesmo ano” (Silveira, 1989, p. 23).

Podemos encontrar observação semelhante no estudo da obra de Carlos Pertuis. Dessa vez, o tema mítico do Deus-Sol está ligado à religião de Mithra e, por fim, surge a imagem da barca do Sol, presente em diversos mitos: “A face do sol é serena e triste. Ele vai navegar na noite e lutar contra os monstros que incessantemente esforçam-se por impedir seu renascimento. Esta pintura está datada de 2 de dezembro de 1976. Carlos morreu a 21 de março de 1977¹¹⁸” (Silveira, 2022a, p. 279, figura 30). Nise queria que as pessoas aprendessem a morrer. Em seus últimos dias de vida permaneceu sempre lúcida ou, como diria José Basto, conscientemente livre e, em seu fôlego de sete gatos, mergulhou na Substância Infinita.

118 Nas edições anteriores, essa citação possui as seguintes referências: primeira edição (Silveira, 1981, p. 344, figura 32); segunda edição (Silveira, 2015, p. 337, figura 30).

REFERÊNCIAS

ADLER, G. Métodos de tratamento na psicologia analítica. In: **WOLMAN, B. B.** (org.). *As técnicas não-freudianas e técnicas especiais e resultados*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 52-92.

ANDRADE, C. D. O canhoto, a pesquisa, o inconsciente. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Caderno B, p. 7, 25 set. 1980.

ANDRADE, C. D. *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

ANDRADE, C. D. A doutora Nise. *Quaternio: Revista do Grupo de Estudos C.G. Jung. Homenagem Nise da Silveira*, n. 8, p. 76-77, 2001.

ARAP, F. *Mare Nostrum: sonhos, viagens e outros caminhos*. São Paulo: SENAC, 1998.

ARTAUD, A. *Heliogabalo ou o anarquista coroado*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1991. Trabalho original publicado em 1943-1944.

ARTAUD, A. *Linguagem e vida*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

ARTAUD, A. *O teatro e seu duplo*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Trabalho original publicado em 1938.

ARTAUD, A. *Os Tarahumaras*. Belo Horizonte: Moinhos, 2000. p. 53-57. Trabalho original publicado em 1947-1948.

AUGRAS, M. *A dimensão simbólica*. Rio de Janeiro: FGV, 1967.

BACHELARD, G. A filosofia do não: a filosofia do novo espírito científico. In: *Os Pensadores: Gaston Bachelard*. São Paulo: Abril Cultural, 1984. p. 2-87.

BACHELARD, G. *O novo espírito científico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985. Trabalho original publicado em 1934.

BACHELARD, G. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. Trabalho original publicado em 1960.

BACHELARD, G. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. Trabalho original publicado em 1942.

BACHELARD, G. *Fragmentos de uma poética do fogo*. São Paulo: Brasiliense, 1990a. Trabalho original publicado em 1988.

BACHELARD, G. *A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1990b. Trabalho original publicado em 1948.

BACHELARD, G. *A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. Trabalho original publicado em 1948.

BACHELARD, G. *A psicanálise do fogo*. São Paulo: Martins Fontes, 1994. Trabalho original publicado em 1949.

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. Trabalho original publicado em 1957.

BETTO, Frei. Fome de beleza, sede de transcendência. *Quaternio: Revista do Grupo de Estudos C.G. Jung. Homenagem Nise da Silveira*, n. 8, p. 101, 2001.

BEZERRA, E. *A trinca do Curvelo: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Nise da Silveira*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

BLEULER, E. Demência precoce – o conceito da enfermidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 2, n. 4, p. 164-169, 2000. Trabalho original publicado em 1916.

CAMPBELL, J. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CANÇADO, M. L. *O hospício é Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2024. Trabalho original publicado em 1965.

CERQUEIRA, L. Formação de trabalhadores psiquiátricos de novo tipo. In: *Psiquiatria social: problemas brasileiros de saúde mental*. São Paulo: Atheneu, 1984a. p. 139-147.

CERQUEIRA, L. Ulisses Pernambucano. In: *Psiquiatria social: problemas brasileiros de saúde mental*. São Paulo: Atheneu, 1984b. p. 9-22.

COSTA, J. F. *História da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Documentário, 1976.

COSTA, J. F. Viagem ao reino dos homens tristes. *Ciência Hoje*, v. 6, n. 34, p. 21-23, 1987.

CRUZ JUNIOR, E. G. *Do asilo ao museu: Nise da Silveira e as coleções da loucura*. Natal: Hólos, 2024.

DELGADO, P. Senhora das mentes e da paz. *Jornal de Brasília*, Brasília, Editorial, 22 ago. 1998.

DESCARTES, R. *Discurso sobre o método*. São Paulo: HEMUS, 1972.

DOSTOIÉVSKI, F. M. *Pobre gente e o duplo*. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1975.

ELIADE, M. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ELIADE, M. *A provação do labirinto*. Lisboa: Dom Quixote, 1987.

ELIADE, M. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1991a.

ELIADE, M. *Mefistófeles e o andrógino: comportamentos religiosos e valores espirituais não-europeus*. São Paulo: Martins Fontes, 1991b.

ESCOREL, S. *Saúde pública: utopia de Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

FERREIRA, A. P. Entrevista realizada por Walter Melo. 13 jul. 2000.

FRANZ, M.-L. *C. G. Jung: seu mito em nossa época*. São Paulo: Cultrix, 1992.

FRANZ, M.-L. Entrevista. *Quaternio: Revista do Grupo de Estudos C. G. Jung*, n. 7, p. 15-28, 1996.

FRANZ, M.-L. Conclusão: a ciência e o inconsciente. In: **JUNG, C. G.** *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008a. p. 417-429.

FRANZ, M.-L. O processo de individuação. In: **JUNG, C. G.** *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008b. p. 207-307.

FRAYZE-PEREIRA, J. A. Arte e loucura no Museu: uma poética singular. In: **FERNANDES, M. L. A.** (org.). *Fim de século: ainda manicômios?* São Paulo: IPUSP, 1999. p. 19-29.

FREIRE, M. A miséria do hospital. In: **LUCCHESI, M.** (org.). *Artaud: a nostalgia do mais*. São Paulo: Numen, 1989. p. 33-40.

FREUD, S. Um paralelo mitológico com uma obsessão visual. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. p. 351-352. Trabalho original publicado em 1916.

FREUD, S. Moisés e o monoteísmo. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. p. 19-150. Trabalho original publicado em 1937-1939.

FREUD, S. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. p. 73-141. Trabalho original publicado em 1910.

FREUD, S. A história do movimento psicanalítico. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. p. 18-73. Trabalho original publicado em 1914.

FREUD, S. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides). In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996e. p. 21-89. Trabalho original publicado em 1911.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vols. IV-V. Rio de Janeiro: Imago, 1996f. Trabalho original publicado em 1900-1901.

GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

GOETHE, J. W. *Fausto*. Vila Rica, 1991.

GRUPO DE ESTUDOS C. G. JUNG. Editorial. *Quaternio: Revista do Grupo de Estudos C.G. Jung*, n. 1, p. 4-5, 1965.

GULLAR, F. *Nise da Silveira*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

HIRSZMAN, L. *É bom falar*. Rio de Janeiro: CCBB, 1995.

JAFFÉ, A. (org.). *C.G. Jung, Word and Image*. Bollingen Series, XCVII(2). Princeton: Princeton University Press, 1999.

JAMES, W. *Principles of Psychology*. 2 v. Cosimo, 2013.

JUNG, C. G. *O livro vermelho*. Petrópolis: Vozes, 2009. Trabalho original de 1913-1932.

JUNG, C. G. Considerações gerais sobre a teoria dos complexos. In: *A natureza da psique*, v. 8.2. Petrópolis: Vozes, 2011a. p. 39-52. Trabalho original publicado em 1934.

JUNG, C. G. Considerações teóricas sobre a natureza do psíquico. In: *A natureza da psique*, v. 8.2. Petrópolis: Vozes, 2011b. p. 104-185. Trabalho original publicado em 1946.

JUNG, C. G. Sobre os arquétipos do inconsciente coletivo. In: *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, v. 9.1. Petrópolis: Vozes, 2011c. p. 11-50. Trabalho original publicado em 1934.

JUNG, C. G. *Tipos psicológicos*, v. 5. Petrópolis: Vozes, 2011d. Trabalho original publicado em 1921.

JUNG, C. G. Sobre o inconsciente. In: *Civilização em transição*, v. 10.3. Petrópolis: Vozes, 2011e. p. 11-37. Trabalho original publicado em 1918.

JUNG, C. G. *O Eu e o inconsciente*, v. 7.2. Petrópolis: Vozes, 2011f. Trabalho original publicado em 1916 e revisado em 1928.

JUNG, C. G. O conteúdo da psicose. In: *Psicogênese das doenças mentais*, v. 3. Petrópolis: Vozes, 2011g. p. 173-215. Trabalho original publicado em 1908.

JUNG, C. G. Símbolos da transformação, v. 5. Petrópolis: Vozes, 2011h. Trabalho original publicado em 1911-1912 e revisado em 1952.

JUNG, C. G. A psicogênese da esquizofrenia. In: *Psicogênese das doenças mentais*, v. 3. Petrópolis: Vozes, 2011i. p. 259-277. Trabalho original publicado em 1939.

JUNG, C. G. A esquizofrenia. In: *Psicogênese das doenças mentais*, v. 3. Petrópolis: Vozes, 2011j. p. 289-306. Trabalho original publicado em 1958.

JUNG, C. G. *Psicologia e alquimia*, v. 12. Petrópolis: Vozes, 2011k. Trabalho original publicado em 1944.

JUNG, C. G. Psicoterapia e atualidade. In: *A prática da psicoterapia*, v. 16.1. Petrópolis: Vozes, 2011l. p. 109-126. Trabalho original publicado em 1941.

JUNG, C. G. *Mysterium Coniunctionis: os componentes da coniunction, paradoxo, as personificações dos opostos*, v. 14.1. Petrópolis: Vozes, 2011m. Trabalho original publicado em 1955-1956.

JUNG, C. G. *Interpretação psicológica do Dogma da Trindade*, v. 11.2. Petrópolis: Vozes, 2011n. Trabalho original publicado em 1940.

JUNG, C. G. *Sincronicidade*, v. 8.3. Petrópolis: Vozes, 2011o. Trabalho original publicado em 1952.

JUNG, C. G. *Mysterium Coniunctionis: rex e regina, Adão e Eva, a conjunção*, v. 14.2. Petrópolis: Vozes, 2011p. Trabalho original publicado em 1955-1956.

JUNG, C. G. Sigmund Freud, um fenômeno histórico-cultural. In: *O espírito na arte e na ciência*, v. 15. Petrópolis: Vozes, 2011q. p. 38-45. Trabalho original publicado em 1932.

JUNG, C. G. Os problemas da psicoterapia moderna. In: *A prática da psicoterapia*, v. 16.1. Petrópolis: Vozes, 2011r. p. 66-89. Trabalho original publicado em 1950.

JUNG, C. G. Princípios básicos da prática da psicoterapia. In: *A prática da psicoterapia*, v. 16.1. Petrópolis: Vozes, 2011s. p. 13-31. Trabalho original publicado em 1935.

JUNG, C. G. *Psicologia do inconsciente*, v. 7.1. Petrópolis: Vozes, 2011t. Trabalho original publicado em 1943.

JUNG, C. G. O conceito de inconsciente coletivo. In: *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, v. 9.1. Petrópolis: Vozes, 2011u. p. 51-62. Trabalho original publicado em 1936.

JUNG, C. G. Os objetivos da psicoterapia. In: *A prática da psicoterapia*, v. 16.1. Petrópolis: Vozes, 2011v. p. 48-65. Trabalho original publicado em 1929.

JUNG, C. G. A função transcendente. In: *A natureza da psique*, v. 8.2. Petrópolis: Vozes, 2011w. p. 13-38. Trabalho original elaborado em 1916 e publicado em 1958.

JUNG, C. G. Estudo empírico do processo de individuação. In: *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, v. 9.1. Petrópolis: Vozes, 2011x. p. 290-358. Trabalho original publicado em 1950.

JUNG, C. G. Fundamentos de psicologia analítica. In: *Vida simbólica*, v. 18.1. Petrópolis: Vozes, 2011y. p. 13-200. Trabalho original publicado em 1935.

JUNG, C. G. A aplicação prática da análise dos sonhos. In: *Ab-reação, análise dos sonhos e transferência*, v. 16.2. Petrópolis: Vozes, 2011z. p. 22-45. Trabalho original publicado em 1931.

JUNG, C. G. *A energia psíquica*, v. 8.1. Petrópolis: Vozes, 2011aa. Trabalho original publicado em 1928.

JUNG, C. G. Aspectos gerais da psicologia do sonho. In: *A natureza da psique*, v. 8.2. Petrópolis: Vozes, 2011bb. p. 186-234. Trabalho original publicado em 1928.

JUNG, C. G. Simbolismo da mandala. In: *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, v. 9.1. Petrópolis: Vozes, 2011cc. p. 359-392. Trabalho original publicado em 1950.

JUNG, C. G. Um mito moderno sobre coisas vistas no céu, v. 10.4. Petrópolis: Vozes, 2011dd. Trabalho original publicado em 1958.

JUNG, C. G. *Aion: estudo sobre o simbolismo do Si-mesmo*, v. 9.2. Petrópolis: Vozes, 2011ee. Trabalho original publicado em 1951.

JUNG, C. G. *Psicologia e religião*, v. 11.1. Petrópolis: Vozes, 2011ff. Trabalho original publicado em 1937.

JUNG, C. G. O problema da psicogênese nas doenças mentais. In: *Psicogênese das doenças mentais*, v. 3. Petrópolis: Vozes, 2011gg. p. 235-251. Trabalho original publicado em 1911.

JUNG, C. G. *Memórias, sonhos, reflexões*. São Paulo: Martins Fontes, 2012. Trabalho original publicado em 1961.

JUNG, C. G. *Os livros negros*. Petrópolis: Vozes, 2021. Trabalho original de 1913-1932.

LE GALLAIS, P. Atividades manuais na reabilitação dos doentes neuróticos e psicóticos. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 4, n. 5, p. 341-345, 1956.

LOYELLO, W. Entrevista realizada por Walter Melo, 15 jun. 2000.

LUCCHESI, M. Por uma nova metafísica. In: *Artaud: a nostalgia do mais*. São Paulo: Numen, 1989. p. 25-31.

LUCCHESI, M. Introdução – De Nise a Spinoza: uma cultura ética. In: **SILVEIRA, N.** *Cartas a Spinoza*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. p. 11-15.

LUCCHESI, M. Cartas a Spinoza. *Quaternio: Revista do Grupo de Estudos C. G. Jung. Homenagem Nise da Silveira*, n. 8, p. 50-51, 2001.

LUCCHESI, M. De Nise a Spinoza: uma cultura ética. In: **SILVEIRA, N.** *Cartas a Spinoza*. Natal: Hólos, 2020. p. 15-19. Trabalho original publicado em 1995.

MCGUIRE, W. (Org.). *Freud/Jung: correspondência completa*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Trabalho original publicado em 1974.

MELLO, L. C. Nise da Silveira: a paixão pelo inconsciente. *Quaternio: Revista do Grupo de Estudos C. G. Jung. Homenagem Nise da Silveira*, n. 8, p. 9-19, 2001.

MELLO, L. C. *Nise da Silveira: caminhos de uma psiquiatra rebelde*. Rio de Janeiro: Automatica, 2014.

MELO, W. As influências de C. G. Jung para a antipsiquiatria. 1992. Monografia de Graduação, Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

MELO, W. A constelação dos mitos de morte/renascimento na perspectiva de C.G. Jung. 2000. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

MELO, W. Ninguém vai sozinho ao paraíso: o percurso de Nise da Silveira na psiquiatria do Brasil. 2005. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

MELO, W. Será o Benedito? Livros à espera de improváveis leitores. *Mnemosine*, v. 3, n. 1, p. 41-65, 2007.

MELO, W. O terapeuta como companheiro mítico: ensaios de psicologia analítica. Rio de Janeiro: Espaço Artaud, 2009a.

MELO, W. Nise da Silveira e o campo da saúde mental (1944-1952): contribuições, embates e transformações. *Mnemosine*, v. 5, n. 2, p. 30-52, 2009b.

MELO, W. Nise da Silveira, Fernando Diniz e Leon Hirszman: política, sociedade e arte. *Psicologia USP*, v. 21, n. 3, p. 633-652, 2010a.

MELO, W. Nise da Silveira, Antonin Artaud e Rubens Corrêa: fronteiras da arte e da saúde mental. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, v. 2, n. 2, p. 182-191, 2010b.

MELO, W. O efeito dominó: a relação entre a obra de Nise da Silveira e a arte concreta no Brasil. In: **MELO, W.; FERREIRA, A. P.** (Orgs.). *A sabedoria que a gente não sabe*. Rio de Janeiro: Espaço Artaud, 2011. p. 79-94.

MELO, W. Oswaldo dos Santos. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013.

MELO, W. A obra de Nise da Silveira e o timbre de Asclépio: companheiro mítico, diretrizes de trabalho e sujeito do conhecimento. In: **MELO, W.; ARAÚJO, J. H. Q.; NUNES, A. F. S.** (Orgs.). *Imaginário em exposição, manicômios em desconstrução*. Belo Horizonte: Mosaico, 2021. p. 59-71.

MELO, W. Preciosas indicações aos prováveis Beneditos. In: **SILVEIRA, N.** *Benedito*. Natal: Sociedade de Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente, 2022. p. 83-101.

MELO, W.; NUNES, A. F. S.; MELO, S. R. B. As imagens do inconsciente e a metáfora do escafandrista na obra de Nise da Silveira. *Psicologia USP*, v. 36, e230046, p. 1-8, 2025.

MEZAN, R. Metapsicologia/fantasia. In: **BIRMAN, J.** (Org.). *Freud 50 anos depois*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1989.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 9-29. Trabalho original publicado em 1993.

MINDLIN, J. E. Prefácio meio felino. In: **SILVEIRA, N.** *Gatos: a emoção de lidar*. Rio de Janeiro: Léo Christiano, 1998. p. 13.

MOREIRA, M. Uma casa nordestina. *Quaternio: Revista do Grupo de Estudos C. G. Jung. Homenagem Nise da Silveira*, n. 8, p. 144, 2001.

NEUMANN, E. *Psicologia Profunda y Nueva Etica*. Buenos Aires: Fabril, 1960.

PANDOLFI, D. *Camaradas e companheiros. História e memória do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

PAULI, W. The influence of archetypal ideas on the scientific theories of Kepler. In: *Writings on Physics and Philosophy*. Berlin: Springer, 1994. p. 219-280. Trabalho original publicado em 1952.

PEDROSA, M. Introdução. In: *Museu de Imagens do Inconsciente*. Brasília: Funarte/ Instituto Nacional de Artes Plásticas, 1980. p. 9-11.

PELLEGRINO, H. Jornal do Brasil, Caderno B, p. 7, 26 out. 1981.

PERRY, J. W. *Le voyage symbolique: un regard nouveau sur les hallucinations et les délires des schizophrènes*. Paris: Aubier Montaigne, 1976.

PESSANHA, J. A. M. Bachelard: vida e obra. In: *Os Pensadores: Gaston Bachelard*. São Paulo: Abril Cultural, 1984. p. V-XIV.

PESSANHA, J. A. M. Bachelard: as asas da imaginação. In: **BACHELARD, G.** *O direito de sonhar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. p. V-XXXI.

PITTA, A. Cuidado de psicótico. In: **GOLDBERG, J.** *Clínica da psicose: um projeto na rede pública*. Rio de Janeiro: Te Corá, 1994. p. 154-166.

POE, E. A. William Wilson. In: *Histórias extraordinárias*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 83-107. Trabalho original publicado em 1839.

POST, L. *Jung e a história de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

QUEIROZ, R.; QUEIROZ, M. L. *Tantos anos*. São Paulo: Siciliano, 1998.

QUINET, A. *Teoria e clínica da psicose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

RAMOS, G. A Terra dos Meninos Pelados. In: *Alexandre e outros heróis*. São Paulo: Record, 1979. Trabalho original escrito em 1937 e publicado em 1939.

RAMOS, G. *Memórias do cárcere*. 2 v. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

RAMOS, L. O Grupo de Estudos Carl Gustav Jung. *Quaternio: Revista do Grupo de Estudos C. G. Jung*, n. 8, p. 29-33, 2001.

RIMBAUD, A. *Poésies*. Paris: Gallimard, 1965.

SACKS, O. *Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SACKS, O. O homem que confundiu sua mulher com um chapéu. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SACKS, O. Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SALAS, H. Conversaciones com Raul Tuñón. La Bastilla, 1975.

SALEM, H. Leon Hirszman: o navegador das estrelas. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

SARTRE, J. P. A náusea. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SILVEIRA, M. M. Política nacional de saúde pública: a trindade desvelada – economia-saúde-população. São Paulo: Revan, 2005.

SILVEIRA, N. Ensaio sobre a criminalidade das mulheres no Brasil. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia/Imprensa Oficial do Estado, 1926.

SILVEIRA, N. Contribuição aos estudos dos efeitos da leucotomia sobre a atividade criadora. *Revista de Medicina, Cirurgia e Farmácia*, n. 101, p. 38-54, 1944.

SILVEIRA, N. Considerações teóricas e práticas sobre ocupação terapêutica. *Revista Medicina, Cirurgia e Farmácia*, n. 194, p. 263-272, 1952.

SILVEIRA, N. Doze personagens falam de um autor. Entrevista de Darwin Brandão. *Revista Manchete*, n. 90, p. 24-27, 9 jan. 1954.

SILVEIRA, N. Contribuição ao estudo dos efeitos da leucotomia sobre a atividade criadora. *Revista de Medicina, Cirurgia e Farmácia*, n. 225, p. 38-54, 1955.

SILVEIRA, N. Simbolismo do gato. *Quaternio: Revista do Grupo de Estudos C.G. Jung*, n. 1, p. 61-81, 1965.

SILVEIRA, N. 20 anos de terapêutica ocupacional em Engenho de Dentro (1946-1966). *Revista Brasileira de Saúde Mental*, v. 12, número especial, p. 17-161, 1966.

SILVEIRA, N. Jung: vida e obra. Rio de Janeiro: José Álvaro, 1968.

SILVEIRA, N. Perspectiva da psicologia de C.G. Jung. *Revista Tempo Brasileiro*, v. 21-22, p. 9-22, 1969.

SILVEIRA, N. Herbert Read: em memória. *Quaternio: Revista do Grupo de Estudos C.G. Jung*, n. 2, p. 5-16, 1970.

SILVEIRA, N. Dionysos: um comentário psicológico. *Quaternio: Revista do Grupo de Estudos C.G. Jung*, n. 3, p. 13-42, 1973.

SILVEIRA, N. Deus-mãe. *Quaternio: Revista do Grupo de Estudos C.G. Jung*, n. 4, p. 87-106, 1975.

SILVEIRA, N. Rádice entrevista Nise da Silveira. *Rádice*, n. 3, p. 8-13, 1977.

SILVEIRA, N. Teoria e prática da T.O. Rio de Janeiro: Casa das Palmeiras, 1979.

SILVEIRA, N. O Museu de Imagens do Inconsciente: histórico. In: PEDROSA, M. (Org.). *Museu de Imagens do Inconsciente*. p. 13-29. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980.

SILVEIRA, N. Imagens do Inconsciente. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

SILVEIRA, N. Casa das Palmeiras: a emoção de lidar. Rio de Janeiro: Alhambra, 1986.

SILVEIRA, N. Um homem em busca de seu mito. In: LUCCHESI, M. (Org.). *Artaud: a nostalgia do mais*. p. 9-23. Rio de Janeiro: Numen, 1989.

SILVEIRA, N. Escola de tortura. *Jornal do Brasil*, Caderno Ideias/Ensaio, p. 10-11, 31 mar. 1991.

SILVEIRA, N. O Mundo das Imagens. São Paulo: Ática, 1992a.

SILVEIRA, N. Editorial: 40 anos do Museu de Imagens do Inconsciente. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 4, n. 41, p. 147, 1992b.

SILVEIRA, N. Introdução. *Quaternio: Revista do Grupo de Estudos C.G. Jung*, n. 6, p. 4-8, 1993a.

SILVEIRA, N. Dossiê Nise da Silveira. *Rio Artes*, v. 10, n. 2, p. 16-24, 1993b.

SILVEIRA, N. Cartas a Spinoza. São Paulo: Francisco Alves, 1995.

SILVEIRA, N. Uma psiquiatra rebelde. In: GULLAR, F. *Nise da Silveira*. p. 31-53. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996a.

SILVEIRA, N. Depoimento da Dra. Nise da Silveira. In: *Octávio Brandão: Centenário de um Militante na Memória do Rio de Janeiro*. p. 145-148. Rio de Janeiro: UERJ/Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1996b.

SILVEIRA, N. 9 artistas de Engenho de Dentro. In: GULLAR, F. *Nise da Silveira*. p. 91-98. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996c.

SILVEIRA, N. Gatos: a emoção de lidar. São Paulo: Léo Christiano, 1998.

SILVEIRA, N. Ensaio sobre a criminalidade da mulher no Brasil. In: POMPEU E SILVA, J.O. *Nise da Silveira. Coleção Memória do Saber*. p. 250-310. São Paulo: Fundação Miguel de Cervantes, 2013.

SILVEIRA, N. Imagens do Inconsciente. São Paulo: Vozes, 2015. (Trabalho original publicado em 1981).

SILVEIRA, N. Cartas a Spinoza. São Paulo: Hólos, 2020. (Trabalho original publicado em 1995).

SILVEIRA, N. Imagens do Inconsciente. São Paulo: Vozes, 2022a. (Trabalho original publicado em 1981).

SILVEIRA, N. Benedito. Rio de Janeiro: Sociedade de Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente, 2022b.

SILVEIRA, N. O Mundo das Imagens. São Paulo: Vozes, 2024. (Trabalho original publicado em 1992).

SILVEIRA, N.; LE GALLAIS, P. L'expérience d'art spontané chez les schizophrènes dans un service de thérapie occupationnelle. *Revista Brasileira de Saúde Mental*, v. 3, p. 105-114, 1957.

SILVEIRA, N.; LE GALLAIS, P. Experiência de arte espontânea com esquizofrênicos num serviço de Terapia Ocupacional. *Quaternio: Revista do Grupo de Estudos C.G. Jung*, n. 7, p. 37-47, 1996.

SILVEIRA, N.; MELLO, L.C. O sacrifício e suas transformações: subidas e descidas de níveis de consciência vistos através de rituais e festas reveladoras da relação homem-animal. In: SILVEIRA, N. (Org.). *A Farra do Boi: do sacrifício do touro na Antiguidade à farra do boi catarinense*. p. 62-76. Rio de Janeiro: Numen, 1989.

SILVEIRA, N. C.G. Jung na vanguarda de nosso tempo. In: SILVEIRA, N. *O Mundo das Imagens*. p. 195-206. São Paulo: Vozes, 2024.

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. Cientistas do Brasil. p. 203-212. São Paulo: Global, 1988.

VOLMAT, R. L'Art Psychopathologique. Paris: Presses Universitaires de France, 1956.

WERNECK, M. Sala 4. Rio de Janeiro: CESEC, 1988.

WOLFF, T. Fundamentos da Psicologia Complexa. São Paulo: Sattva, 2025.

APÊNDICE

Escritos Iniciais de Nise da Silveira (1927)

João de Bragança e Moreira¹¹⁹

Walter Melo

Entre 15 julho e 24 agosto de 1927, Nise da Silveira publicou oito pequenas textos em colunas do jornal *A Manhã*, do Rio de Janeiro. As colunas abordavam questões médicas dirigidas ao público leigo. Esses são os primeiros textos publicados após a tese inaugural de 1926. Na coluna Consultório Médico, de 15 de julho, apresentou a teoria das emoções de James-Lange (Silveira, 1927a). Defendendo a ideia de que os gestos corporais produzem sentimentos, recomenda o cultivo de posturas positivas para promover bem-estar. No dia 20 de julho, na coluna Curiosidades Médicas, abordou a importância dos sonhos para a saúde, tendo a psicanálise como instrumento clínico privilegiado, enfatizando o valor simbólico dos conteúdos oníricos (Silveira, 1927b). Na coluna Um Pouco de Medicina, escreveu seis textos abordando os seguintes temas:

1. crítica à prática de superalimentação de pessoas doentes e convalescentes, apontando os riscos digestivos e propondo uma alimentação racional e individualizada (31 de julho) (Silveira, 1927c);
2. apresentou a autossugestão de Émile Coué como técnica terapêutica, destacando o papel do subconsciente na cura, sugerindo práticas simples de repetição mental (5 de agosto) (Silveira, 1927d);
3. discutiu a obesidade, recomendando dieta e exercícios, ironizando uma nova proposta que havia surgido: cantar longamente para acelerar o metabolismo (10 de agosto) (Silveira, 1927e);

119 Psicólogo graduado pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Formado em Psicologia Analítica pelo Instituto Dédalus. Cofundador do projeto Analítica Hoje. Integrante do Caminhos Junguianos – Laboratório de Pesquisa em Psicologia Analítica. Secretário Geral na Associação Allos.

4. com base em *O Alienista*, de Machado de Assis, criticou a psiquiatria e o excesso de diagnósticos, problematizando os limites entre normalidade e loucura (12 de agosto) (Silveira, 1927f);
5. explorou a relação entre os processos mentais e o funcionamento das glândulas endócrinas, abordando hipóteses da endocrinologia criminal e suas implicações psiquiátricas (13 de agosto) (Silveira, 1927g);
6. e, por fim, criticou os efeitos limitadores da educação tradicional, defendendo uma pedagogia científica baseada na psicologia e na identificação precoce das aptidões infantis (24 de agosto) (Silveira, 1927h).

Desses oito textos, podemos englobar três na categoria psicologia (as emoções segundo James-Lange, os sonhos e a psicanálise, autossugestão); três na categoria médica (alimentação, obesidade, relação entre os sistemas mental e endócrino); e dois na categoria sócio-epistêmica (*O Alienista*, relação entre pedagogia e psicologia).

É intrigante que o primeiro tema abordado seja, exatamente, a emoção. Ainda mais se lembrarmos que, desde os seus trabalhos iniciais, Jung (2011y) adotou, parcialmente, os pressupostos da teoria das emoções de James-Lange: “A relação corpo-mente constitui um problema extremamente difícil. Pela teoria James-Lange, a emoção é o resultado de alteração fisiológica” (§ 69). Em Jung (2011b), as emoções se apresentam tanto na esfera instintiva quanto na criação de imagens (carregadas de afeto). Dessa maneira, postula a coexistência de aspectos físicos e psíquicos. Ideias desenvolvidas por Jung (2011o) na teoria da sincronicidade e estudadas por Nise da Silveira (2024) a partir das imagens de rituais. Naquele período, no entanto, as observações de Nise da Silveira não tinham tal aprofundamento, restringindo-se a dar conselho: “Ao iniciar esta secção, quero dar um conselho, não só para os doentes, mas algo que indistintamente possa ser útil a toda gente. Quem nunca sofreu por estar triste? Quem já se não encolerizou algum dia?” (Silveira, 1927a, p. 8).

Esses pequenos textos tinham a intenção de criar uma linguagem direta que pudesse ser apreendida pelos leitores que poderiam tirar algum benefício para a sua saúde. Nesse sentido, a teoria das emoções é explicada de maneira simples e eficaz:

Os psychologos James e Lange apresentaram, não faz muito, uma paradoxal theoria, deveras curiosa. Ao contrario do conceito classico, as emoções não seriam mais que a consciencia de todos os phenomenos organicos que as cortejam, interiores e exteriores, geralmente considerados apenas como effeitos. Quer isto dizer que não rimos pelo facto de estarmos alegres, mas são o riso e os gestos vivos e exhuberantes os productores da alegria.

Entristecemos porque nos lamentamos, suspiramos, choramos, soluçamos. As lagrimas não são motivadas pela tristeza, mas, ao contrario, geram-na.

As attitudes aggressivas, a mimica violenta, o turbilhonar do sangue febrilizado, respondem pela emoção colerica. A timidez é criada pelo proprio retraimento e gestos esquivos. Não é que o medroso trema, porém quem tremer ficará possuido de medo. Eliminando da alegria, da tristeza, da colera, do medo, as suas, especificas manifestações, restará somente um estado intellectual, percepção ou idéa, descorado e frio (Silveira, 1927a, p. 8).

Do que é possível constatar, o conceito clássico apontado por Nise se refere à perspectiva cartesiana das emoções, no entendimento de que, em primeiro lugar, algo é sentido na mente e, depois, o corpo reage ao sentimento (Plamper, 2015). Dessa forma, a inversão proposta por James e Lange ocasionou uma nova forma de interpretação das emoções, na qual o corpo passa a assumir um lugar de maior destaque. Cabe apontar que William James (1979) esteve diretamente relacionado a uma série de novas perspectivas psicológicas que levem em consideração a superação do racionalismo e do empirismo a partir do pragmatismo. Em seus futuros estudos de psicologia analítica, Nise da Silveira (1968) relacionou as concepções de Jung ao pragmatismo de James.

Antes de retomar as recomendações aos leitores, Nise da Silveira (1927a) aponta que a teoria das emoções de James-Lange suscitou diferentes percepções no campo científico: alguns, como Walter Cannon, questionaram a sua plausibilidade; outros, como Charles Sherrington, reconheceram que se abriram novas perspectivas para os estudos experimentais das emoções; e, mais alguns, como Théodule Ribot,

defenderam a nova concepção. Em seguida, Nise da Silveira volta-se para o leitor e indica modos de aplicação dessa teoria:

De tudo isto resalta uma conclusão pratica de alto valor. Nunca assumamos posturas melancolicas porque a tristeza se espalmará em nosso espirito, porém riamos muito e tenhamos sempre gestos leves e ágeis, e a alegria morará comnosco. Jámais gesticulação violenta para que nos não amolgue a cólera, ou atitudes subservientes e tremores que conduzem á covardia, ao medo vergonhoso e feio (p. 8).

Naquele período, as recomendações de Nise da Silveira tinham a intenção de evitar as “emoções ruins”. Essa perspectiva será totalmente modificada em seu trabalho na psiquiatria, pois as relações afetivas podem favorecer a reorganização psíquica, o ato de manusear diferentes materiais de trabalho pode suscitar variadas emoções e a expressão de imagens carregadas de emoção se mostrou um importante método terapêutico.

A expressão da afetividade pode ocorrer por meio dos sonhos. Em sua obra de introdução à psicologia analítica, os sonhos são abordados de maneira específica (Silveira, 1968, p. 103-117) em seus aspectos de causalidade e de finalidade que apontam para o caráter compensatório entre os campos da consciência e do inconsciente. Além disso, a partir da psicologia analítica, apresenta como exemplo um “sonho revelador de um momento importante na evolução da personalidade de uma mulher¹²⁰” (p. 113). Em 1927, porém, os sonhos são abordados pelas concepções psicanalíticas: “A sua analyse permite penetrar um pouco na intimidade affectiva, nas trevas cerradas do inconsciente” (Silveira, 1927b, p. 4). Dessa maneira, em seus anos iniciais na carreira médica, Nise da Silveira considera pertinente a análise dos sonhos, que “podem fornecer dados preciosos para o diagnostico de molestias” (p. 4). E acrescenta:

120 Esse sonho é descrito e analisado na seguinte referência: (Silveira, 1968, p. 113-117). Posteriormente, é incluído no livro *O Mundo das Imagens*: primeira edição (Silveira, 1992a, p. 123-124); segunda edição (Silveira, 2024, p. 147-149).

A escola Viennense sita numerosíssimos casos de estados ansiosos e obsessivos que tiveram seus motivos revelados por meio de sonhos, através de cujos symbolos os observadores argutos apreenderam a luta travada entre determinados sentimentos opostos, luta, que segundo esta escola, é a responsável por tais perturbações. Contem, portanto, seus sonhos ao medico, em todos os detalhes e com as associações de idéas que a proposito lhes ocorreram (Silveira, 1927b, p. 4).

Além das emoções e da *intimidade afetiva*, em suas crônicas médicas, Nise da Silveira (1927d) escreveu sobre a autossugestão, proposta pela denominada Nova Escola de Nancy: “Alargam-se cada vez mais as possibilidades da psychotherapia. Além do hypnotismo e da sugestão, vem a medicina agora principalmente tomando interesse pela auto-sugestão, depois dos estudos interessantíssimos e exitos extraordinarios obtidos por Coués, de Nancy” (p. 5). Dessa maneira, o leitor interessado poderia lançar mão de “um curioso methodo de tratamento por meio da educação das forças subconscientes” (p. 5), promovendo a própria cura para as questões emocionais.

De acordo com Ellenberger (2023), Charcot defendia que a hipnose não seria um fenômeno normal, mas patológico, condicional ao estado histérico, sendo essa a principal discordância com a Escola de Nancy. Para Bernheim e Liébeault, a hipnose se insere entre os fenômenos de sugestão natural do ser humano, enfatizando a sua importância para os tratamentos psicológicos. Tal proposta, no entanto, foi subordinada ao segundo plano por Freud e Jung. Esse debate foi aceso novamente por Coué, da Nova Escola de Nancy, que buscou expandir os limites clínicos da hipnose para questões sociais, tentando desenvolver a hipnose como uma espécie de ciência psicológica. A técnica da autossugestão foi apresentada por Nise da Silveira (1927d) nos seguintes termos:

Para praticar esse auto-tratamento o paciente começará por fechar os olhos afim de evitar qualquer desvio de atenção. Uma vez concentrado, repetirá aquilo que deseja obter procurando fixar, imprimir estas palavras no cerebro de modo que ellas ahi fiquem a tal ponto integralizadas que depois, sem o individuo querer ou presentir, de maneira inconsciente, organismo lhe obedecerá. A um dyspeptico, por exemplo, Coués manda repetir, tres vezes por dia: Oh, como eu vou me alegrar em comer! Terei um grande appetite, e não sentirei nenhuma indisposição ou dor no estomago e intestinos. A digestão far-se-á perfeita e assimilarei bem todas as substancias nutritivas. Assim, minha vida mudará, ficarei vigoroso e criarei novas forças. Todas as noites, antes de dormir, olhos cerrados, devemos dizer repetidas vezes: O meu somno será profundo e sereno, sem que o perturbem sonhos angustiosos. Acordarei amanhã cheio de frescura e alegria (p. 5).

Na década de 1920, Émile Coué se tornou uma grande celebridade, conhecido como “mago do otimismo” e, por vezes, tratado como um charlatão da autoajuda. Ainda assim, pela praticidade, sua proposta de tratamento pela autossugestão ganhou o gosto popular, sendo difundida como uma alternativa fácil e barata para a cura (Yeates, 2016). Nesse sentido, afirma Nise da Silveira (1927d):

Coués tem alcançado, com esse processo, curas verdadeiramente assombrosas.

É bem de ver que, isolado, o methodo, da Escola de Nancy, nem sempre possa curar, mas será para todos os casos um auxiliar precioso da therapeutica.

Experimentem os doentes o tratamento de seus males pela auto-sugestão. É simples, efficaz e... economico (p. 5).

Naquele período, Nise da Silveira não adere a uma concepção específica. Com a intenção de criar diálogos com os mais variados leitores, as colunas médicas apresentam propostas simples que auxiliem a população em seus cuidados pessoais, seja pela compreensão das emoções, dos sonhos ou pela autossugestão. Além de textos que abordam temas psicológicos, apresentou aos leitores assuntos médicos relacionados à alimentação: uma crítica à prática de superalimentação nos hospitais, um

curioso método para a obesidade e a relação entre processos mentais e endócrinos. Em relação ao primeiro tópico, é incisiva:

Os convalescentes, os fracos, os neurasthenicos, os tuberculosos, quasi sempre são submettidos a um regimen de superalimentação e repouso.

Este regimen é organizado frequentemente pela familia do doente, que, movida pelas melhores intenções, causa-lhe entretanto um grande mal. Ha medicos. mesmo arraigados ainda a esto velho erro. O miseravel organismo do doente é então sobrecarregado de uma quantidade enorme de alimentos, em refeições a pequeno intervalo, entre os quaes figuram abundantemente o leite, ovos em número fabuloso, papas, chocolate. Não é nestes casos tambem esquecido o repouso, o sedentarismo prejudicialissimo (Silveira, 1927c, p. 6).

Desse modo, Nise da Silveira se contrapõe a uma prática extremamente comum da medicina higienista dos fins do século XIX: a recomendação da boa alimentação e repouso para cura do doente, sobretudo em casos de tuberculose. O pressuposto era de que o ganho de peso seria sinal de boa saúde. O neohipocratismo ganhava espaço na medicina da época com as recomendações de ar, sol, repouso e alimentação (Pietta, 2015). Nise da Silveira (1927c) discorda:

O augmento de peso que a balança venha a accusar é logo tomado como signal inconfundível do reerguimento organico, da renascença de forças. (...). A verdade, porém, é que a superalimentação produz resultados nefastos. Introduzir num organismo cujas funcções digestivas sejam insufficientes uma quantidade de alimento que não possa ser assimilada, será motivar o destrambelhamento completo destas funcções. (...). Mas será preciso organizar um regimen alimentar conveniente e **racional**, que forneça ao organismo os alimentos sobre formas de mais facil assimilação e em quantidade não maior do que aquella que lhe é necessária (p. 6 – grifo nosso).

A crítica de Nise da Silveira à prática da superalimentação já apontava rumos que seriam tomados alguns anos após seu escrito. A autora evidencia a questão

do critério fisiopatológico, especificamente relacionado à nutrição, substituindo a ênfase na quantidade de alimentos para a assimilação pelo organismo, ou seja, propõe o planejamento racional e conveniente ao quadro clínico e a capacidade de assimilação de cada pessoa. Além das questões alimentares, critica a recomendação de repouso absoluto para os enfermos. Crítica que será mantida em seu trabalho no hospital psiquiátrico, no qual enfatizou as atividades e se opôs à clinoterapia (Silveira, 1966, 1979).

Alguns dias depois, retoma o tema da alimentação, com recomendações para pessoas obesas, sendo contrária ao que denomina como *fórmula clássica*: “diminuir a receita, aumentar despesa” (Silveira, 1927e, p. 4). Nesse sentido, tem-se, por um lado, que as recomendações gerais giram em torno de menor ingestão de alimentos gordurosos, açúcares, amidos e carboidratos e, por outro lado, a proposta da prática de exercícios físicos. Um ponto destacado por Nise da Silveira foi a descoberta fisiológica de as gorduras poderem se alojar não apenas no fígado, mas também nos pulmões. A partir de então, foram feitas novas propostas terapêuticas: “E assim, foi o canto preconizado para o tratamento da obesidade” (p. 4).

Antes de considerarmos a questão dos pulmões e do emagrecimento, é preciso realçar a conduta médica básica apontada por Nise da Silveira (1927e) que defende toda ação terapêutica como imperativamente individualizada. Nesse sentido, a ideia de um *tratamento racional* perpassa os pequenos textos das colunas do jornal. A racionalidade médica está associada a boas intervenções, ou seja, intervenções adequadas a cada organismo, a cada sujeito. No texto sobre a alimentação de pessoas hospitalizadas, as condutas racionais dizem respeito à ingestão de alimentos necessários e convenientes a cada organismo, ou seja, considerando as particularidades de cada pessoa. Em suma, o racional seria a medida certa para o organismo certo, ou seja, a justa medida.

Quanto à proposta de exercícios respiratórios que possibilitassem o emagrecimento, tal ideia ganhou força no final do século XIX, sobretudo na Inglaterra, tendo Henry Campbell como defensor, dentre outros (Sheppard, 2015). Com isso, chegou-se à conclusão de que o canto seria um dos exercícios possíveis para o emagrecimento. Em tom irônico, Nise da Silveira (1927e) recomenda o canto para todas as pessoas:

Um obeso que quer emmagrecer deve acrescentar um novo numero ao seu programma: cantar, cantar muito, seis, oito horas por dia.

É ainda questão contravertida a do valor real desse curioso processo, recentemente lançado. (...). E, como não é raro ter uma mesma cousa duas vantagens, o canto pôde ser tambem aconselhado aos magros. É um excellente exercicio pulmonar, desenvolve a caixa thoracica, os musculos thoracicos e diaphragmaticos, activa a hematose. Cantem todos. O canto embelleza a vida e eleva o espirito. Sob sua influencia os sentimentos expandem-se, a intelligencia subtiliza-se (p. 4).

Atualmente, entende-se que a perda de gordura passa pelo processo da respiração: a partir da redução do consumo calórico, da absorção de nutrientes ou do aumento do gasto energético, tem-se um estímulo da lipólise – quebra de gordura –, ocasionando o consumo da gordura corporal, oxidada e exalada como dióxido de carbono (Cho, Patel, & Rajbhandari, 2023). No entanto, a oxidação da gordura não ocorre nos pulmões, mas nas mitocôndrias, ou seja, o canto não serviria como método de emagrecimento.

A discussão sobre os novos métodos para o emagrecimento apontam para a temática da relação entre fatores mentais e orgânicos, no caso, as glândulas endócrinas. O seu posicionamento futuro segue a direção contrária aos argumentos da juventude, pois, apesar de não considerar que a relação entre mente e corpo seja dualista, naquele período, a base dos fenômenos psíquicos seria orgânica:

Ao conceito de “faculdades do espirito” como abstracção metaphysica, fallece base scientifica. A psychologia hodierna, plasmada em moldes positivos, é apenas um dos mais vastos e formosos capitulos da biologia. Para ella, o pensamento não pode ter senão bases organicas. Todas as manifestações psychicas são fenômenos concretos, determinados por um entresilhido complexo de factores diverso intrinsecos uns, outros exogenos. Entre physico e moral não existe dualismo irreductivel. Ao contrario, interdependem estreitamente. É interessante observar como simples perturbações organicas podem ter grande e importante repercussão no psychismo (Silveira, 1927g, p. 4).

Sendo assim, as glândulas endócrinas seriam de especial interesse, pois poderiam influenciar os processos psíquicos, a ponto de provocar “desvios do carácter e por este modo relacionando-se, não só com a psiquiatria, mas até mesmo com a antropologia criminal” (Silveira, 1927g, p. 4). Mesmo considerando que não há nada de conclusivo sobre o assunto, cita autores – Pende, Cabelleira, Lugaro e Timmes – que relacionam alterações endócrinas e a criminalidade. Esse assunto foi tratado por Nise da Silveira (1926) em sua tese inaugural sobre a criminalidade das mulheres no Brasil. Ademais, a relação da médica alagoana com os estudos criminais se estendeu para entrevistas sobre a psicologia de mulheres criminosas¹²¹ realizadas em 1928 e em laudo de um suposto assassinato nas dependências do hospital psiquiátrico¹²², em 1934. É importante ressaltar que, em sua abordagem no campo da saúde mental, a partir de 1944, Nise da Silveira (2024) combateu as intervenções biologicistas (eletrochoque, coma insulínico e lobotomia).

As questões sócio-epistêmicas estão presentes em duas colunas que abordam os limites entre sanidade e loucura, tendo como mote *O Alienista*, de Machado de Assis, e a relação entre pedagogia e psicologia. Esses são os assuntos que mais se aproximam das futuras propostas de Nise da Silveira para o campo da saúde mental, pois trazem argumentos contrários à medicina cartesiana, a possibilidade de a arte contribuir para a aprendizagem no campo da medicina e da construção de uma abordagem terapêutica que articula teoria e prática.

Em *Jung: vida e obra*, Nise da Silveira (1968) aborda, dentre outros assuntos, questões relativas à obra de arte e ao artista e, ao analisar a obra de Machado de Assis, traz a seguinte pergunta: “que resta ao psicólogo fazer, ainda hoje, em relação à obra de Machado de Assis senão admirar o autor?” (p. 159). E recomenda que os estudantes trocassem “vários de seus manuais de psicologia, por exemplo, pela *Busca de Tempo Perdido* de Proust” (p. 156). Nise defendia que a arte poderia ensinar aos psicólogos muito mais que os manuais, recomendação que não fica somente em palavras, mas que a própria autora leva adiante ao abordar diversos assuntos a partir da compreensão plástica, teatral, literária... Essa perspectiva se encontra em sua tese

121 Em janeiro de 1928, a Revista Criminal publicou a seguinte matéria: *Psychologia das Mulheres Criminosas no Brasil* – Uma criminalista brasileira emite, a respeito, originaes e sugestivos conceitos, transcrevendo trechos de uma entrevista de Nise da Silveira para o jornal O Globo.

122 Em 6 de março de 1934, o Jornal do Brasil publicou a matéria *Na Casa dos Doidos*. Baseado na autópsia efetuada por Armando Campos, o psiquiatra Henrique Roxo se contrapõe ao lado emitido por Nise da Silveira.

inaugural (Silveira, 1926) e na coluna sobre a novela de Machado de Assis (Silveira, 1927g):

O nosso grande Machado de Assis, num dos seus contos adoráveis, fez subtilissima critica à medicina. Quero referir-me ao typo altamente interessante do Dr. Simão Bacamarte, o alienista famoso que em toda gente descobria symptomas de perturbação mental e acabou convencido de ser elle o unico homem, na cidade, de psychismo integro. Era, portanto, a hygidez mental perfeita, uma anormalidade. Por isso, alienista expulsou todos os habitantes da Casa Verde e lá encerrou-se sózinho. O pobre Simão Bacamarte, esqueceu-se de notar que tinha elle tambem uma exquisitice devéras grave e bizarra: a de diagnosticar loucuras. A Casa Verde devêra ficar vasia... De um modo geral, entre estados physiologicos e pathologicos, é difficil estabelecer demarcação precisa, limites determinados. No que diz respeito então a sciencia psychiatrica as fronteiras são ainda mais recortadas (p. 5).

Então, quais seriam as fronteiras entre a sanidade e a loucura? A partir dessa pergunta, acrescenta: “Para o estudioso do assumpto, a nossa sociedade, o nosso mundo politico, offerecem espectaculo soberbo” (Silveira, 1927g, p. 5). Essa questão está diretamente relacionada ao tema da educação em nosso país que pode impedir o desenvolvimento das potencialidades dos jovens. Nesse caso, a medicina e a psicologia poderiam contribuir para que ocorressem mudanças significativas nos processos educacionais: “Os pedagogos modernos comprehenderam a responsabilidade que lhes cabe, recorreram á psychologia, á medicina, e edificaram uma verdadeira sciencia, a sciencia de educar, que hoje assume, nos paizes civilizados, importancia máxima” (p. 5).

Com tal proposta, há um deslocamento daquilo que deve ser cultivado nas crianças: não mais, a busca pelo ensino de códigos de escrita ou de matemática, mas a educação dos sentidos, o estímulo para a compreensão das ideias e a capacidade de estabelecer associações. Sendo assim, a arte ganha destaque como elemento que propicia a boa percepção, o apuro dos sentidos e a valorização do senso estético. Além disso, considera que as proposições de Édouard Claparède contribuem para o reconhecimento das aptidões de cada criança, independente da classe social.

Enfim, é importante frisar que a proposta de reconhecimento das aptidões desemboca em uma crítica sobre as diferentes condições sociais e desiguais oportunidades, com privilégios para os filhos das famílias burguesas. Podemos vislumbrar o pensamento político que Nise da Silveira desenvolveria poucos anos depois, pois, em 1929, temos a primeira notícia de sua participação em um movimento político, integrando o grupo que organizou a Liga Anti-Imperialista do Brasil¹²³.

123 No dia 21 de fevereiro de 1929, o jornal *Crítica* anuncia que foi criada, no dia anterior, na redação do jornal *A Esquerda*, a Liga Anti-Imperialista do Brasil. A assembleia contou com o deputado Azevedo Lima na presidência, secretariado por Pedro Motta Lima e Raul Karacik. O comitê central foi constituído da seguinte maneira: Presidente – Maurício de Lacerda, Secretário Geral – Pedro Motta Lima, 1º Secretário – Raul Karacik. 2º Secretário – Francisco Mangabeira, Bibliotecário – Danton Jobin, demais integrantes: Azevedo Lima, Josias Carneiro Leão, José Jobin, Minervino de Oliveira, Osório Borba, Octávio Brandão, Emiliano Di Cavalcanti, Yankler Theodoro, Manoel Karacik, J. Neves, Arthur Basbaum, Mário Magalhães e Nise da Silveira.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

CHO, C. H.; PATEL, S.; RAJBHANDARI, P. Adipose tissue lipid metabolism: lipolysis. *Current Opinion in Genetics & Development*, v. 83, p. 102114, 2023.

ELLENBERGER, H. F. A Descoberta do Inconsciente. São Paulo: Perspectiva, 2023. (Obra original publicada em 1970).

JAMES, W. Pragmatismo. In: *Os Pensadores: William James*. p. 3-109. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Obra original publicada em 1907).

PAMPLER, J. The History of Emotions: an introduction. Oxford: Oxford University Press, 2015.

PIETTA, G. Medicina, Eugenia e Saúde Pública: João Candido Ferreira e um receituário para a nação (1888-1938). [Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste], 2015.

SHEPPARD, J. R. Sound of Body: music, sports and health in Victorian Britain. *Journal of the Royal Musical Association*, v. 140, n. 2, p. 343-369, 2015.

SILVEIRA, N. Consultorio medico. *A Manhã*, ano III (485), p. 8, 15 jul. 1927a.

SILVEIRA, N. Curiosidades medicas. *A Manhã*, ano III (489), p. 4, 20 jul. 1927b.

SILVEIRA, N. Um pouco de medicina. *A Manhã*, ano III (499), p. 6, 31 jul. 1927c.

SILVEIRA, N. Um pouco de medicina. *A Manhã*, ano III (503), p. 5, 5 ago. 1927d.

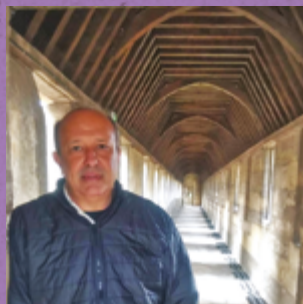
SILVEIRA, N. Um pouco de medicina. *A Manhã*, ano III (507), p. 4, 10 ago. 1927e.

SILVEIRA, N. Um pouco de medicina. *A Manhã*, ano III (509), p. 5, 12 ago. 1927f.

SILVEIRA, N. Um pouco de medicina. *A Manhã*, ano III (510), p. 4, 13 ago. 1927g.

SILVEIRA, N. Um pouco de medicina. *A Manhã*, ano III (519), p. 4, 24 ago. 1927h.

YEATES, L. B. Émile Coué and his Method (I): the chemist of thought and human action. *Australian Journal of Clinical Hypnotherapy & Hypnosis*, v. 38, n. 1, p. 3-27, 2016.



Walter Melo é professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Docente dos programas de pós-graduação em psicologia da UFSJ e da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Coordenador do Caminhos Junguianos – Laboratório de Pesquisa em Psicologia Analítica, que congrega o Núcleo de Estudo, Pesquisa e Intervenção em Saúde (NEPIS), o Grupo Caminhos Junguianos e a Cátedra Nise da Silveira. Graduado em psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e doutor em psicologia social pela UERJ. Pós-doutorado pela Sorbonne. Pós-doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).